

um

CARNIVAL

em cada

ESQUINA

parque-barracão para escola de samba de Campinas-SP



ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA, DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Júlia Simmelink Clemente de Souza

um CARNAVAL em cada ESQUINA

parque-barracão para escola de samba de Campinas-SP

Trabalho de Graduação Integrado

Comissão de Acompanhamento Permanente (CAP)

Profa.Dra. Aline Coelho Sanches

Profa.Dra. Carolina Akemi Martins Morita Nakahara

Prof. Dr. Joubert José Lancha

Profa.Dra. Luciana Bongiovanni Martins

Profa.Dra. Máisa Fonseca de Almeida (orientadora)

Coordenadora do Grupo Temático (GT)

Profa.Dra. Ana Carolina Fróes Ribeiro Lopes

São Carlos

dezembro 2023

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S729c Souza, Júlia Simmelink Clemente de  
Um carnaval em cada esquina: parque-barracão para  
escola de samba de Campinas-SP / Júlia Simmelink  
Clemente de Souza. -- São Carlos, 2023.  
156 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura  
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2023.

1. carnaval. 2. cultura. 3. escola de samba. 4.  
arte. 5. samba. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:  
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



Atribuição Não Comercial - Compartilhe Igual - CC BY-NC-SA

## ÍNDICE

agradecimentos	06
resumo	09
abre alas: nota da autora	10
introdução	14
bê-á-bá do carnaval	20
carnaval e samba	22
o carnaval no sudeste	26
Campinas: história (d)e carnaval	32
escolas (de samba): cultura e comunidade	50
espaços da escola de samba	52
escolas de samba em Campinas	56
conhecendo os territórios	60
deu samba: escolha do local	78
Jardim Shangai: usos e dinâmicas	80
GRES Unidos do Shangai	88
diretrizes projetuais	90
parque linear do Pium: referências	92
parque linear do Pium: diretrizes	96
parque linear do Pium: projeto	98
barracão Unidos do Shangai: referências	114
barracão Unidos do Shangai: diretrizes	118
barracão Unidos do Shangai: projeto	120
referências	150

# AGRADECIMENTOS

Em um trabalho que evoca fortemente o sentido ancestral e comunitário, eu não poderia deixar de agradecer às comunidades das quais faço parte e que também fazem parte de mim. Primeiro, agradeço à minha família, minha comunidade sanguínea, que sempre acreditou nos meus sonhos e fez de tudo para que eles se tornassem a realidade mais bonita que poderia existir. Obrigada por terem acreditado que eu conseguiria concluir essa etapa mesmo quando eu nunca nem me imaginava passando numa universidade pública.

Segundo, agradeço à comunidade de laços que não são sanguíneos, mas que o afeto e o carinho também são imensos. Obrigada a todos meus amigos e amigas que tornaram esses seis anos mais leves, especialmente às minhas amigas Naiara e Cecília que fizeram parte dessa loucura de graduação e dividiram não só os perrengues de trabalhos e de vida mas também muitas risadas, conselhos, amor e carinho.

Terceiro, mas de uma importância primordial, agradeço à comunidade que eu escolhi pertencer e criar junto, à família que eu jamais sonhei e que mesmo assim se tornou uma realidade melhor do que qualquer sonho que já tive. Obrigada Isaac por ser meu melhor amigo, namorado, noivo, arquiteto e urbanista; e por estar sempre presente, de perto ou de longe, me apoiando e acreditando em mim mais do que eu mesma. E obrigada Fubá por ser o melhor companheirinho de quatro patas que eu poderia ter, mesmo comendo nossas meias. Ansiosa pela próxima etapa da minha vida construindo uma vida com vocês.

*Dedico este trabalho ao meu vô Jorge, com quem tenho as minhas primeiras lembranças em um carnaval de rua, onde quer que ele esteja.*

# RESUMO

UM CARNAVAL EM CADA ESQUINA é o projeto de um parque linear que abriga, entre várias atividades, um barracão para a escola de samba Unidos do Shangai, ambos localizados no Jardim Shangai, região sudoeste de Campinas, São Paulo.

O objetivo do edifício-barracão e do parque linear é abrigar diversas manifestações artísticas e culturais - como por exemplo o carnaval- e ser um local de encontro da comunidade em que estão inseridos. Por acreditar que a verdadeira democratização da arte e da cultura deva acontecer no cotidiano e não em instituições fechadas, que propagam falsas democratização de acesso e participação da comunidade, o presente projeto visa a criação de um edifício-barracão aberto, multiuso, permeável, convidativo e que se insira na paisagem assim como no cotidiano da população.

O projeto visa, também, o resgate e a (re)valorização do carnaval<sup>1</sup> como forma de manifestação artística e também das escolas de samba e do seu importante papel social, econômico e cultural que desempenham em suas comunidades.

O carnaval, para além da festa, é trabalho, é arte: música, dança, escultura, encontro, celebração e muito mais, motivo pelo qual este trabalho, além de apresentar um projeto de arquitetura e urbanismo, conta também com uma playlist, com músicas importantes tanto para a concepção do projeto como para a trajetória do samba e também para a trajetória pessoal da autora. A playlist pode ser acessada [aqui](#) ou através do QR code abaixo.



Palavras-chave: carnaval, cultura, escola de samba, arte, samba

BATUQUE É UM PRIVILÉGIO  
NINGUÉM APRENDE SAMBA NO  
COLÉGIO  
FEITIO DE ORAÇÃO - NOEL ROSA

E TUDO QUE APRENDI O  
SAMBA ME ENSINO  
SEMPRE FOI O SAMBA O MEU  
GRANDE AMOR  
- BODAS DE OURO, DONA IVONE  
LARA

<sup>1</sup> Resgate e a revalorização no meio acadêmico, no sistema artístico nacional e no poder público municipal, esferas nas quais o carnaval é repetidamente negado como produtor de arte, cultura e trabalho.

## ABRE ALAS: nota da autora

PORQUE O SAMBISTA NÃO  
PRECISA SER MEMBRO DA  
ACADEMIA  
SER NATURAL COM SUA  
POESIA E O POVO LHE FAZ  
IMORTAL  
- TESTAMENTO DE PARTIDEIRO,  
CANDEIA

Para além de um trabalho final de graduação, este projeto foi pensado e desenvolvido também como uma forma de reverência, exaltação e agradecimento a tudo que o samba e o carnaval proporcionaram na minha vida.

Importante ressaltar que o material apresentado neste trabalho parte do ponto de vista de uma mulher branca, admiradora e vivente do samba, do carnaval e demais manifestações artísticas afrocentradas, mas longe de ser uma das protagonistas do seu fazer. Entendo que o samba e o carnaval são movimentos de soma, mas também não esqueço quantos foram subtraídos para que esse ritmo e esta celebração chegassem vivos até aqui, e é por respeito a estes que se foram e para celebrar os que estão aqui agora fazendo o samba e o carnaval acontecerem que escrevo este trabalho.

Com quase um quarto de século vivido, hoje entendo que minha conexão divina não se dá num espaço silencioso, contemplativo e introspectivo como das igrejas, mas sim em locais de barulho, comunhão, festa, batida na palma da mão e muita dança - uma roda de samba. Acontece que **“um bom samba é forma de oração”** como cantou o mestre Candeia.

Para além das grandes e dos grandes sambistas brasileiros nacionalmente conhecidos e reconhecidos, saúdo aqui também todas e todos artistas campineiros do samba, pagode e carnaval que movem essa cidade, apesar de não estarem nos holofotes. Como filha de um desses artistas, conheço razoavelmente bem a vida que acontece atrás do palco.

Se depender de mim e dos meus, vamos seguir a vida sempre motivados a cumprir a famosa frase cantada por Alcione, e não deixar o samba morrer nem acabar.

## VAI PASSAR - chico buarque

Vai passar

Nessa avenida um samba popular

Cada paralelepípedo

Da velha cidade

Essa noite vai

Se arrepiar

Ao lembrar

**Que aqui passaram sambas imortais**

Que aqui sangraram pelos nossos pés

**Que aqui sambaram nossos ancestrais**

Num tempo

Página infeliz da nossa história

Passagem desbotada na memória

Das nossas novas gerações

**Dormia**

**A nossa pátria mãe tão distraída**

**Sem perceber que era subtraída**

**Em tenebrosas transações**

Seus filhos

Erravam cegos pelo continente

Levavam pedras feito penitentes

Erguendo estranhas catedrais

**E um dia, afinal**

**Tinham direito a uma alegria fugaz**

**Uma ofegante epidemia**

**Que se chamava carnaval**

O carnaval, o carnaval

(Vai passar)

Palmas pra ala dos barões famintos

O bloco dos napoleões retintos

E os pigmeus do bulevar

**Meu Deus, vem olhar**

**Vem ver de perto uma cidade a cantar**

**A evolução da liberdade**

Até o dia clarear

Ai, que vida boa, olerê

Ai, que vida boa, olará

O estandarte do sanatório geral vai passar

Ai, que vida boa, olerê

Ai, que vida boa, olará

O estandarte do sanatório geral

Vai passar



FIGURA 1- CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA BANDEIRA NO CARNAVAL DE CAMPINAS DE 2011. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

# INTRODUÇÃO

Para honrar o título que este projeto leva, as motivações, inquietações e problemáticas que o suscitaram se originaram de um carnaval de ideias, até convergirem nele mesmo, o carnaval, como a síntese de ideias, referências e de uma esfera **política, revolucionária e subversiva** que este trabalho buscará apresentar.

É importante salientar, primeiramente, a existência de diversos carnavais no Brasil. Em cada região do país essa manifestação cultural congrega outros personagens, danças e estilos, como o frevo e o maracatu no Nordeste; o cururu e a catira no Centro-Oeste; a manifestação folclórica do Boi-Bumbá no Norte, entre diversos outros. Neste trabalho estamos nos referindo aos carnavais das escolas de samba e dos blocos de rua que ocorrem na região sudeste do país, mais especificamente no estado de São Paulo.

Alguns pontos de partida do projeto, a serem discutidos a seguir, são o espaço da arte no século XXI; a não democratização do acesso às artes e suas instituições; a negação do carnaval como fazer artístico; e a dimensão carnavalesca do direito à cidade e subversão do cotidiano.

## Os espaços da arte no século XXI

A ampliação do espaço físico de museus como o MASP e a Pinacoteca de São Paulo são sintomas de um acontecimento vigente no universo museal ao redor do mundo. Os museus, criados inicialmente de acordo com a escala de pinturas e esculturas do século XIX, hoje se vêem na necessidade de expandir suas escalas e espaços para abrigar obras de tamanhos e suportes diferentes (FOSTER, 2021). Museus estadunidenses como o Metropolitan Museum of Art (The MET) e o Museum of Modern Art (MoMA) realizaram projetos para a criação das chamadas caixas cinza, a junção do cubo preto do teatro com o cubo branco das exposições, um espaço flexível com o objetivo de abrigar novas manifestações como performances, audiovisuais, etc.



FIGURA 2 - PINA CONTEMPORÂNEA. FONTE: PINACOTECA DE SÃO PAULO



FIGURA 3 - PROJETO DE EXPANSÃO DO MASP. FONTE: MASP

Essas novas escalas da arte também geraram a criação de diversos museus a partir do zero, cenário no qual se destacam o Guggenheim de Bilbao, de Frank Gehry; e o Museo Nazionale delle Arti del XXI Secolo, o Maxxi, de Roma, projeto de Zaha Hadid. Em ambos os casos, Hal Foster (2021) assinala como estes edifícios são esculturais, deixando a arte que irão expor em segundo plano e desviando a atenção do programa básico do projeto. Tais obras também suscitam o questionamento de quais são os espaços necessários pela arte contemporânea e, ao mesmo tempo, podem incentivar a criação de mais caixas cinzas, que muitas vezes podem restringir as obras ao invés de impulsioná-las, se mostrando um espaço não tão flexível como se acreditava (FOSTER, 2021).

Além da criação de museus, há também a criação de espaços culturais mais “amplos” - fisicamente e artisticamente, na tentativa de abarcar as diferentes manifestações artísticas oriundas da arte contemporânea. É o caso do The Shed, em Manhattan, Nova York. Uma estrutura de quase 20 mil metros quadrados projetada por Diller Scofidio + Renfro com um fechamento móvel que pode se expandir e abrigar a praça em frente, adicionando mais de mil metros quadrados de espaço para performances com um ambiente climaticamente controlado (BISHOP, 2018). Essa estrutura flexível permite ser ajustada para os mais variados tipos de eventos. Apesar dos diferenciais arquitetônicos e das propostas de ser um local mais aberto e participativo para o público do que um espaço expositivo dirigido por curadores, Bishop (2018) chama a atenção para o site do The Shed, o qual contém uma lista enorme de itens proibidos de serem levados e usados no local, demonstrando como não é um espaço tão participativo, aberto e convidativo como se propõe, e se tornando, segundo a autora, um POPS (privately owned public spaces): espaços públicos de propriedade privada, em português.

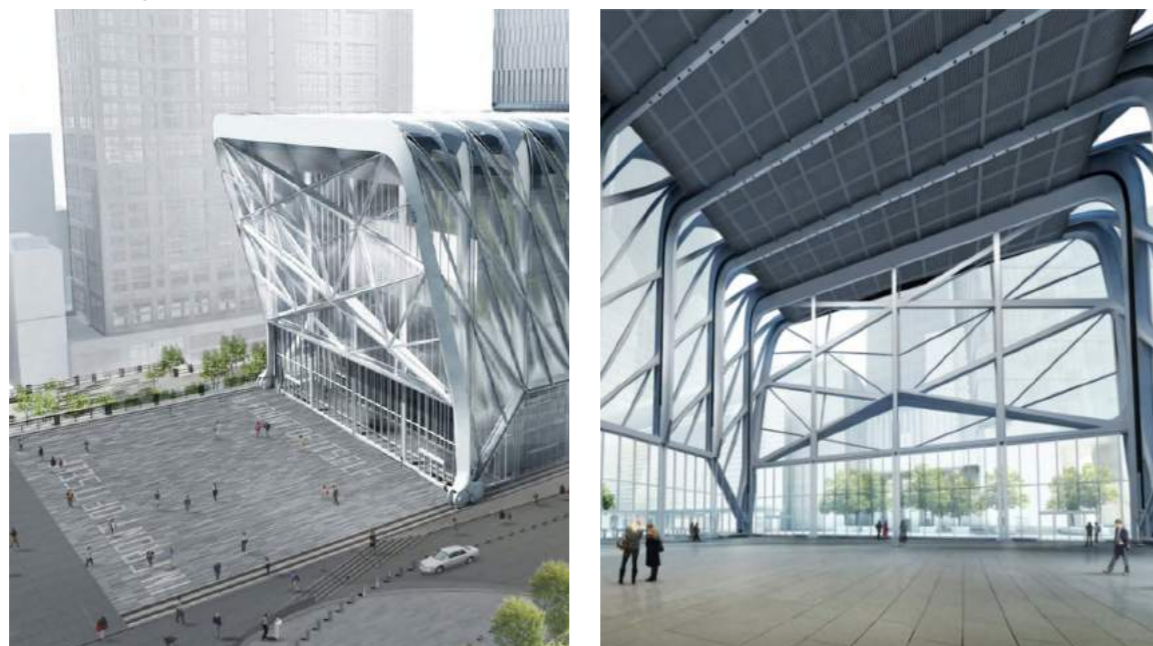
Essa mercantilização dos espaços públicos é descrita por Harvey (2013) como uma falsa sensação de liberdade de escolha desde que se tenha dinheiro para pagar pela opção escolhida, proliferando os espaços como os mega museus e o The Shed, que se tornam modelos de sociabilidade humana acatados com entusiasmo por serem uma novidade.

Nesse sentido as contribuições de Bishop (2018) e Foster (2021) se encontram, mostrando como os espaços pensados e projetados para comportar diversas manifestações artísticas e diferentes usos pelo público podem se tornar o exato oposto. Para Foster (2021, p. 92) “em vez de reiterar os ambientes imersivos do espetáculo, a arquitetura de museus poderia levar em conta espaços capazes de suportar outros tipos de subjetividade e sociabilidade”. E Bishop (2018) corrobora, salientando que a arquitetura de um espaço importa menos do que como esse espaço é utilizado. Não são necessários projetos gigantescos com estruturas retráteis que custam quantias absurdas de dinheiro para se ter um local de arte, cultura, encontro, performance, etc. Mas como Foster aponta, parece que para a crítica arquitetônica atual “o espetacular é um substituto suficientemente bom para o democrático” (FOSTER, 2017, p. 61).

Retornando ao questionamento supracitado de Foster (2021) de quais são os espaços necessários pela arte contemporânea, talvez Bishop (2018) tenha começado a delinear uma possível resposta: os espaços hoje não precisam ser curados [de curadoria], precisam ser ocupados.

Tais reflexões reforçam o encontro desse projeto com o tema do carnaval e a necessidade de se ocupar, por exemplo, as ruas, o espaço público por excelência das cidades, reforçando o direito à cidade e a capacidade que o espaço urbano possui de abrigar obras de infinitas escalas. Projetar um espaço cultural aberto, uma estrutura permeável dentro de um parque linear, é um contraponto não apenas à limitação espacial dos museus e centros culturais, mas também a essas instituições - em sua

maioria privadas - que promovem uma democratização, liberdade e participação de fachada, quando no fundo ainda são dominadas pelas lógicas capitalistas de funcionamento, controle e exclusão. Apesar do histórico<sup>2</sup> dessas instituições artísticas criarem cada vez mais políticas de inclusão e maior abertura para visitantes diversos, sabemos que esta realidade está longe de ser a ideal. Por mais que pautas político-sociais sejam cada vez mais discutidas em diversas esferas da sociedade, o quanto de fato essas instituições possuem um público diverso? Quem realmente tem acesso às instituições culturais no Brasil hoje?



FIGURAS 4 E 5 - PROJETO THE SHED E INTERIOR DA PRAÇA COBERTA. FONTE: ARCHITIZER

### **O carnaval (como) arte**

Trazer a temática do carnaval para este projeto não significa apenas trazê-lo como representação do encontro, da festa e de diversas manifestações artísticas, mas sim resgatar e (re)afirmar o que grande parte da população brasileira, bem como o sistema artístico nacional, ainda não entendem: o carnaval como fonte produtora de arte (VALOURA, 2021).

Ainda em 1975 o crítico Mario Pedrosa (1975, p. 538) escreveu sobre a distinção entre a cultura popular e a dita cultura erudita como uma forma de manutenção dos interesses da burguesia: “O ‘artista’ só existe como produtor de arte erudita; quem faz arte popular não é artista, dificilmente um criador, mas apenas um artesão”. O carnaval como arte popular, fruto da cultura negra, historicamente renegada pelo país racista em que vivemos, fonte de cultura que engloba diversas manifestações artísticas como música, dança e escultura, e possuidor de uma grande dimensão coletiva se encaixa nessa óptica (CHRIST, 2021).

As produções carnavalescas não necessitam, como salienta Christ (2021), estar expostas apenas em contexto carnavalesco, mas podem também integrar exposições de arte contemporânea, como foi o caso da Bandeira Brasileira, da G.R.E.S (Grêmio Recreativo Escola de Samba) Estação Primeira de Mangueira de 2019, exibida no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), em exposição de Hélio Oiticica que contou com a curadoria do carnavalesco Leandro Vieira. Segundo o historiador da arte Leonardo Antan, o carnaval é uma produção cultural que não pode ser isolada e deslocada do tempo já que também é uma forma de retratar a cultura na qual está inserida e “é tão importante para

a nossa identidade nacional como obras contemporâneas produzidas em áreas vistas como tradicionais” (ANTAN, 2021).

Contudo, percebe-se que mesmo em âmbitos mais “tradicionais” da arte contemporânea, a produção carnavalesca continua a ser negada e apagada, o que ocorre por exemplo com a própria produção de Oiticica, como os Parangolés, obras criadas no contexto carnavalesco que só se completam e fazem sentido quando colocadas em movimento pelo espectador-participante. Apesar de terem sido criados dentro da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, “os Parangolés desfrutaram de um status cristalizado como obra de arte do modernismo, frequentemente sendo expostos fora de seu contexto” (CHRIST, 2021), o que reforça a necessidade de se considerar o carnaval como fonte produtora de arte e contextualizá-lo na historiografia da arte brasileira, principalmente da arte contemporânea. Acerca disso, as indagações de Valoura (2021) são pertinentes:

“O sistema institucional da arte, mesmo se adequando às novas narrativas e modos de ser pensar a arte, resiste ao que é produzido em barracões, comunidades, ateliês especializados em carnaval. Por que insistem ainda em ver os desfiles das escolas de samba somente como festa, entretenimento, produto de cultura popular?” (VALOURA, 2021, p. 731)



FIGURAS 6 E 7 - PARANGOLÉS, DE HÉLIO OITICICA. FONTE: HH MAGAZINE

Como dito no início deste tópico, trazer o carnaval para o presente projeto consiste também na tentativa de colocá-lo como centro produtor de cultura e arte. Não apenas o carnaval no sentido literal, mas tudo que ele proporciona: a festa, o encontro, a criatividade e a espontaneidade, subvertendo as estruturas de arte erudita e popular, e mostrando que há mais do que apenas a dimensão do entretenimento na mais famosa manifestação cultural brasileira.

### **Carnaval, cidade e subversão**

É na cidade que se fazem presentes as necessidades sociais do ser, que Lefebvre (2001) distingue entre antropológicas e específicas, como a atividade criativa, o lúdico, que necessitam de um espaço qualificado na cidade para ocorrerem. Entretanto, para o autor, a cidade não passa de um objeto de consumo para turistas, voltada ao espetáculo - o que nos permite relacionar em alguns níveis também com o espetáculo segundo Guy Debord e sua crítica de uma sociedade passiva, guiada por imagens. Como destaca Lefebvre (2001), a composição e o funcionamento da cidade estão intimamente relacionados com a sociedade a qual ela abriga. Nesse sentido, as mudanças na cidade também são oriundas

<sup>2</sup> breves exemplos desse histórico é o Movimento Internacional por uma Nova Museologia (MINOM), criado em 1985, oriundo de décadas de discussões, reflexões e encontros sobre o papel social dos museus e sua democratização, ideais que se refletiram em diversos museus pelo mundo. Contemporaneamente, temos, por exemplo, o MASP, em São Paulo, que desde 2018 vem desenvolvendo seminários e debates sobre Arte e Descolonização, como pesquisado pela autora em iniciação científica entre 2020 e 2021.

das relações entre as pessoas e os grupos sociais que a compõem. Apesar de ser tomada como objeto de consumo, para Lefebvre a cidade seria mais associada à obra de arte do que um produto material: “se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos” (LEFEBVRE, 2001, p.52). Se a cidade pode ser considerada uma obra de arte que depende das diversas relações sociais para acontecer, cabe considerarmos uma obra de arte coletiva, feita por diversos autores, com distintas camadas - tempo, memória, identidade, etc.

Desse modo, as relações entre cidade, arte e sociabilidade remetem novamente para o tema do carnaval, nascido como festa urbana, congregando sociabilidade, encontro e arte no espaço urbano. Para Belitardo (2021), os espaços da cidade, como a rua e outros espaços públicos, são fundamentais para a compreensão do carnaval, que desde seu início é uma festa urbana. Durante essa festa, as ruas são apropriadas e experimentadas de modos diferentes do comum pela população, o que a autora chama de transgressões carnavalescas, gerando temporariamente um desequilíbrio no modo de funcionamento das cidades, o que ao longo da história resultou em diversas tentativas de domesticação e higienização dessas festas populares e de seus locais de prática (BELITARDO, 2021).

Para além da criação de novas lógicas de uso dos espaços da cidade, principalmente a rua, o carnaval também permite “múltiplas atividades que, pelo caminho do encontro e da arte, tecem novas formas de sociabilidade que ajudam a superar a lógica da cisão” (SAPIA, 2018, p.5).

Por mais que tais características nos remetam, num primeiro momento, aos blocos de carnavais que ocorrem pelas ruas da cidade, é importante destacar que os grandes desfiles de escolas de samba, como nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, por mais que hoje aconteçam no espaço fechado dos sambódromos, também se iniciaram com as escolas, na época ainda organizadas como cordões carnavalescos, desfilando pelas ruas das cidades (BARONETTI, 2013; GARCIA, 2019). Além disso, em carnavais de menores escalas que ocorrem em outras cidades, como o de Campinas, o desfile das escolas de samba ainda ocorre nas ruas da cidade, subvertendo a lógica de uso e ocupação desse espaço público. Assim, por mais que exista no cenário atual de privatização e comercialização de atividades culturais a tentativa de atrair investimentos usando o carnaval espetacularizado dos sambódromos (SAPIA, 2018), não se pode esquecer a origem das escolas de samba, bem como o importante papel social, econômico e cultural que elas desempenham nas suas comunidades e a resistência que elas - e o samba - enfrentam desde sua criação.

Nesse sentido, o carnaval é considerado por diversos autores como uma inversão social, um “momento de abolição provisória de todas as hierarquias” (SAPIA, 2018, p.8), enfatizando seu caráter subversivo e seu potencial revolucionário e democrático, que pretende ser explorado neste trabalho a fim de se garantir o direito à cidade, de subverter, mesmo que temporariamente, a lógica de funcionamento da mesma e de imaginar uma nova forma de criar a cidade, a sociedade e a arte, de modo verdadeiramente democrático.

É a partir do momento em que a cidade, o espaço do convívio, do encontro e da comunidade, passa a ser o local das artes, e não apenas a ter locais de arte, que se pode pensar na ideia de diversas manifestações artísticas - aqui sintetizadas pelo carnaval - em cada esquina.



FIGURA 8 - MESTRE SALA E PORTA-BANDEIRA EM PELAS RUAS DE CAMPINAS NO CARNAVAL DE 2015. FONTE: PREFEITURA DE CAMPINAS

# BÊ-Á-BÁ DO CARNAVAL

Antes da apresentação do projeto, algumas definições e esclarecimentos acerca de termos do universo carnavalesco são necessárias tanto para conhecimento e aproximação com o carnaval quanto também para um melhor entendimento do presente trabalho. As definições foram retiradas do \*Dicionário da História Social do Samba,\* de Lopes e Simas (2015).

**ALEGORIA.** Denominação de cada uma das figuras ou ornamentações que, movimentando-se mecanicamente ou por força humana, ilustram o enredo de uma escola de samba (Houaiss e Villar, 2001). O mesmo que carro alegórico. [...] Ao longo dos anos, as ingênuas alegorias dos primeiros tempos deram lugar a produtos artísticos bem-acabados, inclusive complementados por adereços e outros ornamentos e, mais recentemente, por figurantes de carne e osso.

**AVENIDA.** Uma das acepções do vocábulo “avenida” é a de via urbana, mais larga que a rua, geralmente arborizada (Houaiss e Villar, 2001). [...] Como a ampla artéria era o palco principal do carnaval, o substantivo passou, então, a ser usado, no jargão carnavalesco, com o sentido de local de desfile. Forma de referência que ainda permanece no imaginário do samba, mesmo após a inauguração de sambódromos.

**BANTOS.** Conjunto de povos localizados principalmente na região do centro-sudoeste do continente africano. Indivíduos dessa origem, em especial os embarcados nos portos de Cabinda, Luanda e Benguela, representaram cerca de dois terços dos enviados para as Américas como escravizados entre os séculos XV e XIX. Responsáveis pela introdução no continente americano de múltiplos instrumentos musicais, como a cuíca ou puíta, o berimbau, o ganzá e o reco-reco, bem como pela criação da maior parte dos folguedos de rua até hoje brincados nas Américas e no Caribe, foram certamente africanos do grupo Banto, falantes de línguas como quimbundo, quicongo, umbundo e aparentadas, que legaram à música brasileira as bases do samba e o amplo leque de manifestações que lhe são afins.

**BARRACÃO.** No ambiente das escolas de samba, denominação da edificação, geralmente fora do espaço da sede da agremiação, em cujo interior se confeccionam alegorias, aviamentos, adereços e fantasias para o desfile.

**BLOCOS CARNAVALESCOS.** Um bloco é um grupo indistinto de pessoas: assim como um rancho é um grupo de pessoas em marcha. Os blocos carnavalescos foram passando, ao longo da década de 1920, da condição de grupos anárquicos de foliões para grupamentos organizados e trajados de modo uniforme. Constituíram-se, por isso, em ancestrais próximos das primeiras escolas de samba. Os blocos cariocas, inclusive aqueles não ligados ao mundo do samba, seguem predominantemente, guardadas as devidas proporções, o modelo de desfile das escolas de samba: apresentam-se com carro de som, bateria e sem instrumentos de sopro (usados, por razões financeiras, em poucos casos), executando principalmente sambas de criação própria, também escolhidos por concurso, como os sambas de enredo.<sup>3</sup>

**CORDÃO.** Folguedo em forma processional do antigo carnaval carioca, surgido por volta de 1885. Ao lado do rancho carnavalesco, o cordão é uma das manifestações antecessoras das escolas de samba, as quais, até pelo menos a década de 1950, conservaram alguns de seus elementos.

**ESCOLA DE SAMBA.** Espécie de sociedade musical e recreativa que participa dos desfiles de carnaval, cantando e dançando a modalidade de samba tipificada como samba de enredo, apoiada por cenografia. Ao longo do tempo, os elementos constitutivos das escolas de samba foram se transformando. O auge dessas transformações ocorre por volta da década de 1970, quando as escolas começam a perder o caráter de expressão de arte negra para se transformarem em expressão artística mais descompromissada, eclética e universal; em espetáculo, enfim, no qual apenas alguns poucos elementos remetem ao seu significado original. A partir da experiência carioca, o fenômeno escola de samba disseminou-se pelo Brasil. Então, algumas modalidades de folguedos em cortejo já praticadas (cordões, ranchos, blocos) passaram a receber a denominação consagrada na então Capital Federal.

**RANCHO CARNAVALESCO.** Espécie de sociedade carnavalesca carioca antecessora da escola de samba, e na qual esta foi buscar alguns de seus principais elementos constitutivos.

**TERREIRO.** Denominação usual do espaço, geralmente de terra batida e que fica à porta das habitações, onde se realizam festejos, folguedos, bailados etc. Igualmente, local onde se celebram ritos dos cultos afro-brasileiros (Houaiss e Villar, 2001). Nas escolas de samba cariocas, até pelo menos a década de 1960, o local onde se realizavam os ensaios e preparativos do carnaval recebia a denominação “terreiro”, e isso certamente em referência às casas onde o samba se plasmou. Os sambas cantados nos terreiros, que depois passaram a ser chamados de “quadras”, são tradicionalmente referidos como sambas “de terreiro”. Observemos que até a década de 1960, o comportamento dos componentes da escola no terreiro do samba obedecia a regras semelhantes às aquelas vigentes nos terreiros religiosos.

<sup>3</sup> os blocos de Campinas também apresentam tais características próximas às das escolas de samba, com bateria, carro de som, escolha de enredo e criação de música própria para seus desfiles a cada ano.

# CARNAVAL E SAMBA

**“Todavia, tanto no plano artístico quanto no social, o samba surpreende por seu poder de resistência à permanente pressão derogatória de que é objeto. E a evidência dessa força está em sua renovação constante e sua aptidão de assimilar valores de outras origens, tomando-os para si, incorporando-os como acréscimo de força e jamais com perda de identidade.” (LOPES; SIMAS, 2015)**

Ao longo desse trabalho o samba, assim como o carnaval, será muito citado e também será uma das bases do projeto que se pretende apresentar. Contudo, por mais que o samba seja considerado o ritmo do carnaval brasileiro e tenha influenciado a festa carnavalesca, é importante mencionar a grande variedade e diversificação de ritmos e modos de se viver o carnaval pelo território brasileiro, como o frevo, maracatu, axé e marchinhas, que também desempenham papéis importantes nas festividades carnavalescas em diferentes regiões do Brasil.

Como o trabalho se desenvolve na região sudeste, mais precisamente no interior do estado de São Paulo, trataremos de uma das manifestações carnavalescas regionais: o samba e as escolas de samba. O estilo de carnaval e também de desfile de escolas de samba que temos hoje na cidade de São Paulo e também em cidades do interior paulista, como Campinas, são oriundos do modelo carioca (LOPES; SIMAS, 2015; MESTRINEL, 2010).

A história da interação entre o samba e o carnaval no contexto da cultura brasileira é um tema caracterizado por uma evolução complexa e influências mútuas. O samba, como gênero musical distintivo do Brasil, tem suas raízes nas manifestações musicais das comunidades negras africanas que foram trazidas sob condições de escravizadas durante o período colonial brasileiro (NETO, 2017; MESTRINEL, 2010). Cada etnia africana trouxe suas próprias tradições culturais e musicais, que se fundiram com elementos da música europeia, principalmente nas regiões com grande concentração de negros, inicialmente na Bahia e, posteriormente, no Rio de Janeiro. A cultura Bantu, de origem africana, desempenhou um papel significativo no surgimento do samba, influenciando as manifestações musicais e coreografias associadas a essa forma de expressão (AZEVEDO, 2018; LOPES; SIMAS, 2015).

Inicialmente, o termo “samba” era usado para descrever qualquer forma de expressão musical associada às comunidades negras, frequentemente caracterizada pelo uso de percussão e danças tradicionais. Nos estágios iniciais, o samba compartilhava uma rítmica semelhante ao maxixe, um estilo de choro que era popular no Rio de Janeiro desde meados do século XIX. Essa fase conhecida como “samba-amaxixado,” perdurou até o surgimento das primeiras escolas de samba, momento em que o carnaval começou a exercer influência sobre a evolução do samba (LOPES; SIMAS, 2015; MESTRINEL, 2010).

Por outro lado, em São Paulo, o samba rural, também conhecido como samba de bumbo, demonstrou uma conexão mais direta com as tradições percussivas de origem africana, com uma menor influência de elementos urbanos em comparação com o processo de desenvolvimento do samba carioca. Essa discrepância pode ser atribuída ao fato de que a cultura urbana de origem europeia estava mais amplamente disseminada na cidade do Rio de Janeiro, em contraste com São Paulo, onde a cultura rural continuou a desempenhar um papel significativo nas manifestações culturais populares, devido ao desenvolvimento posterior do ambiente urbano em São Paulo em comparação com o Rio de Janeiro (MESTRINEL, 2010).

No Rio de Janeiro, a escola de samba pioneira, Deixa Falar, foi fundada no bairro do Estácio de Sá em 1928, introduzindo um estilo de samba com temas urbanos, ênfase em instrumentos de percussão

e uma batida rítmica que se tornaria uma referência nacional nas décadas seguintes. Além disso, a Deixa Falar contribuiu para o desenvolvimento do formato de desfile das escolas de samba, inspirado pelos tradicionais ranchos carnavalescos, estabelecendo uma estética que permanece influente no carnaval brasileiro até os dias de hoje (MESTRINEL, 2010).

A partir dos anos 1930, com Getúlio Vargas, o samba foi promovido de manifestação cultural inferior e primitiva a um símbolo da nacionalidade brasileira, da miscigenação e da brasilidade (AZEVEDO, 2018; LOPES; SIMAS, 2015). Essa visão foi amplamente difundida, tornando o samba uma parte inseparável da identidade nacional. No entanto, à medida que o samba carioca e o carnaval do Rio de Janeiro ganhavam destaque, as manifestações regionais de São Paulo foram perdendo força. A rápida urbanização de São Paulo contribuiu para a diluição dessas manifestações regionais em favor dos elementos cariocas. A influência do rádio e da indústria fonográfica na promoção do samba como um símbolo da brasilidade contribuiu para a difusão do modelo carioca em todo o país. A oficialização do carnaval de São Paulo em 1967 e a imposição de um regulamento carioca no contexto do desfile das escolas de samba paulistas em 1968 levaram à padronização das escolas de samba em São Paulo, seguindo os moldes cariocas; e o processo se repetiu no interior paulista, inclusive em Campinas, que acabou adotando regulamentos carnavalescos similares ao do Rio de Janeiro que perduram até hoje (MESTRINEL, 2010).

Em resumo, a relação entre o samba e o carnaval é uma parte fundamental da história cultural do Brasil. O samba não é apenas uma trilha sonora do carnaval, mas um reflexo das transformações sociais, políticas e culturais ao longo dos anos. Sua capacidade de absorver e incorporar influências diversas, ao mesmo tempo em que mantém sua identidade distintiva, o torna um dos elementos mais marcantes da cultura brasileira. Como escreveu Lira Neto (2017, p.19): “Nasceu maldito e cativo. Cresceu liberto de amarras”.

## Viva o samba!

HOJE EM DIA É FÁCIL DIZER  
QUE ESSA MÚSICA É NOSSA  
RAIZ  
TÁ CHOVENDO DE GENTE  
QUE FALA DE SAMBA E NÃO  
SABE O QUE DIZ  
- MOLEQUE ATREVIDO, JORGE  
ARAGÃO

EU SOU LÁ DE ANGOLA, MEU  
NOME É BATUQUE  
COM A MINHA VIOLA EU NÃO  
QUERO TRUQUE  
- GANDAIA, MARCELO D2



FIGURA 9 - BANDEIRA BRASILEIRA. ESCOLA DE SAMBA PRIMEIRA DE MANGUEIRA  
 FONTE: MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO

# O CARNAVAL NO SUDESTE

A trajetória de manifestações afro-brasileiras na cidade de Campinas, especialmente as do samba e do carnaval, estão ligadas a acontecimentos sócio-econômicos-culturais que também atingiram, com as devidas escalas, o estado de São Paulo e a região sudeste do país, principalmente o estado do Rio de Janeiro. Nesse sentido e de acordo com o trabalho de von Simson (2007), trataremos brevemente da trajetória do carnaval no sudeste brasileiro para depois nos aprofundarmos no carnaval de Campinas, suas relações com a região e suas especificidades. A partir daí, elencando os momentos carnavalescos da cidade, contaremos sua história.

Em seu trabalho, von Simson (2007) percebe três períodos distintos do carnaval no sudeste brasileiro: o primeiro trata da colônia até meados do século XIX; o segundo, de 1870 a 1930; e o terceiro, de 1930 à atualidade.

O primeiro período é caracterizado por uma sociedade recém urbanizada, de baixo nível de escolaridade, composta por grupos de vizinhança e que possui a religiosidade como um importante sujeito nas relações sociais. Desse modo, havia uma igualdade cultural entre as diferentes camadas sociais, com a maioria da população participando de festas religiosas, contudo, dentro da festividade, cada camada social tinha o seu papel definido. No âmbito das comemorações no período carnavalesco, à época se tinha o entrudo, uma forma de divertimento oriunda da colonização portuguesa, na qual todas as camadas sociais saíam às ruas para participar das brincadeiras, mas novamente cada camada com seu papel definido: os senhores atiravam limões e laranjas-de-cheiro e os escravizados os acompanhando com uma reserva de limões ou servindo como os alvos dos senhores. A população negra festejava e comemorava entre si com o mesmo tipo de brincadeira, porém em horários diferentes - ao amanhecer ou à noite, quando os senhores se recolhiam (VON SIMSON, 2007). A autora destaca que nas comemorações mais profanas, como o entrudo, os papéis de cada camada social eram claramente definidos, com uma visível situação de dominação; já nas festas de caráter religioso, que ocorriam nos largos, havia um caráter de harmonia e conformidade entre as diversas camadas sociais.



FIGURA 10 - CENA DE CARNAVAL (1823), JEAN BAPTISTE DEBRET.

No segundo período, de 1870 a 1930, se inicia um processo de diferenciação das camadas sociais provocado pelo rápido enfraquecimento do cultivo de café, o que conseqüentemente alterou o modo de divertimento das diversas esferas da sociedade. As camadas urbanas mais abastadas passaram a adotar um estilo de vida europeu burguês, com o intuito de se diferenciar, também culturalmente, das camadas inferiores (escravizados, negros libertos e homens livres). Desse modo, surgem atividades festivas e de divertimento exclusivas das camadas abastadas (bailes, corsos etc.) e, ao mesmo tempo, uma inferiorização das formas antigas de se festejar, agora consideradas bárbaras e impróprias, sendo expulsas dos centros urbanos e se consolidando como festas e brincadeiras típicas das camadas populares e periféricas (VON SIMSON, 2007). Tais camadas populares, sem suficiente recursos para importações de costumes festivos europeus, como as camadas mais privilegiadas, usavam mais sua criatividade e se baseavam em experiências anteriores para criar suas formas de divertimento. Assim, o conhecimento dos desfiles luxuosos dos mais abastados com as antigas experiências religiosas das procissões originou uma nova forma, socialmente aceita, das camadas populares brincarem o carnaval: os zés-pereiras, os ranchos, os blocos, os cordões. A autora destaca os ranchos, surgidos no Rio de Janeiro na década de 1870, liderados por migrantes baianos, que desfilavam à pé, tinham um tema único e música - samba - composta especialmente para o tema escolhido. Toda a organização dos ranchos era feita pelo grupo, desde o tema, a composição da música, entre outros, enquanto nas comemorações carnavalescas das camadas abastadas, havia a contratação de artistas e artesãos terceiros, para a construção dos carros alegóricos, e de bandas militares (VON SIMSON, 2007).

Dessas manifestações, surgiram os blocos, cordões, ranchos e, posteriormente, as escolas de samba também em São Paulo. Os primeiros líderes desses grupos carnavalescos paulistanos, muitos vindos do interior do estado, frequentavam festas de influência cultural regional, como a festa de Bom Jesus de Pirapora. Essas festas inspiraram as primeiras manifestações carnavalescas em São Paulo e influenciaram o samba, misturando elementos dos sambas rurais presentes em tais festas (MESTRINEL, 2010).

O primeiro cordão carnavalesco paulistano foi o Cordão da Barra Funda, mais tarde conhecido como Camisa Verde e Branco, fundado por Dionísio Barbosa em 1914. Dionísio, que havia morado no Rio de Janeiro e conhecido os ranchos carnavalescos cariocas e bandas militares, criou o grupo carnavalesco em São Paulo. Os cordões carnavalescos em São Paulo tinham características peculiares, incluindo a presença do "Baliza" e do estandarte, além da execução de um ritmo chamado "marcha-sambada," que mesclava elementos dos sambas rurais paulistas com a marcha (MESTRINEL, 2010).

A influência dos cordões carnavalescos foi fundamental para a formação das primeiras escolas de samba em São Paulo, assim como os ranchos influenciaram as escolas de samba cariocas. As primeiras escolas de samba em São Paulo incorporaram elementos dos cordões e das características musicais e coreografias do samba carioca, que diferenciavam as escolas de samba de outros grupos carnavalescos.

Nesse período também há a presença de um agente importante: os jornais. Geralmente administrados pela elite e circulando predominantemente entre a elite, o jornal era um grande formador de opinião da época. Em suas publicações havia a condenação das formas antigas de folguedos e o incentivo da implantação de hábitos burgueses, como o carnaval veneziano, de bailes. Desse modo, nas primeiras décadas do século XX os jornais passaram a condenar o entrudo e exigir intervenção da polícia para expulsar tal festa dos centros das cidades, permitindo que a elite realizasse seus desfiles luxuosos para o povo (VON SIMSON, 2007).

SAMBA NEGRO, FORTE,  
DESTEMIDO  
FOI DURAMENTE PERSEGUI-  
DO  
NA ESQUINA, NO BOTEQUIM,  
NO TERREIRO  
- AGONIZA MAS NÃO MORRE,  
NELSON SARGENTO



FIGURA 11 - CORSO NO CARNAVAL DE CAMPINAS. FONTE: CAMPINAS DE ANTIGAMENTE

SAMBA INOCENTE, PÉ NO  
CHÃO  
A FIDALGUIA DO SALÃO  
TE ABRAÇOU, TE ENVOLVEU  
MUDARAM TODA A TUA  
ESTRUTURA  
TE IMPUSERAM OUTRA  
CULTURA  
E VOCÊ NÃO PERCEBEU  
- AGONIZA MAS NÃO MORRE,  
NELSON SARGENTO

O terceiro e último período, de 1930 à atualidade, se caracteriza por uma certa homogeneidade nas atividades culturais, e tem agentes importantes dos meios de comunicação de massa, como o rádio e a indústria fonográfica emergentes. Esses novos meios de comunicação transformam as atividades culturais em mercadorias, permitindo sua comercialização. É o que acontece, por exemplo, com o samba carioca oriundo dos morros, estilo musical típico de camadas mais pobres que com a indústria fonográfica se transforma em mercadoria consumida por todas as camadas sociais da população urbana. O mesmo ocorre no âmbito do carnaval a partir da década de 1960, quando as escolas de samba - especialmente as cariocas - criadas já na década de 1930 e compostas principalmente por comunidades de camadas populares de origem afrodescendente, passam a ser encaradas como uma mercadoria, comercializada também pelos meios de comunicação em massa, em especial a televisão, se tornando “uma manifestação cultural altamente valorizada pela sociedade” (VON SIMSON, 2007, p. 27). Esse cenário possui desdobramentos e influências em carnavais a nível nacional. O carnaval no Rio de Janeiro adquire certo status por agora atrair e contar com participantes de camadas mais abastadas da sociedade; em São Paulo, os cordões carnavalescos, folguedo de carnaval das camadas populares e de descendência africana, se convertem em escolas de samba seguindo os moldes cariocas após a sua oficialização pela Prefeitura; no interior paulista - onde se localiza Campinas - também houve a cópia do modelo carioca e, com isso, a criação de escolas de samba organizadas tanto pelas camadas populares quanto pela burguesia.

É importante ressaltar que o carnaval, enquanto manifestação de origem popular e majoritariamente negra, só foi possível de ser transformado em mercadoria aceita pelas camadas mais altas e considerado uma manifestação cultural nacional com o apagamento/depuração dos traços “perigosos” e imposições dos gostos da classe média branca, visando a “aprovação unânime na sociedade brasileira” (VON SIMSON, 2007, p. 27). Vale destacar que as classes populares e os grupos que compõem, por exemplo, as escolas de samba, não aceitaram e até hoje não aceitam de modo submisso esse apagamento e sobreposição de novos valores.

Como comenta von Simson (2007), esses grupos, especialmente a comunidade negra, percebeu o carnaval como uma nova brecha para sua afirmação e resistência. Ribeiro (2017) também destaca a capacidade do carnaval de dar visibilidade às populações socialmente oprimidas, fortalecendo suas lutas. Tal aspecto político do carnaval está presente até hoje mesmo nos desfiles televisionados das escolas de samba, e principalmente nos carnavais de rua das cidades brasileiras, o que também ocorre em Campinas.

Após alguns capítulos sobre o carnaval, o samba e sua relação direta com a comunidade negra, fica evidente o papel fundamental que ela desempenhou na constituição de tais manifestações culturais brasileiras. Desse modo, o presente trabalho também se debruçou sobre a história e a localização da comunidade negra no contexto histórico da cidade de Campinas juntamente com a história do carnaval da cidade, como melhor apresentado a seguir.



FIGURA 12 - DESFILE DE CARNAVAL DE CAMPINAS DE 1950. FOTO: GILBERTO DE BIASI

# CAMPINAS: história (d)e carnaval

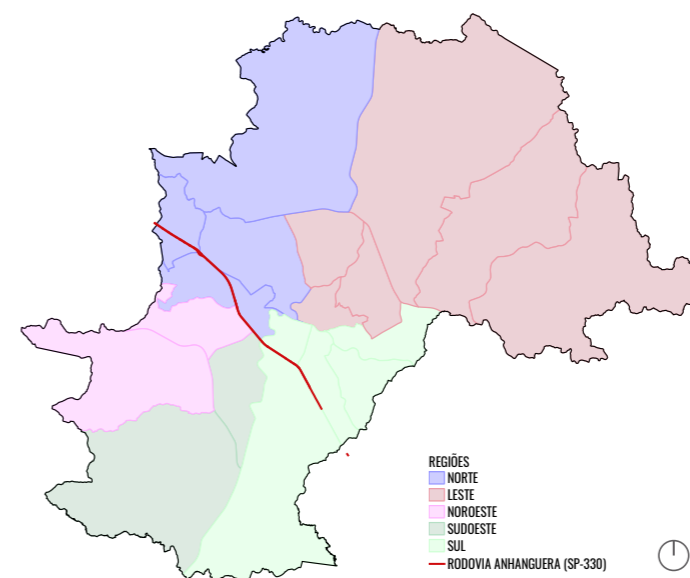
Há muitas maneiras de se contar a história de uma cidade. Aqui, considerando nossa maior referência - o carnaval - vamos subverter a lógica da história "oficial" de Campinas - aquela que consta no site da Prefeitura do município, por exemplo - e apresentar a cidade e seus acontecimentos marcantes seguindo os passos de sua população negra, e conseqüentemente, os passos do samba e do carnaval. Essa lógica de apresentação da cidade também subverte a ideia de Campinas como uma cidade fortemente ligada apenas à cultura erudita, por meio da figura do compositor e regente Carlos Gomes, nascido na cidade e de grande reconhecimento em escala municipal e até nacional.

Campinas é uma cidade do interior do estado de São Paulo, localizada a noroeste da capital paulista, e cidade-sede da Região Metropolitana de Campinas (RMC), composta por vinte municípios. Segundo dados do IBGE, a cidade possui cerca de 795km<sup>2</sup> de área e mais de 1 milhão e 200 mil habitantes..

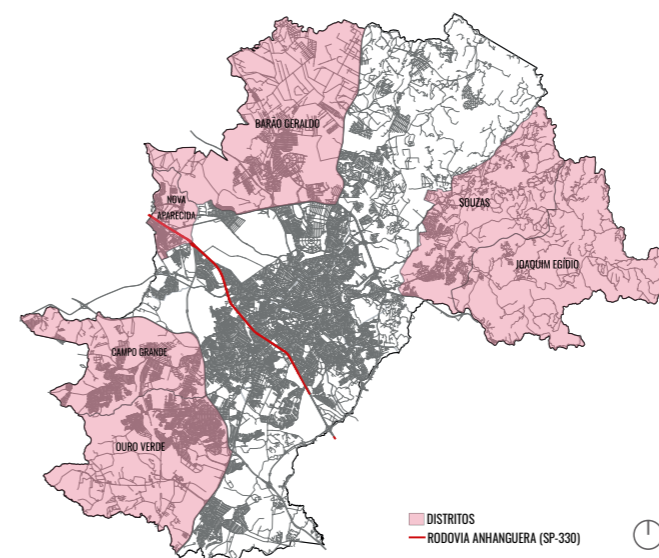


MAPA 1 - LOCALIZAÇÃO CIDADE DE CAMPINAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

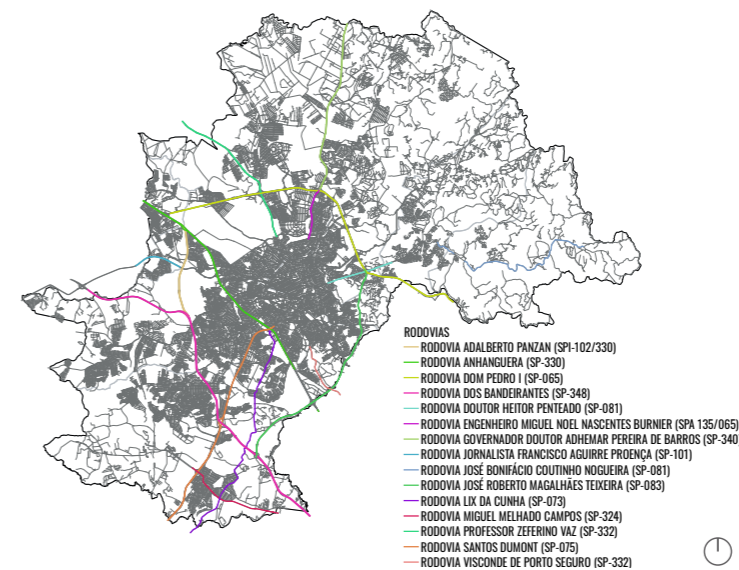
A cidade é dividida em cinco regiões (norte, noroeste, sul, sudoeste e leste), conta com seis distritos e é cortada por diversas rodovias, sendo a Rodovia Anhanguera uma das principais, que divide a cidade em norte e sul.



MAPA 2 - REGIÕES DE CAMPINAS. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS



MAPA 3 - DISTRITOS DE CAMPINAS. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS



MAPA 4 - RODOVIAS DE CAMPINAS. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

- RODOVIAS
- RODOVIA ADALBERTO PANZAN (SP-102/330)
- RODOVIA ANHANGUERA (SP-330)
- RODOVIA DOM PEDRO I (SP-065)
- RODOVIA DOS BANDERANTES (SP-348)
- RODOVIA DOUTOR HEITOR PENTEADO (SP-081)
- RODOVIA ENGENHEIRO MIGUEL NOEL NASCENTES BURNIER (SPA 135/065)
- RODOVIA GOVERNADOR DOUTOR ADHEMAR PEREIRA DE BARROS (SP-340)
- RODOVIA JORNALISTA FRANCISCO AGUIRRE PROENÇA (SP-101)
- RODOVIA JOSÉ BONFÁCIO COLUÍNHO NOGUEIRA (SP-081)
- RODOVIA JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA (SP-083)
- RODOVIA LIX DA CUNHA (SP-073)
- RODOVIA MIGUEL MELHADO CAMPOS (SP-324)
- RODOVIA PROFESSOR ZEFERINO VAZ (SP-332)
- RODOVIA SANTOS DUMONT (SP-075)
- RODOVIA VISCONDE DE PORTO SEGURO (SP-332)

Para além de uma cidade criada e enriquecida pela circulação e cultivo de cana de açúcar e, posteriormente, café, Campinas se trata de uma cidade fortemente escravocrata, sendo a última cidade do país a abolir a escravidão. Essa herança é presente até hoje de diversos modos na cidade, como nomes de ruas, praças e até em um de seus distritos - o distrito de Barão Geraldo.

Estabelecida como um pouso na década de 1720, elevada à freguesia em 1774, promovida à vila - Vila de São Carlos - em 1797 e consolidada como cidade em 1842, a cidade abrigou grande população negra escravizada oriunda primeiramente do continente africano e, posteriormente, do nordeste brasileiro (SOUZA; VON SIMSON, 2010).

As bases escravocratas da formação de Campinas influenciaram diversos aspectos da cidade, inclusive o urbano. Por esse motivo, no presente trabalho, serão mapeados os territórios negros na cidade do período pós-abolição até os dias atuais, de modo a localizar e referenciar uma população apagada - porém que ainda (r)existe - tanto historicamente quanto urbanisticamente. Juntamente com os levantamentos urbanos serão apontadas informações referentes às comemorações carnavalescas da cidade, reconstituindo também o trajeto do carnaval campineiro até a atualidade.

Em 1836, antes mesmo de ser cidade, mais da metade da população era de negros, em sua maioria escravizados (GHIRELLO, 2018a). Contudo, até hoje não há uma valorização das manifestações culturais negras na cidade, pois a história contada e repassada como oficial através do tempo foi contada pela elite - branca (GHIRELLO, 2018b). Apesar dessa tentativa de apagamento, Campinas foi e ainda é muito importante no cenário do samba, sendo local da criação do samba de bumbo, tratado adiante, e referência também para o jongo, patrimônio imaterial brasileiro pelo IPHAN em 2005 (GIESBRECHT, 2014). Segundo Ghirello (2018b, p.2), a formação do ideário da cidade e de sua cultura a partir do ponto de vista de uma elite branca tem influência direta no espaço urbano de Campinas “uma vez que os territórios originalmente ocupados por negros na cidade são negligenciados ao longo da história” tanto por planos urbanos pensados por profissionais como pela ação do mercado imobiliário sob a lógica capitalista que sempre está excluindo essa população de determinados espaços da cidade.

Após 1850, com a proibição do tráfico de escravizados do continente africano, houve a busca da mão de obra escravizada oriunda do nordeste brasileiro, que enfrentava uma crise na plantação de algodão (SOUZA; VON SIMSON, 2013; RAMOS, 2010), influenciando diretamente as manifestações culturais desenvolvidas em Campinas. Como Ramos (2010) destaca, o samba de Campinas e do resto do interior paulista se desenvolveu a partir da vertente africana e nordestina. A primeira se caracterizava por danças realizadas para a deusa da fertilidade, manifestação típica da região de Angola, desenvolvida pelos negros escravizados nos terreiros das fazendas quase sempre escondido ou em poucos dias festivos com autorização dos donos das mesmas; já a nordestina se baseava em vivências de danças populares e no samba de roda (RAMOS, 2010; SOUZA; VON SIMSON, 2013). Ribeiro (2020) destaca como a relação ancestral de troca ainda é encontrada até hoje no samba através das rodas realizadas tanto em quintais quanto em botequins. O autor também salienta que foram as rodas de samba, e não a indústria fonográfica, as responsáveis pela sobrevivência desse gênero musical até as primeiras décadas do século XX.

Em ambas as manifestações culturais estava presente o movimento do samba de umbigada “como forma de chamar um companheiro para o meio da roda de samba, através do encontro dos ventres de ambos os dançadores” (RAMOS, 2010, p.1). No entanto, o samba de umbigada foi proibido tanto pelos fazendeiros quanto pela igreja católica, sob a alegação de ser uma dança libidinoso, alta-

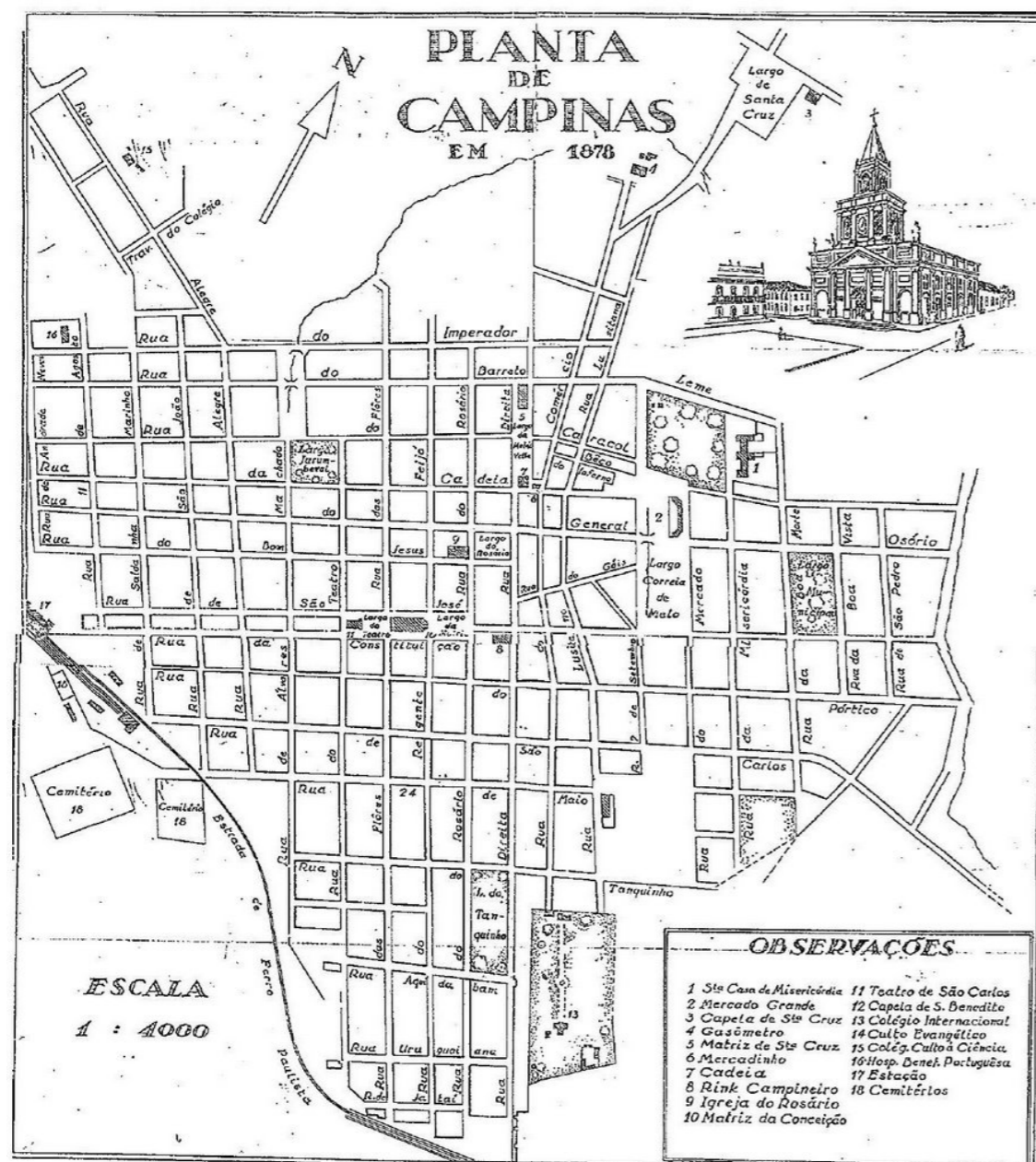
mente sensual. Desse modo os dançarinos passaram a reverenciar o bumbo, instrumento principal da roda que marca o ritmo da dança.

“A dançarina então joga a sua saia rodada por sobre o bumbo, que representa o falo, segundo a visão do samba de origem angolana, homenageando-o. Essa interpretação foi aceita ou não foi entendida pelos dominadores (fazendeiros e padres), os quais liberaram a realização das rodas de samba na nossa região.” (VON SIMSON, 2019)

O samba de bumbo virou então a marca identitária do samba e da cidade de Campinas, deixando-a bem representada na Festa de São Bom Jesus de Pirapora, na cidade de Pirapora do Bom Jesus, realizada anualmente na primeira semana de agosto, que contava com diversos grupos de samba de todo o estado de São Paulo e reafirmava a tradição do samba paulista (RAMOS, 2010). Souza e Von Simson (2013) destacam que ao menos quatro grupos de samba de Campinas se dirigiam à festa: Samba da Tia Aurora, Samba de Aparecidinha, Samba Treze de Maio e Samba do Ernesto Estevam, provando como a cidade era uma referência importante para o samba.

Entre as décadas de 1860 e 1870 há a instalação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e da Companhia Mogiana, posteriormente Sorocabana, permitindo a conexão da cidade com o porto de Santos, a capital São Paulo e o interior do estado, e tornando-a um importante entroncamento ferroviário (CAMARGO, 2010). Em 1872, a cidade conta com 33 mil habitantes, 20 mil negros e 13 mil brancos, metade deles compondo a população urbana (CAMARGO, 2010). É importante destacar que, assim como as memórias e contribuições da população escravizada tentaram ser apagadas, também foi o seu local de habitação na cidade, contudo essa parte da cidade formada por escravizados e pobres “pulsava e existia escondida, reprimida e desafiadora. Enquanto a burguesia morava em sobrados, os despossuídos de bens tinham de residir em cortiços, pardieiros, em becos e ruazinhas malcheirosas” (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2021, p.35).

Nesse período de conexão da cidade com o resto do estado e de um aumento no número de habitantes, ocorre também a valorização dos terrenos urbanos, o que gera a diferenciação espacial e funcional do tecido urbano, com a integração de novos bairros como Cambuí, Ponte Preta e Bonfim à região central da cidade (CAMARGO, 2010). É entre as décadas de 1870 e 1880 que a cidade também passa por diversas obras de infraestrutura como abastecimento de água encanada e instalação de equipamentos hospitalares.



MAPA 5 - MAPA DE CAMPINAS EM 1878.  
FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Em 1888, ano da abolição da escravatura, a população de Campinas atinge os 50 mil habitantes, dos quais 20 mil compunham a população urbana.

À época, a grande população de negros recém-libertos foi ignorada pela administração da cidade, permanecendo desamparados e sem estrutura familiar, “uma vez que muitos eram separados de suas famílias enquanto escravizados” (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2021, p.36). Nesse cenário, tanto os recém-libertos quanto outras camadas mais pobres da população passam a habitar cortiços e porões de casas, muitas vezes em locais da cidade sem infraestrutura adequada.

Apesar de serem espaços de habitação muitas vezes insalubres, Souza e Von Simson (2013). Em entrevistas realizadas com importantes figuras do samba de Campinas, especialmente o samba de bumbo, Souza e Von Simson (2013) resgatam e ressaltam a importância dos cortiços como espaço de realização de rodas de samba. Em entrevista a Aluizio Jeremias, o entrevistado se recorda do samba de

terreiro ou de roda, dançado nos cortiços campineiros, e que” sempre havia um pretexto para se fazer samba nos cortiços, seja um aniversário ou um batizado, sendo o samba uma espécie de bailinho, realizado no chão batido do terreiro comum dos cortiços, ao som do bumbo e até de caixotes percutidos” (SOUZA; VON SIMSON, 2013, p. 6).

Entre 1890 e 1903 a cidade enfrentou uma epidemia de febre amarela que causou uma drástica queda na população para apenas 5 mil habitantes devido tanto às mortes quanto ao êxodo (CAMARGO, 2010). Com a saída de grande número de famílias da cidade, muitas casas da região central ficaram desocupadas. Camargo (2010, p.84) comenta sobre como tais residências “foram aproveitadas para a instalação de serviços de saúde [...] ou simplesmente ocupadas coletivamente por famílias de trabalhadores, imigrantes ou antigos escravos, gerando cortiços”. Nesse contexto, a autora também discorre sobre como

“[...] a moradia urbana do pobre passou a ser considerada problema pelas autoridades. A proliferação dos cortiços, aliado aos demais problemas sociais que se refletiam na cidade, incidiu numa discussão sobre a moradia dos trabalhadores de baixa renda, com elaboração de planos e ações que tratassem à questão. A erradicação violenta e agressiva dos cortiços, pautada em justificativas higienistas, camuflava outros objetivos de ordem social e econômica.” (CAMARGO, 2010, p. 84)

As medidas e ações tomadas foram por exemplo obras de infraestrutura de saneamento básico e a criação do primeiro código de construções da cidade. Por mais que tais medidas possam fornecer alguma melhora na qualidade de vida urbana, Santos (2002, p.187) destaca que tais planos e melhorias urbanas tentavam atingir um maior padrão social por meio da “elevação do padrão moral das classes populares” e que a epidemia “alimentava socialmente o argumento político de remoção de camadas socialmente marginalizadas para a periferia mais distante”. Além disso, tais reformas e melhorias que vinham ocorrendo desde o final do século XIX se constituíram em uma ferramenta de afastamento de grande parte da população negra do centro da cidade.

No início do século XX, a cidade recupera a marca de 20 mil habitantes na área urbana e há o desenvolvimento de seu setor industrial. Tanto as indústrias quanto seus operários optam por se instalarem nas áreas mais distantes do centro, mais baratas, promovendo o desenvolvimento de uma periferia com bairros como Ponte Preta (Fundão) ao sul, Cambuí (Frontão) ao leste e o Guanabara, a noroeste (CAMARGO, 2010). É importante salientar que tais bairros, segundo Ghirello (2018b), estavam fora do perímetro de abrangência dos projetos sanitários adotados em razão da epidemia de febre amarela, revelando mais uma vez a negligência da administração pública com as populações de baixa renda - negra em sua maioria. Em 1888, ano da abolição da escravatura, a população de Campinas atinge os 50 mil habitantes, dos quais 20 mil compunham a população urbana.

À época, a grande população de negros recém-libertos foi ignorada pela administração da cidade, permanecendo desamparados e sem estrutura familiar, “uma vez que muitos eram separados de suas famílias enquanto escravizados” (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2021, p.36). Nesse cenário, tanto os recém-libertos quanto outras camadas mais pobres da população passam a habitar cortiços e porões de casas, muitas vezes em locais da cidade sem infraestrutura adequada.

Em entrevistas realizadas com importantes figuras do samba de Campinas, especialmente o samba de bumbo, Souza e Von Simson (2013) resgatam e ressaltam a importância dos cortiços como

espaço de realização de rodas de samba. Em entrevista a Aluizio Jeremias<sup>4</sup>, o entrevistado se recorda do samba de terreiro ou de roda, dançado nos cortiços campineiros, e que “sempre havia um pretexto para se fazer samba nos cortiços, seja um aniversário ou um batizado, sendo o samba uma espécie de bailinho, realizado no chão batido do terreiro comum dos cortiços, ao som do bumbo e até de caixotes percutidos” (SOUZA; VON SIMSON, 2013, p. 6).

Entre 1890 e 1903 a cidade enfrentou uma epidemia de febre amarela que causou uma drástica queda na população para apenas 5 mil habitantes devido tanto às mortes quanto ao êxodo (MORENO, 2010). Com a saída de grande número de famílias da cidade, muitas casas da região central ficaram desocupadas. Moreno (2010, p.84) comenta sobre como tais residências “foram aproveitadas para a instalação de serviços de saúde [...] ou simplesmente ocupadas coletivamente por famílias de trabalhadores, imigrantes ou antigos escravos, gerando cortiços”. Nesse contexto, a autora também discorre sobre como

“[...] a moradia urbana do pobre passou a ser considerada problema pelas autoridades. A proliferação dos cortiços, aliado aos demais problemas sociais que se refletiam na cidade, incidiu numa discussão sobre a moradia dos trabalhadores de baixa renda, com elaboração de planos e ações que tratassem à questão. A erradicação violenta e agressiva dos cortiços, pautada em justificativas higienistas, camuflava outros objetivos de ordem social e econômica.” (MORENO, 2010, p. 84)

As medidas e ações tomadas foram por exemplo obras de infraestrutura de saneamento básico e a criação do primeiro código de construções da cidade. Por mais que tais medidas possam fornecer alguma melhora na qualidade de vida urbana, Santos (2002, p.187) destaca que tais planos e melhorias urbanas tentavam atingir um maior padrão social por meio da “elevação do padrão moral das classes populares” e que a epidemia “alimentava socialmente o argumento político de remoção de camadas socialmente marginalizadas para a periferia mais distante”. Além disso, tais reformas e melhorias que vinham ocorrendo desde o final do século XIX se constituíram em uma ferramenta de afastamento de grande parte da população negra do centro da cidade.

No início do século XX, a cidade recupera a marca de 20 mil habitantes na área urbana e há o desenvolvimento de seu setor industrial. Tanto as indústrias quanto seus operários optam por se instalarem nas áreas mais distantes do centro, mais baratas, promovendo o desenvolvimento de uma periferia com bairros como Ponte Preta (Fundão) ao sul, Cambuí (Frontão) ao leste e o Guanabara, a noroeste (MORENO, 2010). É importante salientar que tais bairros, segundo Ghirello (2018b), estavam fora do perímetro de abrangência dos projetos sanitários adotados em razão da epidemia de febre amarela, revelando mais uma vez a negligência da administração pública com as populações de baixa renda - negra em sua maioria.



MAPA 6 - MAPA DE CAMPINAS EM 1900.  
FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

<sup>4</sup> - nascido em 1940, é artista plástico e compositor, tendo dirigido várias vezes a escola de samba Rosa de Prata, da Vila Castelo Branco, em Campinas

É também no início do século XX, conforme já elucidado por von Simson (1985), que o carnaval de rua em Campinas bem como na região sudeste passa por um período de proibição, num esforço conjunto tanto da imprensa quanto da elite - branca - da época, de impedir a realização do entrudo, festejado nas ruas da cidade (VILELA, 2021). É importante observar que a campanha para a proibição e criminalização do carnaval se dava apenas com o carnaval de rua, do qual todas as camadas da população podiam participar, entretanto as classes mais abastadas, preferindo seguir o ideário de modernização e progresso, se fechava em seus clubes para festas carnavalescas de estilo europeu, com bailes luxuosos, o que acarretou, em 1907, na proibição do carnaval nas ruas pelo secretário de segurança da cidade (VILELA, 2021).

Nas décadas seguintes, até cerca de 1920, o desenvolvimento da área urbana da cidade não sofreu grandes alterações, tendo basicamente o mesmo perímetro urbano do século XIX devido ao esvaziamento sofrido por conta da epidemia de febre amarela; contudo, na década de 1920 a cidade alcança os 50 mil habitantes na área urbana (BACCHI, 2017; CAMARGO, 2010).

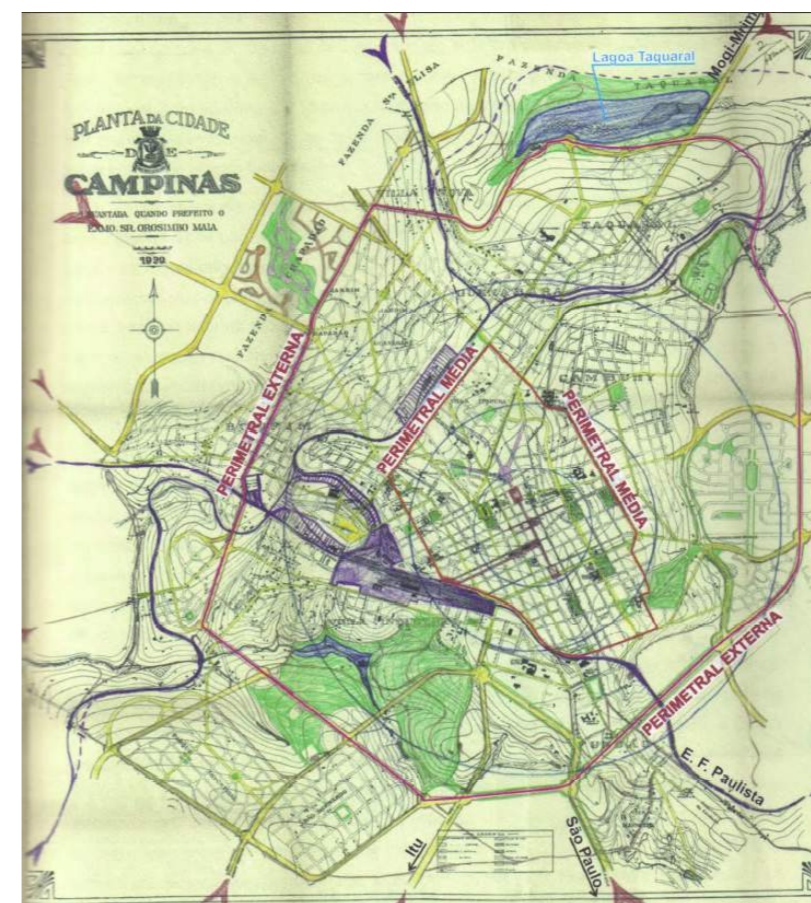
Entre 1920 e 1940 a cidade é marcada por um grande desenvolvimento industrial em diversos setores e também pela valorização de terrenos existentes devido à intensificação do processo de urbanização, muito pautada pela especulação imobiliária, que nesse contexto seria o agente principal na definição do traçado da cidade (BADARÓ, 1996; CAMARGO, 2010). Com a crise cafeeira de 1929, os proprietários rurais se tornam urbanos e passam a investir em construção civil como um modo seguro para transferir capital (CAMARGO, 2010). Dessa maneira, novos bairros projetados por empresas privadas como São Bernardo e Parque Industrial passam a ser criados fora do perímetro urbano, distantes e sem conexão com a área já urbanizada, além de serem locais sem adequada infraestrutura de pavimentação, transporte e esgoto, por exemplo; contudo, são lotes mais baratos, possíveis de serem adquiridos pelos operários (BADARÓ, 1996; CAMARGO, 2010).



MAPA 7 - MAPA DE CAMPINAS EM 1929. FONTE: CAMARGO, 2010

O processo de expulsão da população negra da região de Campinas ganhou um novo capítulo na década de 1930. Em 1934 a cidade atinge aproximadamente 69 mil habitantes na área urbana e se expande em áreas concêntricas com diferentes usos do solo, no entanto esse crescimento não solucionava a questão habitacional, que se agravou pela urbanização intensa após a década de 1920 e pelos baixos salários, principalmente das indústrias. Desse modo, os cortiços e outros tipos de habitação precárias continuavam a ser uma opção para as classes mais baixas (BADARÓ, 1996; CAMARGO, 2010). Em 1938, por exemplo, a prefeitura realiza um levantamento das condições dos cortiços existentes a fim de subsidiar a criação de novas leis que previssessem a construção, por empresas privadas, de habitações populares, retirando os cortiços do centro da cidade (CAMARGO, 2010).

É nesse cenário que ocorre, também em 1934, a contratação de Prestes Maia para a elaboração de um plano para Campinas. Aprovado em 1938 sob o nome de Plano de Melhoramentos Urbanos, sua implantação só foi concluída em 1962. Sob a alegação de modernização, tais projetos na verdade pretendiam a organização do território pautada no embranquecimento e no higienismo, uma vez que os territórios negros eram considerados indisciplinados e insalubres (GHIRELLO, 2018b). O plano previa, inclusive, o alargamento da Avenida Francisco Glicério, com a demolição da Igreja do Rosário, que ocorreu em 1956, importante território negro religioso por se tratar de uma santa cristã de uma irmandade negra, um local importante de reunião e socialização dessa comunidade (GHIRELLO, 2018b).



MAPA 8 - MAPA PLANO DE MELHORAMENTOS URBANOS DE PRESTES MAIA. FONTE: CAMARGO, 2010

Na década de 1930, além da população negra campineira sofrer constantes tentativas de expulsão do centro, o samba também passa por processo semelhante, sendo perseguido e proibido em locais públicos - exceto no carnaval - pela polícia em todo o estado de São Paulo até a década de 1950 (VON SIMSON, 2017)

“Nenê do Cavaco, um dos maiores sambistas da cidade [de Campinas], revela que até a década de 1950 o preconceito racial era a tal ponto segregacionista que ele não podia ir sentado no bonde; tinha de viajar de pé, colocar-se “em seu devido lugar”. A perseguição, conseqüentemente, estendia-se ao samba. Os negros tinham de ser eliminados junto à sua cultura, a favor de uma mentalidade excludente e elitista.” (RIBEIRO, 2020)

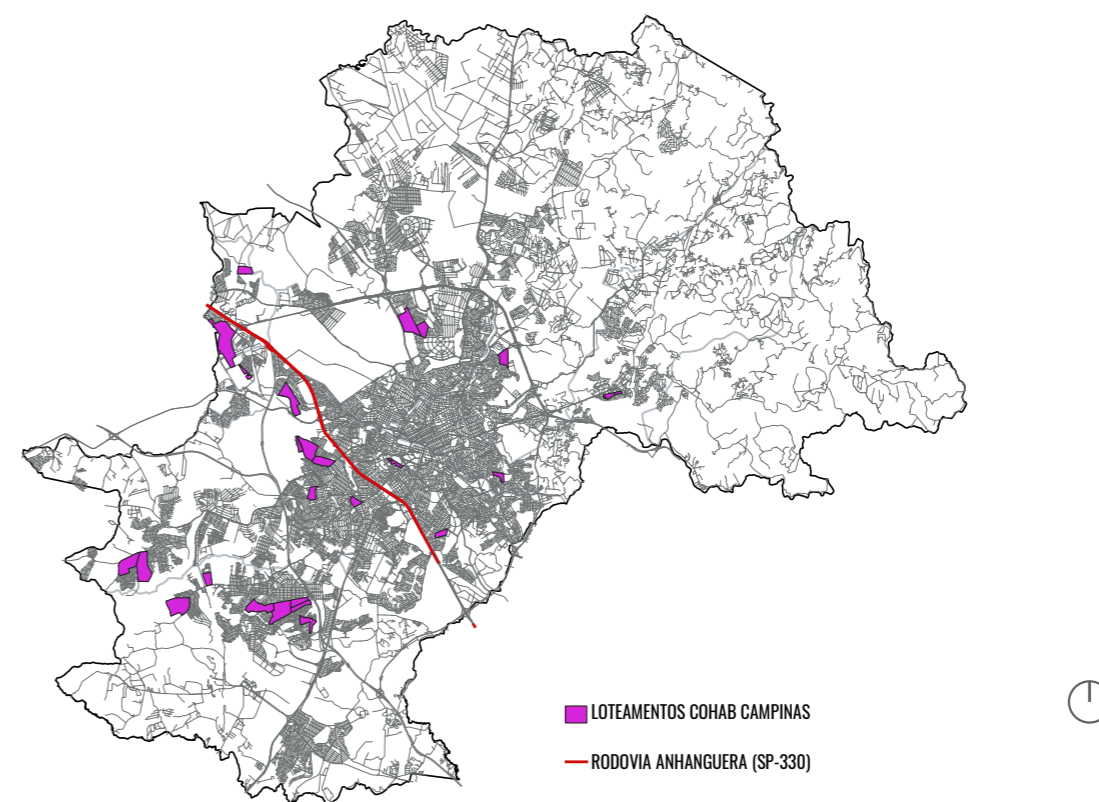
Na década de 1940 a cidade atinge aproximadamente 80 mil habitantes na área urbana. Camargo (2010, p.95) destaca que no período, a questão sanitária fora sobreposta por outros temas condizentes com a política nacional da era Vargas como “a noção da habitação vista como condição básica de reprodução da força de trabalho e, portanto, como fator econômico na estratégia de industrialização do país” e “a ideia da habitação como elemento na formação ideológica, política e moral do trabalhador”. Nesse contexto, surge em diversas cidades brasileiras órgãos governamentais encarregados de produzir e/ou financiar a produção de habitações, reforçando a intenção de expulsar classes mais baixas do centro da cidade (CAMARGO, 2010). Foi também nesse período que houve a implantação da Rodovia Anhanguera na cidade, em 1948, cortando-a no sentido leste-oeste e a dividindo entre norte e sul, tornando-se uma barreira segregacionista da cidade (BACCHI, 2017).

Em Campinas, esse processo gerou entre 1950 e 1964 uma primeira periferia, urbanizando áreas que já eram parceladas mas estavam irregulares (CAMARGO, 2010). Junto com os processos de grande crescimento econômico - oriundo do crescimento da industrialização do estado de São Paulo no pós-guerra - e populacional que a cidade passou, surgiram cada vez mais demandas por novas áreas urbanas (CAMARGO, 2010). A partir daí a cidade passa a se expandir de maneira descontínua por meio de parcelamentos desconectados e distantes da área urbana que previamente existia, gerando grandes vazios urbanos sobretudo no sentido sudoeste, em direção ao Aeroporto de Viracopos - inaugurado em 1930 -, e no sentido noroeste, em direção à Rodovia Anhanguera (BACCHI, 2017; CAMARGO, 2010). Para Camargo (2010), essa expansão horizontal da cidade já havia sido iniciada pelo poder público municipal, a favor dos interesses da elite dominante e do setor imobiliário, sendo reforçada pelo sistema rodoviário e pela ação da Companhia de Habitação Popular de Campinas (COHAB-CP), criada em 1967. Para Semeghini (2006), a atuação da COHAB-CP foi um dos fatores principais para a produção dos vazios urbanos. Até 1970, a COHAB-CP realizou 51% das novas habitações na cidade, todas em conjuntos habitacionais distantes da malha urbana (CAMARGO, 2010).

“A expansão especulativa repercutiu sobre o poder público sob a forma de custos e dificuldades crescentes para a demanda de serviços e equipamentos: toda a infra-estrutura, assim como as linhas de ônibus e coleta de lixo, tiveram que se estender através dos vazios urbanos para atingir os loteamentos periféricos” (CAMARGO, 2010, p. 100)

Diversos autores, como Martins (2016), ressaltam como a população alocada para essas regiões periféricas era majoritariamente negra, o que demonstra como de fato ocorreu um processo de expul-

são dessa população das áreas centrais. Calixto (2022) corrobora tal premissa alegando que antigas famílias negras que moravam em bairros mais centrais como Cambuí e Guanabara foram pressionadas, com a especulação imobiliária e com mecanismos como aumento de IPTU, a se mudarem para áreas periféricas, ações que ocorreram também com os cortiços, já perseguidos há anos na história do urbanismo da cidade. É nesse contexto que surgem vilas e bairros “planejados” pela COHAB Campinas, majoritariamente de famílias negras, como São Bernardo (1959), Vila Rica (1965), Vila Bela 1 e 2 (atual Vila Castelo Branco, em 1967 e 1968), Vila Costa e Silva (1970), Conjunto Habitacional Vila Padre Anchieta (1982) entre outras. As três últimas sendo visitadas e pesquisadas para o presente trabalho, como será comentado no próximo capítulo.



MAPA 9 - PRODUÇÃO DA COHAB CAMPINAS. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Ainda segundo Calixto (2022, p.6), nesses bairros surgem diversos movimentos culturais negros como escolas de samba, bailes, grupo de teatro, banda de homens negros etc. Destaca-se aqui a criação, em 1950, da Estrela D'alva, primeira escola de samba de Campinas, ainda hoje em atividade, criada no bairro do Taquaral e depois movida para a Vila Costa e Silva (o que pode ser mais um indício da remoção da comunidade negra de áreas mais centrais da cidade para os novos conjuntos habitacionais periféricos da COHAB-CP). Houve também a criação das escolas de samba como a Rosa de Prata, da Vila Bela, a Princesa D' oeste e Garotos de Madureira (do São Bernardo) (CALIXTO, 2022). É também durante a década de 1950 que se iniciam os primeiros desfiles de escolas de samba na cidade, na Avenida Francisco Glicério, no centro. Vilela (2021) salienta que as escolas criadas nesse período já adotavam o modelo carioca de desfile, alegando que carnavalescos da cidade iam até o Rio de Janeiro a procura de referências para as escolas de Campinas, que por sua vez não contavam com verbas da prefeitura, evidenciando novamente o desprezo do poder público com a população negra e, consequen-

temente, suas manifestações culturais. O autor também destaca que em oposição às escolas de samba e o carnaval de rua, nas décadas de 1950 e 1960 houve a criação de bailes de carnaval em clubes fechados da cidade, frequentados por uma população de maior poder aquisitivo (VILELA, 2021).

Nas décadas de 1970 e 1980 Campinas teve um grande movimento de inclusão social principalmente na área das artes por conta da abertura da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) em 1966, que causou a migração de diversos funcionários, muitos deles negros, engrandecendo as bases culturais da cidade e se somando às outras funções exercidas pela universidade (MARTINS, 2022). Com isso, houve um aumento significativo de grupos culturais afro-brasileiros em Campinas, muitos deles ativos até hoje como o Urucungos, Puítas e Quijengues (1988) e a Casa de Cultura Tainã (1989).

No âmbito urbanístico, a década de 1970 é marcada pelo lançamento do Plano Preliminar de Desenvolvimento Integrado (PPDI) na gestão do prefeito Orestes Quércia. A elaboração do plano contou com um consórcio de firmas de planejamento e uma equipe técnica de fora da cidade (BACCHI, 2017). Além disso, o plano

“Descartou o crescimento do município vetorial a sudoeste e contínuo a oeste, ainda que até hoje aconteçam nestes sentidos. Definiu como áreas de expansão preferenciais as regiões norte e nordeste, que sofreram grande elevação de preços e transformou esses territórios em reservas especulativas de valor imobiliário, inibindo sua ocupação. De outro lado, as áreas periféricas a oeste e sudoeste permaneceram mal equipadas e desprovidas de infraestrutura ao longo das décadas de 1970 e 1980, e permaneceram com grandes déficits até hoje, quando as administrações foram, na prática, forçadas a investir na grande periferia.” (CAMARGO, 2010, pg. 101)

Uma das diretrizes do PPDI era a criação de um distrito industrial na cidade, visando a atração de novas indústrias. Campinas nesse cenário seria uma boa opção por conta de suas rodovias, ferrovia e um aeroporto internacional (LIMA, 2014). Com isso, a prefeitura promoveu a desapropriação de vários terrenos próximos às rodovias Santos Dumont e Bandeirantes, ao redor do aeroporto de Viracopos. Contudo, o poder público não conseguiu atrair o número projetado de indústrias para a região, destinando os terrenos remanescentes para a COHAB Campinas construir núcleos habitacionais para os trabalhadores das indústrias próximas, como é o exemplo dos DICs (Distrito Industrial de Campinas), seis conjuntos habitacionais lançados entre 1981 e a década de 1990 (LIMA, 2014). No entanto, o autor destaca que tal iniciativa da prefeitura e da COHAB Campinas trouxe diversos problemas para o município, por mais que ainda houvesse um déficit habitacional.

“O primeiro problema é que a área não havia sido escolhida para abrigar moradias, e sim indústrias. Justamente por isso, estava localizada muito distante, a aproximadamente 18 quilômetros do Centro. Com isso, a Prefeitura passou a ter que levar infraestrutura até lá, sendo que áreas mais próximas que poderiam servir a projetos habitacionais foram descartadas” (LIMA, 2014)

É na região dos DICs, mais precisamente no distrito de Ouro Verde, que se encontra o local de desenvolvimento desse projeto, o bairro Jardim Shangai e sua respectiva escola de samba, a Unidos do Shangai, que serão tratados nos próximos capítulos.

O gráfico abaixo mostra o crescimento populacional das regiões de Campinas entre as décadas de 1970 e 1990, no qual pode-se constatar o intenso crescimento populacional na região sudoeste na época do PPDI, corroborando o descaso do poder público com uma região ambientalmente frágil e o principal eixo de expansão periférica da época, com uma população de renda mais baixa, realidade impulsionada também pelos conjuntos habitacionais da COHAB Campinas (BACCHI, 2017; CAMARGO, 2010).

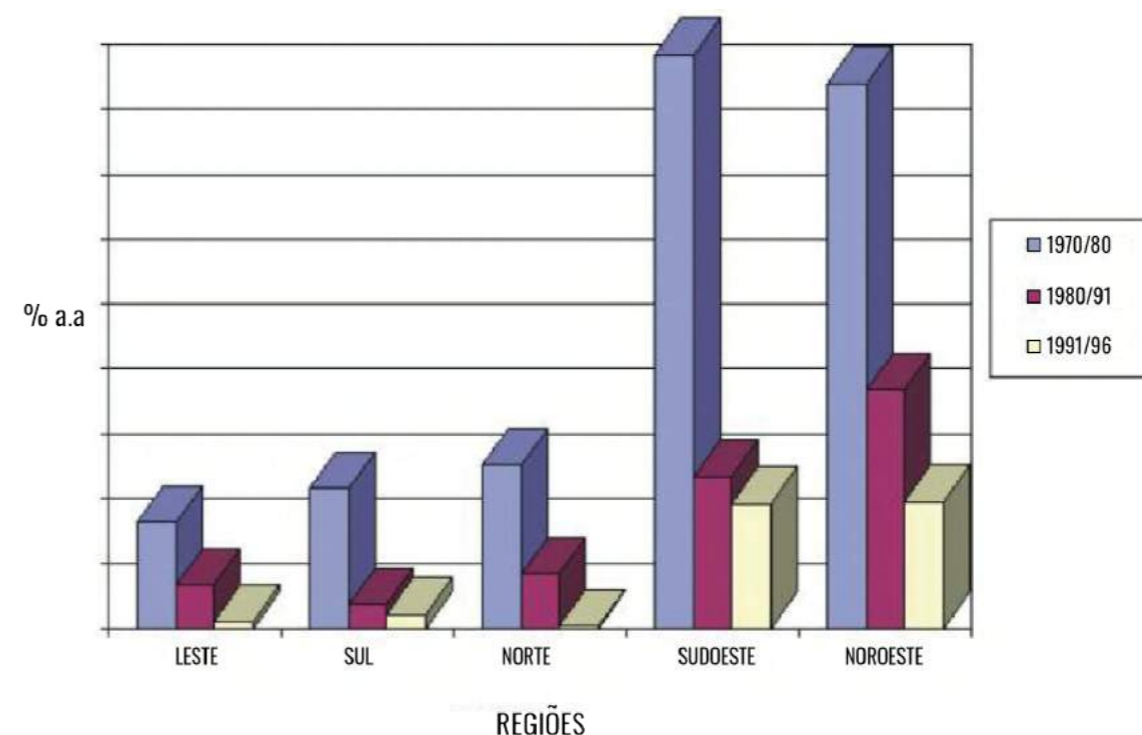


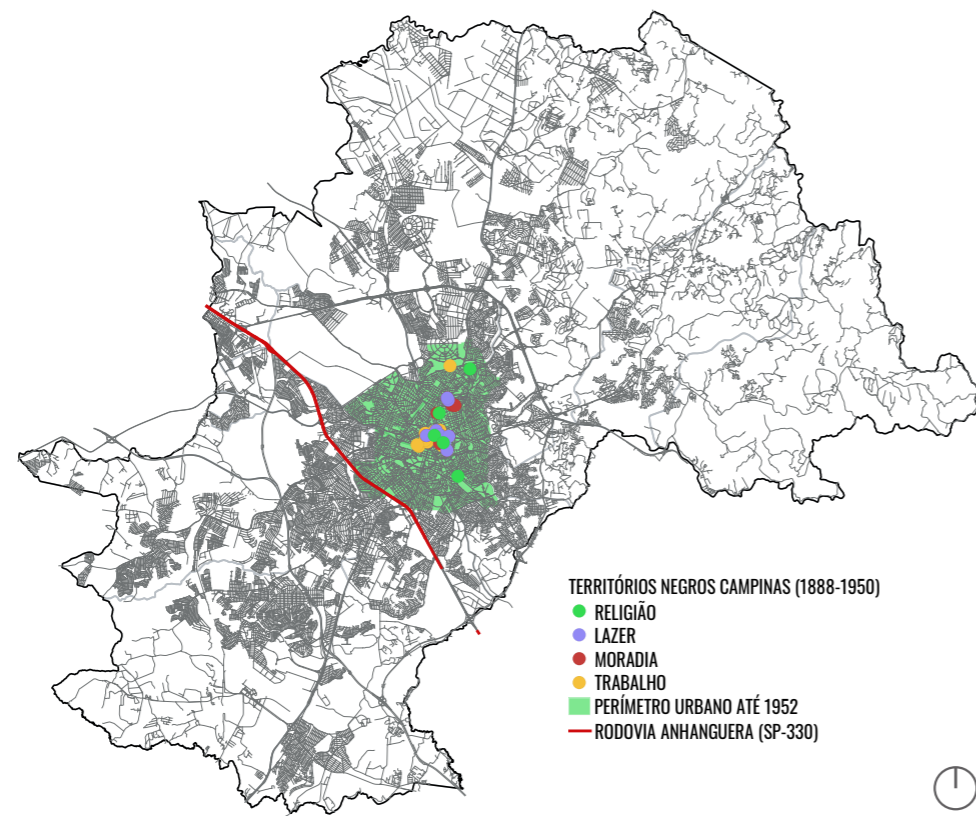
FIGURA 13 - GRÁFICO CRESCIMENTO POPULACIONAL POR REGIÃO DE CAMPINAS. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Outros empreendimentos aprovados na década de 1970, dessa vez na região norte e nordeste da cidade, iniciaram um processo de ocupação que se intensificou nas décadas seguintes. Em 1980, por exemplo, foram implantados diversos loteamentos ao norte (Barão Geraldo e Taquaral) e ao leste (Sousas), em áreas distantes do tecido urbano constituído anteriormente” (CAMARGO, 2010, p. 107). De acordo com Semeghini (2006), esse processo de ocupação e expansão urbana era mais voltado às classes mais altas, gerando loteamentos fechados e condomínios que foram se instalando nas regiões já citadas.

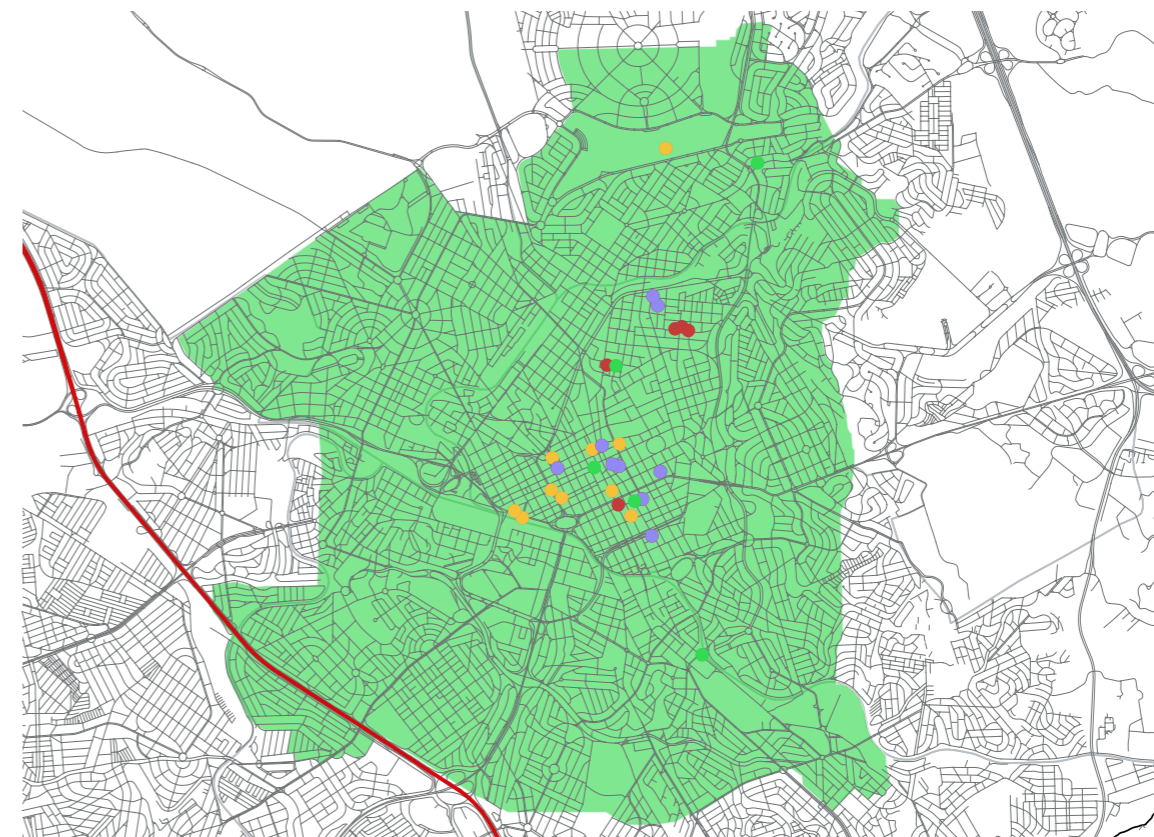
No âmbito carnavalesco, entre as décadas de 1970 e 1980, os desfiles das escolas de samba continuaram. Em 1988, inclusive, foi criada a escola de samba Unidos do Shangai. A partir da década de 1990 houve o enfraquecimento das relações entre as escolas de samba e o poder público municipal, afetando tanto os trabalhos das escolas como os desfiles de carnaval. Nos anos 2000, a falta cada vez maior de diálogo com as gestões municipais, as constantes mudanças de local dos desfiles pela cidade e a valorização e crescimento dos blocos de ruas - atividade carnavalesca de grande adesão popular e de custo mais baixo para a prefeitura - acarretou no enfraquecimento do desfile das escolas de samba. A última vez que as escolas passaram pelas avenidas da cidade foi em 2015. Para o carnaval de 2016 a prefeitura alegou que não haveria verba para a organização dos desfiles, e desde então eles não ocorreram mais. A Liga Independente das Escolas de Samba de Campinas (LIESCA), criada em 1998,

que também teve suas atividades enfraquecidas desde o fim dos desfiles, já no final de 2022 vem tentando restabelecer contato com a prefeitura de Campinas para a realização dos desfiles das escolas de samba em 2024, nos 250 anos da cidade de Campinas. Fora do âmbito municipal mas também de extrema importância para o trabalho das escolas de samba não só de Campinas, mas do país, foi a Lei nº 14.567 assinada em 4 de maio de 2023 pelo presidente Lula, que reconhece as escolas de samba como manifestação da cultura nacional e declara que é competência do poder público garantir a livre atividade das escolas bem como a realização de seus desfiles (BRASIL, 2023).

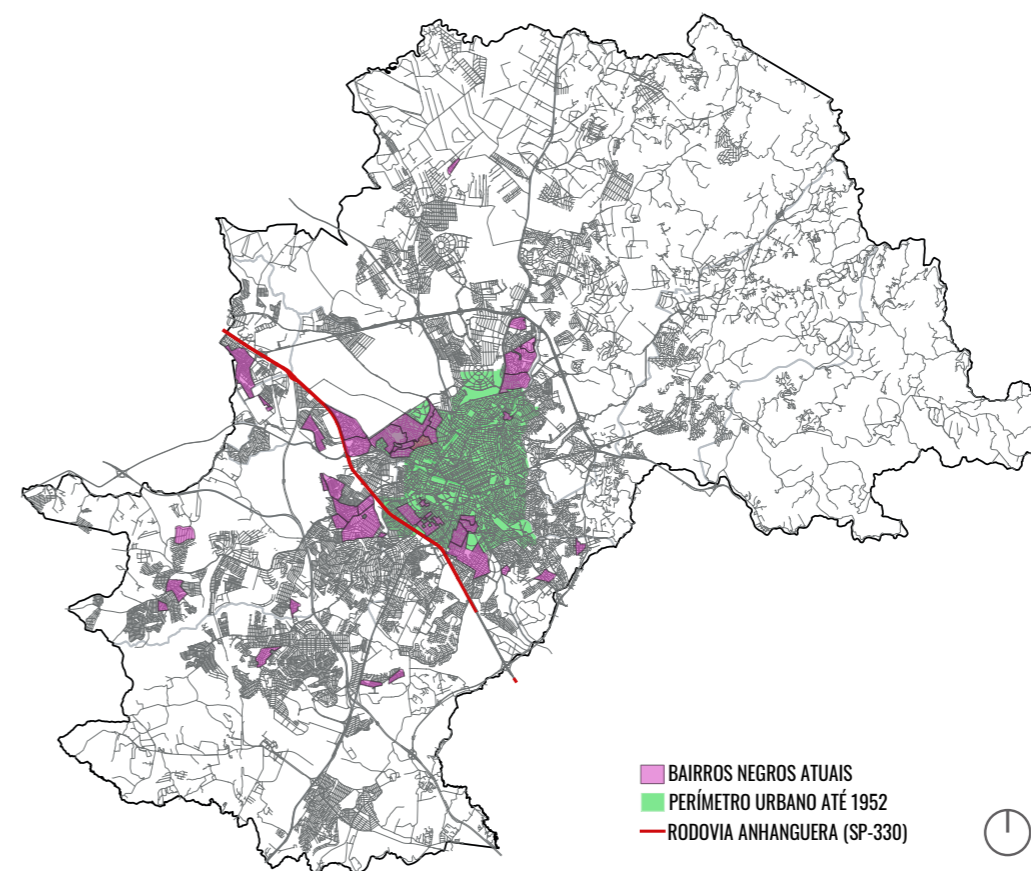
Dado esse histórico da cidade, de sua população negra e das comemorações carnavalescas, os mapas abaixo vem ilustrar geograficamente os processos de expulsão dessa população das áreas centrais da cidade.



MAPA 10 - TERRITÓRIOS NEGROS DE CAMPINAS DE 1888-1950. FONTE: GHIRELLO (2018a)

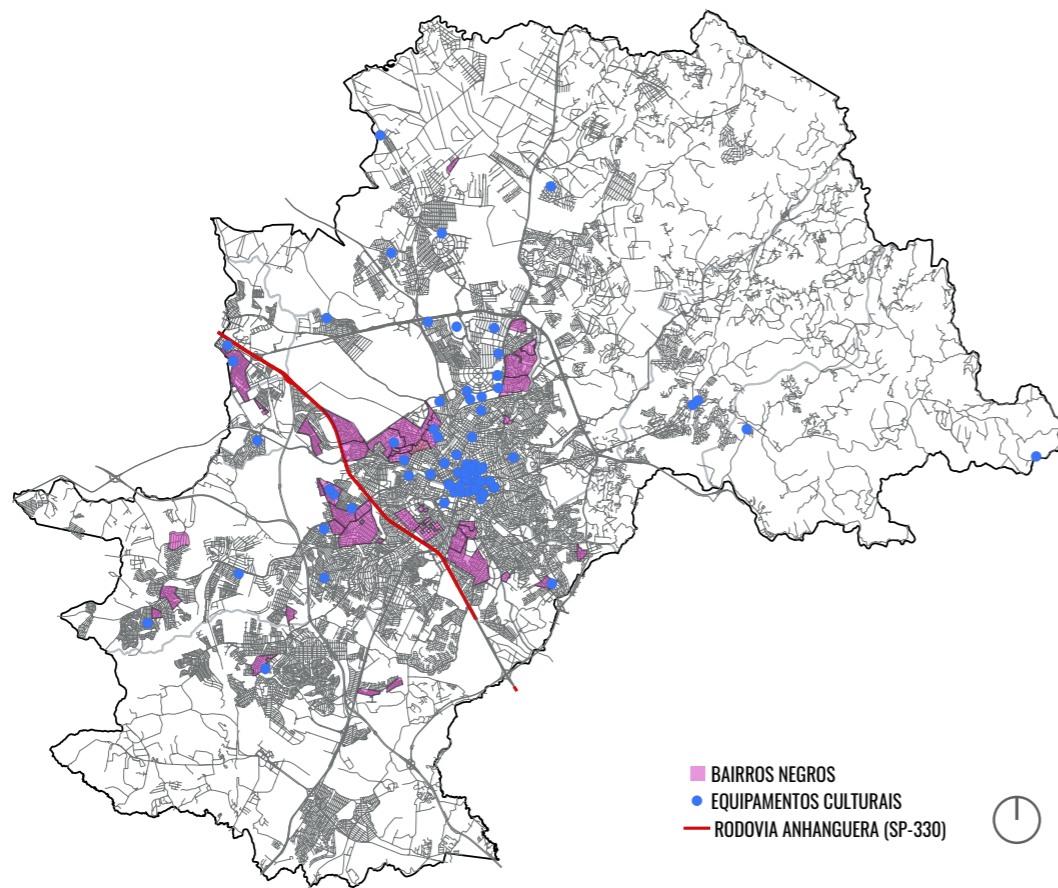


MAPA 11 - ZOOM TERRITÓRIOS NEGROS DE CAMPINAS DE 1888-1950. FONTE: GHIRELLO (2018a)

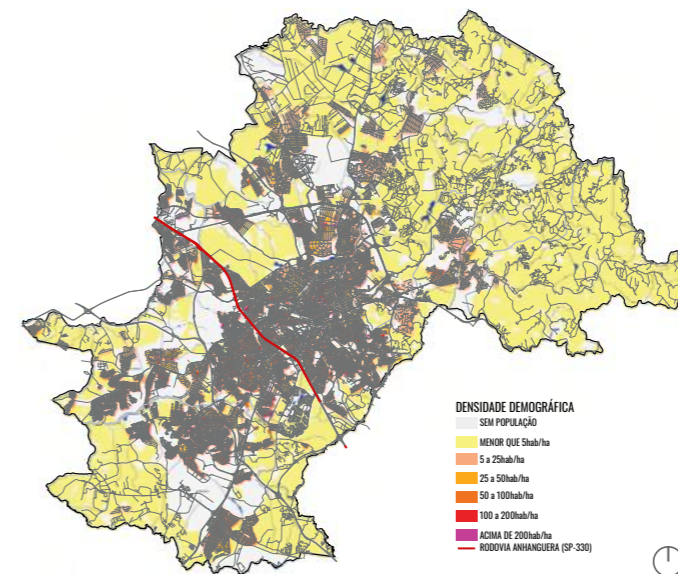


MAPA 12 - TERRITÓRIOS NEGROS ATUAIS DE CAMPINAS. FONTE: MARTINS (2016)

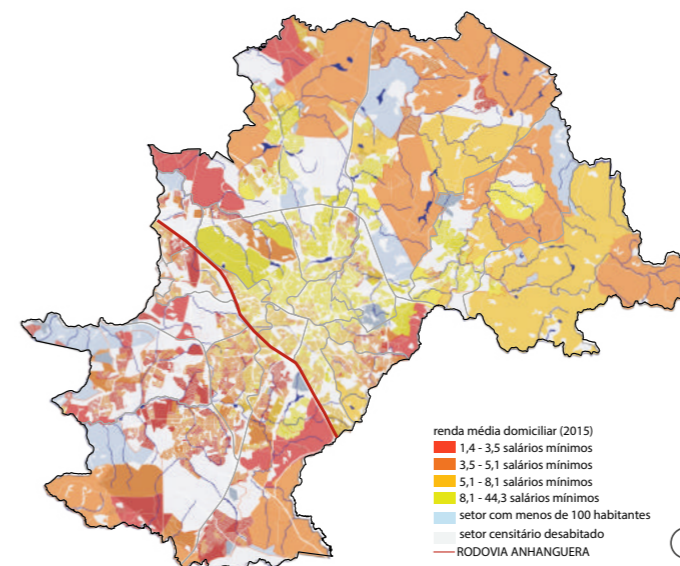
Baseado principalmente nos trabalhos de Ghirello (2018) e Martins (2016) que tratam, respectivamente, dos territórios negros de Campinas entre 1888 e 1950 e os territórios negros atuais da cidade, podemos observar como os locais tanto de moradia, lazer, religião e trabalho dessa população se encontrava no centro do perímetro urbano da cidade à época e foram, por meio dos processos comentados nesse capítulo, removidos para áreas periféricas sem infraestrutura o suficiente e distante de equipamentos públicos, como os de cultura.



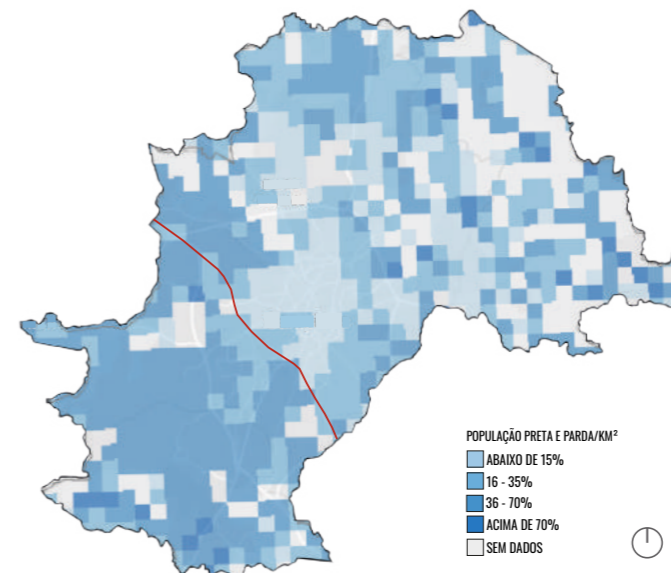
MAPA 13 - TERRITÓRIOS NEGROS ATUAIS DE CAMPINAS E EQUIPAMENTOS DE CULTURA. FONTE: MARTINS (2016); PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS



MAPA 14 - DENSIDADE DEMOGRÁFICA DE CAMPINAS. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS



MAPA 15 - RENDA DOMICILIAR DE CAMPINAS. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS



MAPA 16 - POPULAÇÃO PRETA E PARDA DE CAMPINAS. FONTE: CENSO IBGE 2010

E CONTINUAM QUERENDO NOS ESCRAVIZAR MAS O MEU POVO É FORTE ATÉ NOS LAMENTOS SACODE A POEIRA E 'TÁ PRONTO PRA LUTAR PRA ELES NOSSA EXISTÊNCIA JÁ É O PROBLEMA SE NÃO FOR PRA SERVIR SÓ SERVE PRA ODIAR - ABRINDO OS CAMINHOS, MARCELO D2

Sobrepondo tais informações com os mapas da cidade de densidade demográfica, renda e raça, percebe-se que a região ao sul da Anhanguera, principalmente em direção ao Aeroporto de Viracopos, possui alta densidade demográfica ao mesmo tempo que apresenta as menores rendas da cidade e maior concentração de pessoas negras do que regiões ao norte como os distritos de Barão Geraldo e Sousas, que possuem as maiores rendas médias da cidade e os menores números de população preta e parda; o que corrobora o papel da rodovia Anhanguera como uma barreira na cidade além de comprovar que essa população realmente se encontra, até hoje, na periferia da cidade, com uma qualidade de vida mais baixa, sem tanta infraestrutura. E é majoritariamente nessas regiões com maioria da população negra que se encontram as escolas de samba da cidade, melhor comentadas no capítulo a seguir

# ESCOLAS (de samba): cultura e comunidade

O CARNAVAL NÃO É APENAS UM SHOW NA AVENIDA NEM EXIBIR A FANTASIA NO MUNICIPAL - CARNAVAL, ORIGINAIS DO SAMBA

Por mais que os blocos de rua sejam a marca do carnaval campineiro nos últimos anos, a escolha de se estudar e se trabalhar com uma escola de samba vem justamente da necessidade de recuperação dessas entidades culturais e sociais que, como apontado no capítulo anterior, vêm resistindo desde os princípios da criação da cidade - e do país. Assim, como o próprio carnaval, a escolha pelas escolas de samba também é um modo de subverter a lógica vigente, nesse caso a lógica do próprio carnaval campineiro, de valorização dos blocos de ruas e apagamento e esquecimento do importante legado das escolas de samba e suas comunidades na cidade.

Cabe ressaltar que os blocos de rua de Campinas também possuem uma história importante e relevante para a cultura da cidade, bem como um forte senso de comunidade e grande relação com o samba, além de toda a discussão que suscitam sobre o direito à cidade e a ocupação das ruas durante o carnaval. Desse modo, o presente trabalho, por mais que se debruce sobre as escolas de samba, não visa sugerir uma hierarquia entre as manifestações culturais do carnaval campineiro e muito menos dar a entender que não devam ocorrer os blocos de rua na cidade, mas sim pretende debater a reinserção das escolas de samba no circuito carnavalesco de Campinas.

Mais uma vez visando subverter a lógica, o ponto de partida deste capítulo será o importante papel social das escolas de samba em suas respectivas comunidades, o que pode ser observado desde as escolas mais famosas e consolidadas, como as dos Grupos Especiais do Rio de Janeiro e São Paulo, até em escolas menores, como é o caso das escolas de samba de Campinas.

A questão da comunidade é presente desde a formação e fundação das primeiras escolas de samba no sudeste. De acordo com Von Simson (2007), tanto o carnaval dos brancos como o dos negros se organizaram tendo como base grupos de vizinhança com o principal objetivo de criar um divertimento para as famílias que o compunham: contudo, o carnaval popular branco se baseava em copiar as comemorações europeias, sem criar novos folguedos; o carnaval negro também se inspirava nos carnavais de classes mais abastadas, mas não possuindo os mesmos recursos para realizá-lo criou novas formas de participar da folia nas quais a música e a dança, criadas especialmente para essas ocasiões, tinham papéis mais importantes que o aspecto visual (VON SIMSON, 2007).

As escolas de samba herdaram esse importante aspecto comunitário e também de afirmação da cultura negra. As escolas, principalmente em seu contexto de criação na década de 1930 no Rio de Janeiro, também eram redes de apoio, proteção e demarcação de identidade de uma população jogada às margens da cidade e dos direitos. Apesar da espetacularização das escolas de samba e do carnaval observada hoje, as escolas de samba ainda são espaços extremamente importantes de sociabilidade e resistência culturais - principalmente negra (INSTITUTO MOREIRA SALES, 2023).

Com essa valorização das escolas, mesmo que no âmbito turístico e econômico, elas passam a assumir um caráter mais cultural e a desenvolver ações sociais como cursos de música, corte e costura, dança e outras atividades ligadas ao trabalho do carnaval (GIGLIO; SILVA; CRUZ, 2020). Num primeiro momento, tais ações educativas e culturais eram realizadas de modo informal, no âmbito de ensinar pessoas de dentro da escola a desenvolver trabalhos específicos; contudo, as ações educativas foram se formalizando, em alguns casos até contando com parcerias de instituições de ensino, e abrangendo atividades culturais, de lazer, esportes, ensino básico, fundamental, médio e profissionalizante; tendo uma atuação importante principalmente para populações de baixa renda e para o público infanto-juvenil, o que torna as escolas de samba também um campo de aprendizagem e inclusão social - fazendo jus ao termo escola (ASSIS, 2019; GIGLIO; SILVA; CRUZ, 2020).

Essa face social, educativa e cultural das escolas de samba não é tão investigada pela academia, nem conhecida por grande parte da população e muito menos divulgada pela mídia, que resume as atividades das escolas ao desfile de carnaval, um evento pontual. No entanto, é importante ressaltar que as atividades sociais das escolas de samba se realizam durante todo o ano, bem como os trabalhos técnicos e artísticos que resultam no desfile. Por mais que seja visto apenas como uma festa - dimensão também importante da vida artística e cultural - e às vezes até como “bagunça” para muitos setores da população, o carnaval é trabalho, cultura e educação.



FIGURA 14- MESTRE-SALA E PÚBLICO NO CARNAVAL DE CAMPINAS DE 2014. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

# ESPAÇOS DA ESCOLA DE SAMBA

Os trabalhos das escolas de samba, desenvolvidos ao longo do ano todo como já mencionado, se concentram principalmente em seus barracões e quadras. Para um melhor exercício projetual e entendimento deste trabalho, é necessário compreender a logística de trabalho e atividades dessas agremiações dentro de seus respectivos espaços.

A quadra nas escolas de samba desempenham o papel de sede, tanto administrativa quanto social das agremiações. É nas quadras, originalmente denominadas de terreiros como definem Lopes e Simas (2015), que eventos como festas, shows, rodas de samba, reuniões, ensaios da bateria e projetos sociais ocorrem. Este espaço também tem como objetivo “embasar a sociabilidade do cantar, compor, bater, vivenciar e beber o samba” (NATAL, 2020), se tornando um importante espaço comunitário de compartilhamento de valores e símbolos que permeiam a escola de samba.

Natal (2020) descreve como a partir das décadas de 1960 e 1970 o papel das quadras foi repensado, em parte pelos próprios sambistas, para se abrir mais ao público geral, e não apenas às pessoas da comunidade da agremiação. Assim, com participação de novas camadas sociais - como a classe média -, realização de outros tipos de eventos que não apenas ensaios da bateria, as quadras foram adquirindo um novo papel, também com um caráter mais turístico e de entretenimento. Contudo, é importante destacar que, assim como o samba, as mudanças ocorridas nas quadras-terreiros ao longo do tempo nunca retiraram o valor de seu importante papel nas agremiações, pelo contrário, apenas somaram novas camadas a este espaço que permeia o carnaval, a festa, a religiosidade e o encontro.

Já o barracão, como definido anteriormente, é o local em que se realiza, ao longo de todo o ano, a confecção de alegorias, fantasias e adereços para o desfile das escolas de samba (LOPES; SIMAS, 2015). Para entender melhor o que ocorre dentro dos barracões de escolas de samba, é preciso conhecer a lógica de produção nesses espaços. No geral, a logística e o processo de produção do desfile de carnaval é o mesmo em todas as escolas de samba, independente da cidade ou estado, apenas com uma adaptação de calendário devido aos diferentes requisitos exigidos por cada regulamento e também aos diferentes tamanhos e financiamento público das escolas de samba.

O processo de criação e confecção do desfile se (re)inicia quase imediatamente após o carnaval, com a desmontagem dos carros alegóricos, no qual todas as esculturas, madeiras e ferragens são retiradas para que se possa recuperar algum material e utilizá-lo novamente (ACADÊMICOS DO SALGUEIRO, 2013). Paralelamente a isso, o carnavalesco e seus auxiliares começam os projetos e desenhos das alegorias do próximo desfile, que já possui enredo definido. Em seguida, a equipe de ferreiros inicia os trabalhos de montagem das estruturas dos carros alegóricos. Com as ferragens concluídas, se inicia o trabalho da carpintaria dos carros, com colocação por exemplo de pisos de madeira e outros elementos. Após isso, tem início o trabalho com as esculturas, feitas de isopor, madeira e diversos outros materiais. Ao final vem o trabalho dos pintores de arte, iluminadores e decoradores, responsáveis pela iluminação e decoração do carro alegórico que irá para a avenida (ACADÊMICOS DO SALGUEIRO, 2013). É importante frisar que tais processos de trabalho e criação ocorrem paralelamente aos trabalhos de corte e costura, ou seja, “ao mesmo tempo que a produção das alegorias é feita, as fantasias também são confeccionadas” (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p.4), e também dos ensaios da bateria.

Para abrigar esse fluxo de trabalho, pessoas e materiais, o barracão de escola de samba é dividido em diferentes setores, não apenas nos já mencionados no processo de produção da alegoria e fantasia, mas também em setores como administração, depósito/almojarifado e espaços para os trabalhadores, como banheiros, copa e refeitório.

Além dos trabalhadores diretamente envolvidos na produção das alegorias e fantasias, os barracões de escolas de samba costumam receber também visitantes e observadores interessados em ver o processo de criação de perto. Em escolas maiores, como as do Rio de Janeiro e São Paulo, é comum o oferecimento de visitas guiadas pagas pelos barracões, tanto como uma forma de mostrar ao público o trabalho das escolas, como também da escola arrecadar fundos para a produção do desfile.

Para além da esfera do trabalho, os barracões também possuem uma dimensão social e comunitária, sendo locais de profissionalização de mão de obra mas também de transmissão de habilidades e conhecimentos técnicos e artísticos e de comunhão entre os trabalhadores, artistas e até mesmo voluntários a serviço da escola. É também no barracão que se faz presente as características que conferem a essas agremiações o nome de ESCOLA: o ensino e o fortalecimento de uma comunidade.



FIGURA 15 - OFICINA DE DANÇA NA QUADRA DA ESCOLA DE SAMBA ROSA DE PRATA EM CAMPINAS. FONTE: ESCOLA DE SAMBA ROSA DE PRATA



FIGURA 16 - BARRACÃO DE ESCOLA DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO. FONTE: AGÊNCIA BRASIL

VAI, BARRACÃO  
PENDURADO NO MORRO  
E PEDINDO SOCORRO  
A CIDADE A SEUS PÉS  
- BARRACÃO, ELIZETH CARDOSO



© fabiano ribeira cultura

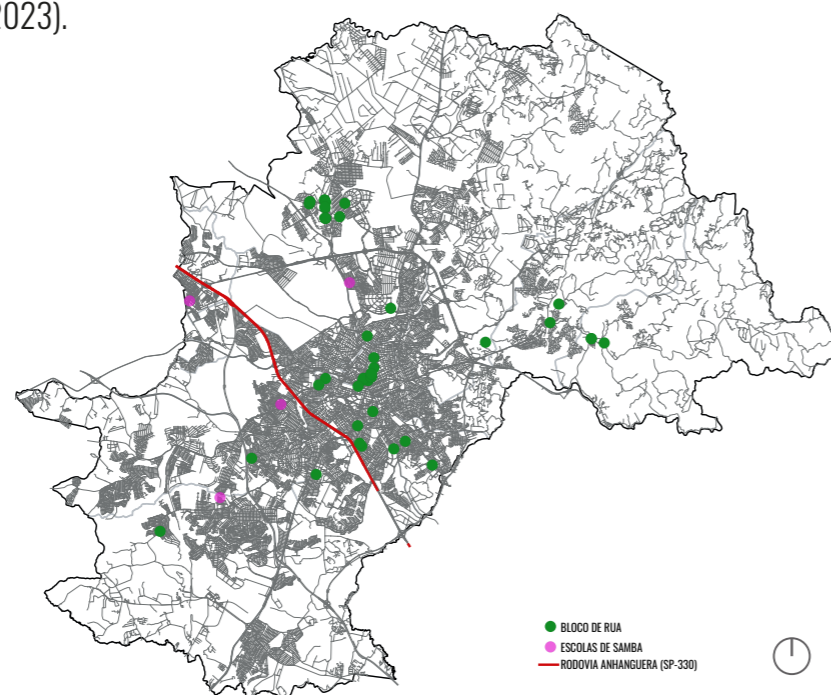
FIGURA 17- BLOCO DE RUA DE CAMPINAS NO CARNAVAL 2023. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

# ESCOLAS DE SAMBA EM CAMPINAS

Como já comentado anteriormente, nos últimos anos o carnaval de Campinas tem como destaque os blocos de rua. Espalhados por todas as regiões da cidade, os blocos são uma forma de divertimento carnavalesco democrática que subverte a lógica cotidiana da cidade, por exemplo pela ocupação das ruas, atraindo um público diverso uma vez em que não necessariamente se tratam de blocos com marchinhas de carnaval ou samba, e sim com uma variedade de estilos musicais. Do ponto de vista do poder público, a realização de blocos de rua é mais barata que os desfiles das escolas de samba por exigir menos infraestrutura - basicamente apenas banheiros químicos e organização do trânsito para fechamento de ruas. Nesse cenário, especialmente desde 2015, o último ano de desfiles de escolas de samba na cidade, muitas escolas vêm lutando pela sua manutenção e sobrevivência. Begatti (2023) comenta que muitas escolas da cidade hoje vivem apenas “no papel”, ou seja, só possuem um CNPJ ativo, mas não contam mais com atividades. As escolas mais ativas, por sua vez, realizam eventos e apresentações pontuais, sem os elementos que caracterizam uma escola de samba.

Além do risco de terem suas atividades completamente encerradas pela falta de incentivo municipal e pela paralisação dos desfiles, as escolas de samba de Campinas também estão ameaçadas culturalmente, já que as informações e os registros dos carnavais da cidade são escassos e geralmente há um repasse oral de saberes e histórias por aqueles que viveram a época dos desfiles entre as décadas de 1970 e 1990, “correndo o sério risco de serem esquecidas” (BEGATTI, 2023). Martins (2022) ressalta que essa perda da tradição e da memória também afeta os bairros negros e as famílias envolvidas nos carnavais das escolas de samba.

Por conta desse contexto de dismantelamento das escolas de samba e da cultura carnavalesca de Campinas, no presente trabalho optou-se por trabalhar com as escolas ativas no carnaval de 2023, que além de ser o carnaval mais recente, permitindo mapear escolas que realmente tenham alguma atividade em andamento, também foi um dos maiores carnavais da cidade em número de foliões e de blocos de rua, nomeado de “Carnaval da Retomada”, por conta dos dois anos de pandemia de COVID-19 em que a festa não pôde ocorrer na cidade e em todo o país (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2023).



MAPA 17 - EVENTOS CARNAVAL DE CAMPINAS 2023. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. DESENVOLVIDO PELA AUTORA

Apesar de ser uma festa com um forte caráter democrático e de participação popular, pelo mapa do carnaval de Campinas de 2023 observa-se como até mesmo os blocos de rua se concentram no centro da cidade e na área norte, especialmente no distrito de Barão Geraldo, regiões com as maiores rendas da cidade e, inversamente proporcional, o menor número de população preta e parda. Por outro lado, a região ao sul da rodovia Anhanguera, de renda mais baixa, menor infraestrutura e maior número de população preta e parda possui menor quantidade de blocos de rua e um maior afastamento entre eles. Isso permite constatar que realmente houve um processo de incorporação dessa manifestação cultural originalmente negra nas manifestações brancas, como comentado por Von Simson (2007) e que até uma festa democrática perde essa característica em uma cidade com um forte histórico de segregação espacial com a população negra - e sua cultura.

É importante ressaltar que as escolas apontadas no mapa, como elucidado anteriormente, participaram do carnaval também realizando blocos de rua em seus respectivos bairros, em eventos que geralmente incluíam apenas a bateria da escola de samba. Martins (2016) comenta como Campinas já teve desfiles com cerca de 12 escolas de samba, o que realmente comprova como muitas delas encerraram suas atividades, visto que em 2023 apenas quatro realizaram eventos no carnaval, se mostrando mais ativas e minimamente estruturadas. Por esse motivo as quatro escolas de samba apontadas no mapa - Estrela D'alva, Unidos do Shangai, Rosa de Prata e Leões da Vila da Padre Anchieta - foram visitadas e estudadas como um possível local de projeto do presente trabalho. Tanto as escolas como seus bairros serão melhor apresentados e analisados no capítulo a seguir.

Em junho de 2023, foi confirmada, após diversas reuniões entre a Prefeitura de Campinas e a LIESCA (Liga Independente das Escolas de Samba de Campinas), a volta dos desfiles das escolas de samba da cidade no ano de 2024, em comemoração aos 250 anos de Campinas. O evento, contudo, ocorrerá em julho, e não no início do ano durante o carnaval. Apesar disso, as escolas já retornaram seus trabalhos como ensaios da bateria, oficinas de percussão para a comunidade e planejamento dos desfiles, o que pôde ser acompanhada pela autora nas redes sociais das quatro escolas analisadas nesse trabalho.

Além disso, ao longo do ano de 2023 a LIESCA programou uma série de eventos com as escolas de samba da cidade para resgatar os trabalhos das escolas e aproximá-las do público local, como preparativo para a volta dos desfiles em 2024. Esses eventos foram um Ato Cultural realizado dia 26 de agosto de 2023, que consistiu em uma passeata das escolas de samba pelas ruas centrais da cidade em defesa da volta dos desfiles de carnaval; uma Feira Metropolitana Cultural do Samba em 10 de setembro de 2023, que ocorreu na Estação Cultura, importante equipamento cultural no centro da cidade, e contou com diversos shows de samba, gastronomia, artesanatos e apresentações das baterias de escolas de samba da cidade; um evento em comemoração ao Dia Nacional do Samba, dia 2 de dezembro, também na Estação Cultura, que contou com um pequeno desfile das escolas de samba da cidade, como um pré-carnaval fora de época, além de outras atividades culturais como gastronomia e artesanato; e a participação das escolas de samba nos eventos natalinos da cidade, que começaram a ocorrer dia 9 de dezembro de 2023. Desse modo, espera-se que a volta dos desfiles das escolas de samba no próximo ano seja um grande evento, com participação da população campineira e com muito sucesso para as escolas de samba, afim de uma volta definitiva desse evento tão importante pra cultura carnavalesca local bem como para a manutenção da tradição das escolas de samba de Campinas.



FIGURAS 18 A 21 - EVENTOS DAS ESCOLAS DE SAMBA DE CAMPINAS EM 2023.  
FONTE: LIESCA E ESCOLAS DE SAMBA

Como já comentado anteriormente, os desfiles das escolas de samba do estado de São Paulo, incluso Campinas, tiveram forte influência do modelo carioca até mesmo em seu regulamento, com as devidas proporções. Em 2015, último ano dos desfiles das escolas de samba na cidade, o regulamento para as escolas do Grupo Primeiro<sup>5</sup> previa de 45 a 65 minutos de desfile; mínimo de 250 participantes; ao menos 50 ritmistas na bateria; e dois carros alegóricos de dimensões 3,5m de largura, 5m de comprimento e no máximo 4m de altura (CAMPINAS, 2015), que deviam obrigatoriamente possuir piso de madeira. Esses números ajudam a espacializar o trabalho das escolas de samba dentro e fora dos barracões. É importante ressaltar que o número de pessoas e trabalhadores envolvidos para o desfile das escolas de samba podem ser consideravelmente maior do que os apresentados no regulamento, porém tais informações oficiais são importantes para o exercício projetual do barracão da escola de samba e também para entendermos a real dimensão das escolas de samba campineiras.

Dada a importância da relação escola de samba e sua comunidade, comentada em capítulo anterior, a seguir serão apresentadas as quatro escolas participantes do carnaval de 2023 assim como seus respectivos bairros.

<sup>5</sup> mais conhecido como Grupo Especial, o mais alto na hierarquia de classificação das escolas de samba, seguido pelo Grupo de Acesso e Grupo das Pleiteantes



FIGURA 22- CARRO ALEGÓRICO NO DESFILE DE CARNAVAL DE CAMPINAS DE 2011. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

# CONHECENDO OS TERRITÓRIOS

As visitas às quatro escolas de samba que participaram do carnaval de 2023 e a seus respectivos bairros foram importantes não apenas para uma leitura do território urbano em que essas escolas se inserem, mas também para uma investigação das relações com suas respectivas comunidades e das estruturas que essas escolas dispõem, pois mesmo ativas, realizando atividades e eventos, elas ainda enfrentam diversos problemas e lutam pela sua manutenção.

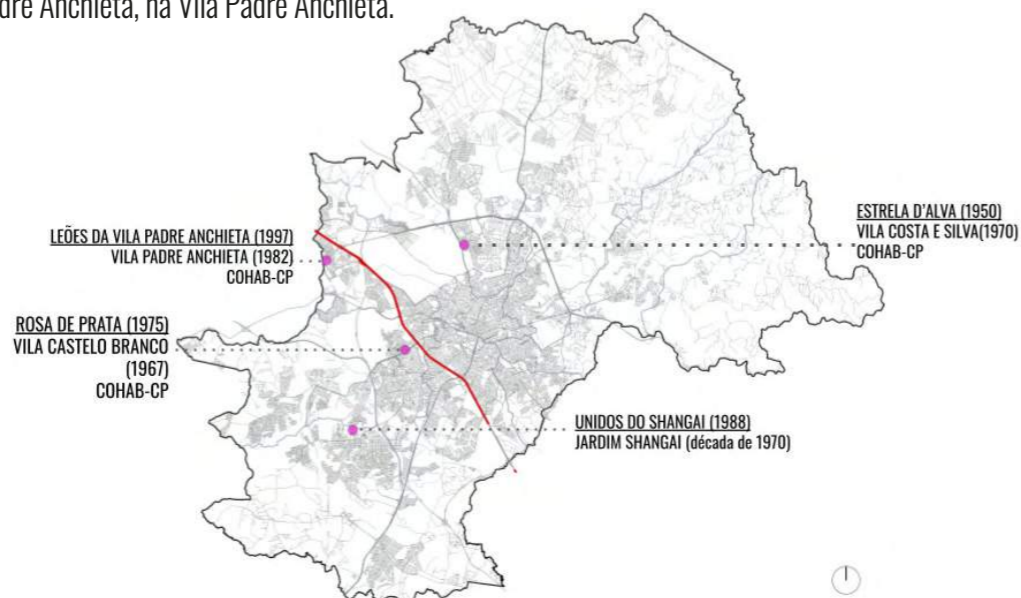
Por mais que o projeto se desenvolva em um único bairro, optou-se pela inserção da informação dos outros três bairros e escolas de samba visitados para conhecimento da situação geral das escolas de samba da cidade, além de um registro das relações e dinâmicas comunitárias nesses bairros, em sua maioria periféricos.

Além das visitas e levantamentos realizados, a autora também teve contato com os dirigentes das quatro escolas de samba, o que permitiu a realização de breves entrevistas e coleta de informações importantes, que de fato não são encontradas, por exemplo, no site da Prefeitura ou da Secretaria de Cultura da cidade, provando como os dados e registros do carnaval campineiro se baseiam muito na oralidade (BEGATTI, 2023).

No presente capítulo serão apresentados brevemente cada bairro e sua respectiva escola de samba, bem como uma análise dos dados coletados nas visitas e entrevistas que levaram à definição de um local para o projeto.

Entre os dias 26 e 27 de abril de 2023 foram visitadas as escolas de samba Estrela D'alva, na Vila Costa e Silva; Unidos do Shangai, no Jardim Shangai; Rosa de Prata, na Vila Castelo Branco; e Leões da Vila Padre Anchieta, na Vila Padre Anchieta.

É QUE O MEU SAMBA ANDA POR AÍ À BEÇA MAS QUASE NÃO VAI NA TELEVISÃO - MEU SAMBA ANDA POR AÍ, DIOGO NOGUEIRA

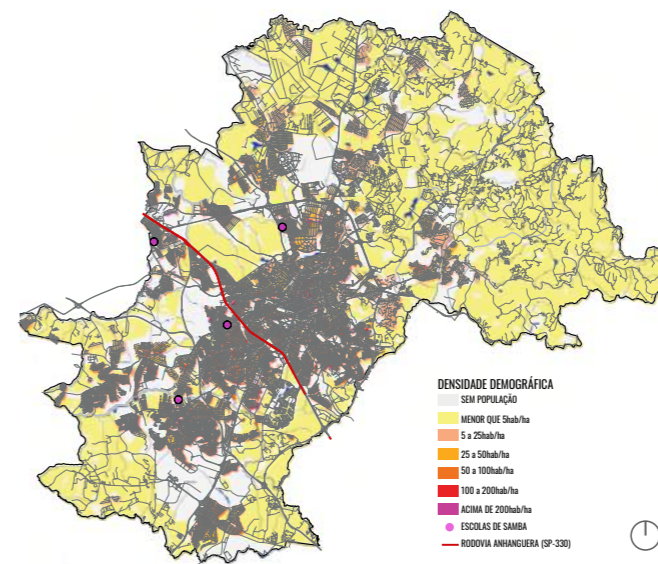


MAPA 18 - ESCOLAS DE SAMBA NO CARNAVAL 2023 E SEUS BAIRROS. DESENVOLVIDO PELA AUTORA

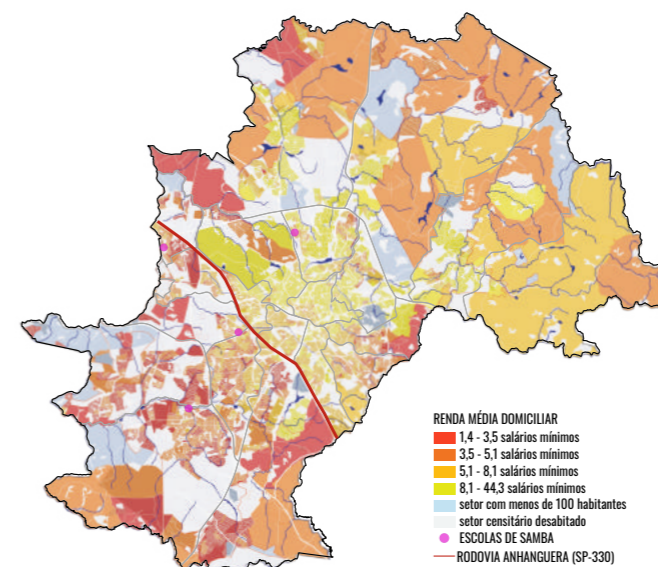


FIGURAS 23 A 26 - BRASÕES DAS ESCOLAS DE SAMBA DE CAMPINAS

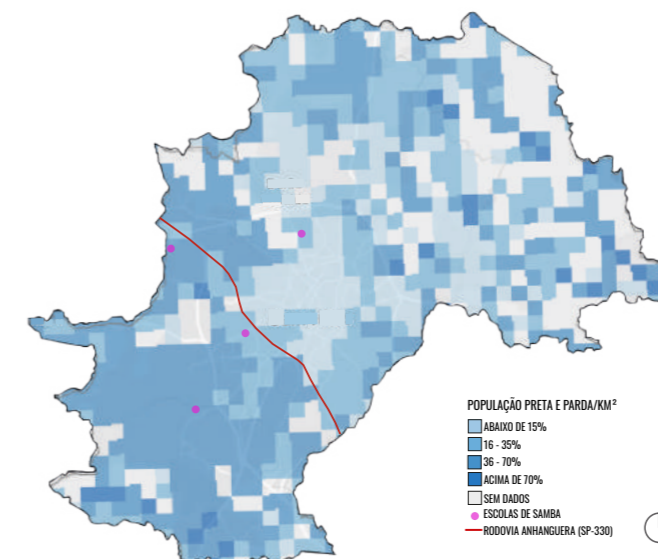
Além do reconhecimento territorial dos bairros, também foram analisados os contextos de densidade demográfica, renda e população preta e parda em que esses bairros estão inseridos, conforme os mapas ao lado.



MAPA 19 - ESCOLAS DE SAMBA E DENSIDADE DEMOGRÁFICA. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. DESENVOLVIDO PELA AUTORA



MAPA 20 - ESCOLAS DE SAMBA E RENDA DOMICILIAR. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. DESENVOLVIDO PELA AUTORA



MAPA 21 - ESCOLAS DE SAMBA E POPULAÇÃO PRETA E PARDA. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS; CENSO IBGE 2010. DESENVOLVIDO PELA AUTORA



Em conversa com Michel Henrique de Moraes Furtado, atual dirigente da escola, foi destacado o fato da escola não possuir uma sede, sendo que a sede visitada se tratava, na verdade, da casa dele.

Sem os desfiles da cidade, a escola vem realizando eventos, principalmente no próprio bairro, em datas comemorativas. No carnaval desse ano, a escola realizou um bloco no bairro e sua bateria também participou de outro bloco de rua tradicional de Campinas, o Nem Sangue Nem Areia.

Quando questionado sobre o que mais a escola necessitava e sentia falta no momento, Michel brincou - mas falando sério - que atualmente “falta tudo e mais um pouquinho”, tanto verba municipal quanto maior participação do bairro, a volta dos desfiles, etc.

Não foi comentado sobre o oferecimento de oficinas, contudo Michel destacou que na época dos desfiles a escola era um dos maiores atrativos do bairro, contando com participação tanto da própria comunidade quanto de pessoas de fora, ocorrendo uma relação e engajamento naturais entre os moradores e a Estrela D’alva que se mantém hoje já que a escola é bem conhecida na comunidade e se trata da mais antiga escola de Campinas em atividade.

Quando questionado sobre a oferta de atividades culturais e de lazer gratuitas no bairro, ele relembrou os eventos que a escola realiza em datas comemorativas e indicou que a praça do bairro conta com diversas atividades para a comunidade como futebol, karatê, clube da terceira idade além de receber eventos como feiras.

#### **ENTREVISTA\***

**Júlia:** Olá, tudo bem? Sou a Júlia, estudo Arquitetura e Urbanismo na USP de São Carlos, mas sou daqui de Campinas. Estou no meu último ano e fazendo um TCC sobre os espaços do carnaval em Campinas, focando nas escolas de samba da cidade.

Nesse sentido queria saber dos espaços que vocês têm hoje, se tem uma quadra, um barracão, como que a escola se organiza e o que faz falta pra vocês (mais espaço, mais gente etc...), quem faz parte da escola hoje, se é galera do bairro, ou se é gente de todo lugar, se o pessoal é engajado...

Se pudermos conversar um pouco sobre ia me ajudar bastante! Qualquer coisa só me mandar mensagem

**Michel:** Boa tarde tudo bem ? Legal, no que puder ajudar...

Aqui em Campinas já fazem 8 anos sem desfile das escola de samba!!

Sobre essa questões que você citou aí para nós resumindo o contexto todo falta tudo e mais um pouquinho rs ainda mais com todos esses anos sem desfile

Mas estamos na luta para podermos voltar com eles , um novo começo, uma nova história!!

**J:** Eu estou acompanhando essa tentativa de retorno dos desfiles, ainda mais ano que vem nos 250 anos de campinas.

Mas vocês fazem alguns eventos, umas rodas de samba ou a bateria participa de algumas coisas? Imagino que a pandemia deve ter dificultado muito as coisas também

**M:** Sim, esse Carnaval realizamos um bloco no bairro, fizemos alguns shows, fizemos o desfile do bloco Nem Sangue Nem Areia... foi um Carnaval bem movimentado, por tanto tempo parado foi gratificante!!

**J:** Ah legal! Mas ao longo do ano não tem mais evento? É só durante o carnaval mesmo?

**M:** Já teve agora no mês de abril no sábado de aleluia, mas vamos realizar o aniversário do bairro dia 18 de junho

**J:** Bacana!

Eu fui visitar o bairro, achei na internet um endereço que era da sede de vocês, a sede é uma casa mesmo ou tem algum outro espaço no bairro que vocês usam?

**M:** Isso mesmo, é minha casa

**J:** Entendi!

Queria te perguntar só mais umas duas coisinhas: queria saber se o pessoal do bairro conhece a escola, se ela é “famosa” na comunidade e se eles participam (ou participavam né) na época dos desfiles e tal

**M:** Sim, escola mais mais tradicional de Campinas e a mais velha em atividades hoje em dia!!

**J:** queria saber também sobre as opções de eventos culturais que tem aí no bairro ou por perto, se tem coisa pra fazer de graça (teatro, cinema, museu, biblioteca, shows) ou se tem coisa mas é tudo paga... a questão de oferta de cultura pro pessoal do bairro mesmo, a sua visão sobre isso como morador

**M:** Temos sim fazemos alguns eventos culturais em datas festivas , sábado de aleluia, dia das crianças, festa de natal para crianças, e na praça de esporte tem escolinha de futebol, karatê e turma da terceira idade. E agora dia 13 sábado estará acontecendo a feira das mulheres empreendedoras

**J:** Que bacana! Não sabia que tinha tudo isso, bem legal.

Na época q vocês participavam dos desfiles vocês faziam oficinas com a comunidade? De percussão, corte e costura etc? Como que era a organização pros desfiles?

**M:** Não, não. Na época lá era tudo muito natural né, um mundo ainda pouco opcional de muitas coisas que temos hoje né, então a escola era um dos maiores atrativos daquele tempo, o povo tanto da comunidade tanto comunidades vizinhas participavam, era um tempo muito eufórico!!

Devido muitas coisas, antes dessa paralisação dos desfiles, a escola foi perdendo essa unanimidade, essa primeira opção né, ainda mais numa cidade do interior onde muitas modas se alojam. Aí também veio pandemia, deu uma grande esfriada, mas com muita fé e trabalho vamos voltar de pouco a pouco num processo de reconstrução se Deus quiser, e eu particularmente também quero muito

**J:** Ah que legal! Então pessoal se unia e as coisas iam acontecendo assim na hora! Muito bacana o engajamento da comunidade. Imagino que a pandemia deve ter atrapalhado muita coisa também.

Mas muito obrigada pelas informações! Foram de grande ajuda!

**M:** Imagina, à disposição.

\* realizada por aplicativo de mensagem entre os dias 2 e 15 de maio de 2023

### Unidos do Shangai, Jardim Shangai

A Unidos do Shangai foi criada em 1988, no bairro Jardim Shangai. Localizado no distrito do Ouro Verde, na região sudoeste da cidade, a ocupação da área ocorreu na década de 1970 a partir da implantação do PPD (Plano Preliminar de Desenvolvimento Integrado) e do Distrito Industrial de Campinas. Atualmente o Jardim Shangai é caracterizado por uma densidade demográfica entre 100 e 200 habitantes/ha, e uma renda domiciliar média predominante de 3,5 a 5,1 salários mínimos.



FIGURA 34 - MAPA ESQUEMÁTICO VISITA JARDIM SHANGAI. DESENVOLVIDO PELA AUTORA

Na visita do bairro e arredores foi possível observar as ruas mais largas e movimentadas do bairro (em vermelho no mapa); a presença de equipamentos importantes como o Terminal de ônibus Ouro Verde e o complexo hospitalar do Ouro Verde; a presença do córrego Pium (01) e do Rio Capivari (02) que passa por toda a área, marcados em azul no mapa. A oeste do bairro é possível observar uma verticalização, com conjuntos habitacionais de interesse social (03) bem como uma área não ocupada que supõe-se que esteja em processo de especulação imobiliária para a construção de mais edifícios. Aqui, a sede da escola de samba (em rosa) também se trata de uma casa comum no bairro, sem indicação de que ali tem uma escola de samba. Ao fundo do bairro há um campo de futebol com uma construção ao lado, intitulado Arena Shangai, de uso do time de futebol do bairro, e um playground (04), e local do evento de carnaval da escola de samba em 2023. Ao lado da Arena Shangai e próximo ao Terminal Ouro Verde, por onde também passa o córrego Pium, há a presença de ocupações irregulares bem como uma área verde mais degradada (05).

Ao caminhar pelo bairro foi possível perceber um número relativamente alto de pessoas andando pelas ruas e também na área da Arena Shangai, tanto crianças brincando no playground como adultos sentados nos bancos ao redor do campo de futebol conversando, o que foi surpreendente dado o horário comercial da visita e o clima nublado, contudo, depois do início da chuva as ruas se esvaziaram. As calçadas do bairro não são tão largas, e variam muito de tamanho em cada rua, também sendo caracterizadas por muitos obstáculos como árvores e postes de iluminação no meio do caminho de pedestres. Apesar do início de verticalização localizado ao redor do Jardim Shangai, há uma predominância de gabarito baixo em todo o bairro, com casas unifamiliares.



FIGURAS 35 A 38 - IMAGENS VISITA JARDIM SHANGAI

Em conversa com Edinilson Dias, dirigente que foi criado dentro da escola e hoje é o último pupador de samba da Unidos do Shangai, ele salienta a falta de espaço físico da escola para a realização de eventos e trabalhos. Além disso, comenta que em época de desfile, trabalhos como confecção de fantasias eram realizados em espaços alugados por temporada. A escola também realiza e participa de eventos para arrecadar fundos e se manter minimamente ativa, e ainda destaca que se a escola tivesse um espaço próprio não dependeria tanto de verbas do poder público. Na época do desfile eram realizados ensaios com o pessoal do bairro, que não chegavam a ser oficinas.

Sobre a relação da escola com a comunidade, Edinilson comenta que é “como um time de futebol, o pessoal veste a camisa”, com isso participam pessoas também de fora do bairro e algumas até de outras regiões da cidade, o que mostra uma certa popularidade da escola, já que é a única na região do distrito Ouro Verde.

Quando questionado sobre a oferta gratuita de cultura e lazer, ele comenta sobre a realização de eventos beneficentes promovidos pela própria comunidade, como o projeto Samba Shangai, do qual ele também é diretor, e que se trata de uma roda de samba realizada no bairro com o intuito de arrecadar alimentos para doação à população mais vulnerável tanto do bairro como da região, destacando a face social pouco comentada das escolas de samba; e a existência de praças em bairros vizinhos que proporcionam uma oferta de lazer e esportes para a população.

**ENTREVISTA\***

**Júlia:** Olá, tudo bem? Sou a Júlia, estudo Arquitetura e Urbanismo na USP de São Carlos, mas sou daqui de Campinas. Estou no meu último ano e fazendo um TCC sobre os espaços do carnaval em Campinas, focando nas escolas de samba da cidade.

Queria saber se o projeto do Samba Shangai tem alguma ligação com a escola de samba Unidos do Shangai, não achei muitas informações sobre a escola e ainda não tive resposta quando tentei entrar em contato

**Edinilson:** Boa noite Júlia tudo bem? Meu nome é Edinilson, sou um dos diretores do projeto [Samba Shangai]. Eu faço parte da escola de samba Unidos do Shangai

Na verdade fui criado dentro da escola e sou o último puxador de samba enredo da escola, só não participei do primeiro ano, os outros em todos participei

Se eu puder ajudar de alguma forma estarei à disposição

**J:** Bom dia, Edinilson, prazer! Muito bacana. Queria saber como está a escola de samba hoje, até porque as escolas e os desfiles vem perdendo investimento em Campinas nos últimos anos né.

Queria saber dos espaços que vocês têm hoje, se tem uma quadra, um barracão, como que a escola se organiza e o que faz falta pra vocês (mais espaço, mais gente, mais investimento....), quem faz parte da escola hoje, se é galera do bairro, ou se é gente de todo lugar, se o pessoal é engajado...

**E:** Então sem os desfiles, estamos fazendo eventos de carnaval no bairro, infelizmente não temos espaço físico para fazer eventos e ou os trabalhos. Confecção de fantasias fazemos em espaço alugado por temporada, porém fazendo estes eventos conseguimos garantir os componentes da escola, que são de todas as regiões de Campinas como um time de futebol o pessoal veste a camisa, se tivéssemos um espaço próprio com certeza não dependeríamos tanto da verba pública, porém, como eu disse, fazemos eventos para arrecadar fundos e colocar a escola na avenida...

**J:** Entendi! Situação complicada. Mas quando a escola foi criada era mais gente do próprio bairro que participava ou sempre foi gente de todo lugar que vestia a camisa igual você comentou?

E além desses eventos pra arrecadar fundos tem também o projeto do Samba Shangai que aí arrecada alimentos né

**E:** Sim, a maioria do bairro mas bastante pessoas de outros bairros também. O Samba Shangai eu sou o fundador, porém não tem nenhum vínculo com a escola de samba, somente a parceria

**J:** Entendi, legal! Então a escola é conhecida no bairro e na região?

**E:** Isso mesmo, até porque aqui na região do Ouro Verde é a única escola de samba.

**J:** Interessante! Queria saber também sobre o que tem de evento cultural aí no bairro ou por perto. Se tem algum lugar tipo biblioteca, algum centro cultural, cinema...as coisas de cultura pra fazer no bairro mas que sejam mais acessíveis ou de graça. seria mais o que você acha sobre, se não tem nada cultural, ou se tem mas é caro, esse tipo de coisa

**E:** Aqui na região tem alguns eventos, mas particulares e outros beneficentes promovidos pela própria comunidade. Temos praças públicas que servem como espaço cultural e esporte

**J:** Ah legal, não sabia. E quando vocês participavam de desfiles vocês faziam ou ainda fazem oficinas com o pessoal aí do bairro, de percussão, corte e costura etc?

**E:** Somente de percussão, que eram ensaios.

**J:** Ah sim, entendi! Muito obrigada pelas informações Edinilson!

**E:** Disponha

\* realizada por aplicativo de mensagem entre os dias 2 e 15 de maio de 2023

**Rosa de Prata, Vila Castelo Branco**

A visita à escola de samba Rosa de Prata e a seu bairro, Vila Castelo Branco, também abrangeu a visita ao Jardim Ipaussurama, bairro vizinho, onde se localiza a Casa de Cultura Fazenda Roseira, importante equipamento cultural de resgate e preservação da história e memória negra de Campinas, bem como de suas manifestações culturais, abrigando em seu espaço a sede da Comunidade Jongo Dito Ribeiro.

A Vila Castelo Branco foi o segundo conjunto habitacional entregue também pela COHAB Campinas, inaugurado sob o nome de Vila Bela, em 1967. O bairro se localiza na região noroeste da cidade, próximo à rodovia Anhanguera e beirando a Avenida John Boyd Dunlop; é caracterizado por uma densidade demográfica de 100 a 200 habitantes/ha e possui uma renda domiciliar média de 3,5 a 5,1 salários mínimos.



FIGURA 39 - MAPA ESQUEMÁTICO VISITA VILA CASTELO BRANCO E JARDIM IPAUSSURAMA. DESENVOLVIDO PELA AUTORA

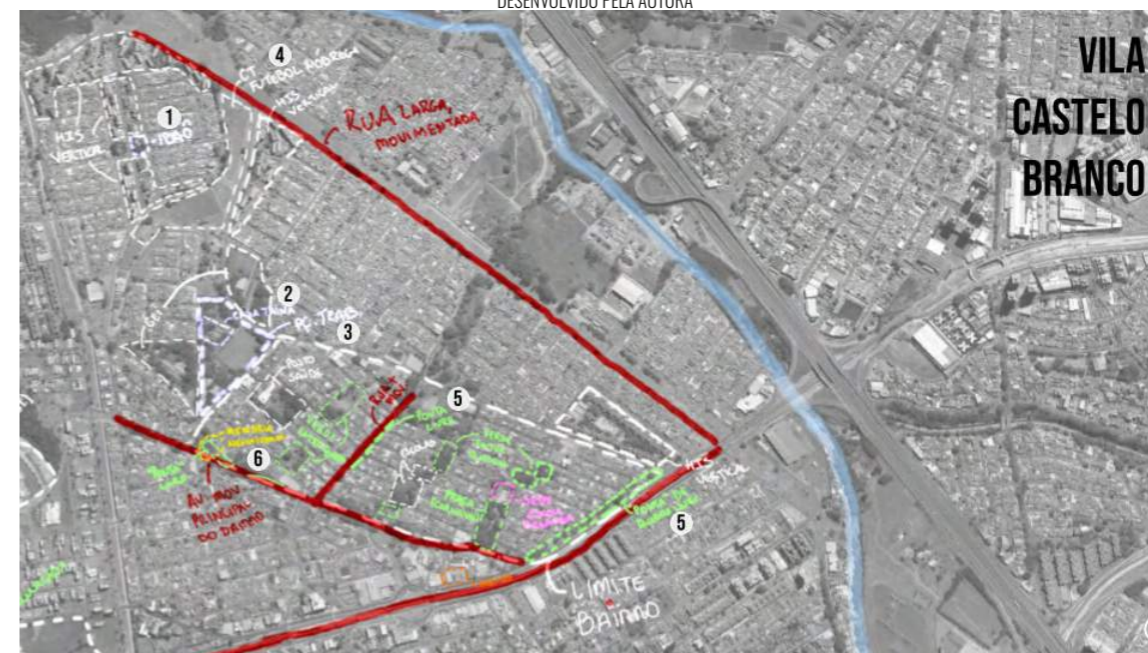


FIGURA 40 - MAPA ESQUEMÁTICO VISITA VILA CASTELO BRANCO. DESENVOLVIDO PELA AUTORA

Na visita do bairro Vila Castelo Branco, onde se encontra a escola Rosa de Prata, e seus arredores foi possível observar as ruas mais largas e movimentadas do bairro (em vermelho no mapa); a presença de equipamentos como escolas públicas, posto de saúde, praça de esportes, um centro de treinamento de futebol (04) para o time do bairro vizinho (Vila Padre Manoel da Nóbrega) e dois equipamentos culturais ligados à cultura negra: Ponto de Cultura Ibaô (01) e a Casa de Cultura Tainã (02), o segundo inclusive dentro da praça de esportes do bairro (03). Há também, como na Vila Costa e Silva, áreas verdes entre as quadras que ligam uma rua à outra (tracejado em verde) e pontas de quadra livre, formando áreas triangulares sem construção, às vezes com vegetação e às vezes apenas concretadas (05). Um ponto do bairro que chamou a atenção foi uma pequena praça - também numa ponta de quadra - chamada José Neves Balthazar (um homem negro), que participa da Rota Afro da cidade, com uma placa informativa de quem ele havia sido e citando sua ligação com a luta negra da cidade e com o carnaval (06).

Diferente dos outros bairros visitados, a escola de samba possui uma quadra (em rosa no mapa), uma construção que conta com uma pequena quadra poliesportiva e um edifício que abriga as atividades da escola. Logo a frente, possui uma praça, onde foi realizado o evento de carnaval da escola em 2023.

As ruas do bairro são, em geral, estreitas, com calçadas de largura variável e, em alguns pontos, com obstáculos que atrapalham a passagem do pedestre. Apesar da presença de conjuntos habitacionais verticalizados no seu entorno, há a predominância de gabarito baixo e casas unifamiliares. Não havia muitas pessoas andando pelo bairro, contudo, na praça de esportes estava ocorrendo uma aula de ginástica com moradores do bairro.



O Jardim Ipaussurama por sua vez possui uma lógica oposta. Sendo um bairro com urbanização mais recente, ele é caracterizado por uma grande verticalização, com condomínios de interesse social tanto construídos (01) como em construção (02). Além disso, a área conta com o complexo hospitalar da PUC Campinas e o Shopping Parque das Bandeiras. Como destacado anteriormente, o bairro foi visitado principalmente por conta da Casa de Cultura Fazenda Roseira, importante ponto da cultura negra da cidade e sede da Comunidade Jongu Dito Ribeiro (03), que é um local até bem próximo à escola de samba Rosa de Prata e a Vila Castelo Branco, sendo importante observar os três equipamentos de cultura negra nessa região - além da própria escola de samba.



FIGURA 45 - MAPA ESQUEMÁTICO VISITA JARDIM IPAUSSURAMA. DESENVOLVIDO PELA AUTORA



FIGURAS 41 A 44 - IMAGENS VISITA VILA CASTELO BRANCO

FIGURAS 46 A 49 - IMAGENS VISITA JARDIM IPAUSSURAMA E CASA DE CULTURA FAZENDA ROSEIRA

Em conversa com Rafael Rosa, mais conhecido como Rafão, o presidente da escola desde 2015, ele destacou o fato da escola ser a única da cidade a ter uma quadra/sede, que era um prédio já existente no bairro, ocupado pela escola alguns anos depois da sua criação. Segundo ele, a sede comporta todas as atividades da escola de samba e também é utilizada em atividades para a própria comunidade, como aulas de capoeira; contudo, o edifício está passando por reformas agora para algumas melhorias. Nesses anos sem desfile, ele comenta que a escola se manteve por meio da realização de eventos tanto na quadra da escola quanto particulares, como casamentos e festas corporativas.

Quando questionado sobre o que mais ele e a escola sentem falta - verba municipal, participação da comunidade, etc - ele respondeu que eram os desfiles de escolas de samba na cidade. Sobre isso, ele comentou que a preparação da escola para o desfile começava em agosto do ano anterior, com a definição do tema; após a escolha, o carnavalesco montava a sinopse e desenhava toda a escola (fantasias, alegorias, adereços), em seguida cada profissional entrava com seu trabalho (corte e costura, serralheria, artistas plásticos, etc.).

Quando questionado sobre a relação da comunidade com a escola de samba, Rafão brincou que a comunidade é apaixonada pela escola. e destacou que a escola não realizava oficinas como de percussão, por exemplo, porque as pessoas do bairro naturalmente se interessavam pelo trabalho da escola, iam visitá-la e acabavam aprendendo e aperfeiçoando os ofícios, numa relação muito orgânica e próxima dos moradores do bairro. Eram, inclusive, os próprios moradores que ajudavam na organização da escola para os desfiles. Rafão comentou que em algumas ocasiões vinham pessoas de fora do bairro, mas eram minoria.

No carnaval deste ano, o presidente da escola comentou que foi realizado um bloco com a bateria da escola que percorreu o próprio bairro.

Sobre a oferta de cultura e lazer no bairro, Rafão destaca os equipamentos culturais mapeados na visita e acrescenta que há praças de esportes pelo bairro com atividades para os moradores também.

### ENTREVISTA\*

**Júlia:** Olá, tudo bem? Sou a Júlia, estudo Arquitetura e Urbanismo na USP de São Carlos, mas sou daqui de Campinas. Estou no meu último ano e fazendo um TCC sobre os espaços do carnaval em Campinas, focando nas escolas de samba da cidade.

Sei que já está ficando tarde, mas vou passar aqui minhas curiosidades sobre a escola, aí quando puder você fala um pouco, pode mandar áudio ou se preferir podemos fazer uma chamada de vídeo rápida também, o que for melhor.

Gostaria de saber sobre:

- como a escola está hoje em dia, se está ativa, realizando eventos, se está mais parada enfim, como vocês estão sobrevivendo todos esses anos sem desfiles né
- os espaços físicos que a escola tem. Vi que vocês tem uma sede né, ela comporta todas as atividades que vocês fazem ou é pequena, sentem falta de alguma coisa pra melhorar lá?
- como é a relação do pessoal do bairro com a escola, pessoal conhece, participa? A escola é famosa no bairro e região?
- o que a escola mais está sentindo falta nesse momento (mais gente participando, verba municipal, espaço físico pras atividades...)?
- como era a preparação e organização pros desfiles? Tinham oficinas com a comunidade (per-

cussão, corte e costura etc)

- tem atividade cultural e de lazer gratuita aí no bairro ou é tudo mas longe/caro?

**Rafael:** Boa noite! Vamos lá.

Com fim dos desfiles das escolas de samba de Campinas o último carnaval oficial foi no ano de 2015. Desde então nossa escola vem se mantendo de eventos na nossa quadra e com eventos particulares que nossa bateria faz (aniversário, casamentos, formaturas, corporativos etc...).

Nossa escola é a única com sede própria onde toda atividade da escola e outros projetos sociais ali acontecem. Costumo dizer que nossa comunidade é apaixonada pela escola de samba. Nossa força para nunca deixar morrer vem deles

**J:** Eu visitei outros bairros para conhecer as escolas e fiquei surpresa de ver a sede de vocês! Só vi por fora mas achei bem legal o espaço!

**R:** O que nos faz muita falta é o desfile oficial. Nossa preparação começava no mês de Agosto com a comissão de carnaval para discutir o tema. Depois que resolvido e escolhido o tema o carnavalesco montava a sinopse, depois da sinopse pronto ele desenhava toda a escola (fantasias alegorias e adereços).

**J:** Nossa bem cedo, mas imagino o trabalho que deve ser!

**R:** Depois era tudo progresso, cada coisa com seu profissional: corte e costura, serralheiro e artista plástico...

**J:** E todo esse pessoal é daí do bairro mesmo, ou vocês chamavam gente de fora também?

**R:** Grande maioria era do bairro sim

**J:** Entendi. E vocês faziam alguma oficina com o pessoal da bairro tipo de corte e costura mesmo, ou percussão ou era só ensaio mais fechado?

**R:** O que é muito legal nessa pergunta e que geralmente muitos ficam até meio assim confusos... Mas nossa comunidade é tão apegada à escola que com passar do tempo eles se interessam por alguma função dentro da escola e no passar do tempo eles vão desenvolvendo e aperfeiçoando, porque lá atrás no começo eles foram ser voluntários entendeu?

Começa ir no barracão para ver, aí ajuda a carregar um rolo de pano, busca uma tesoura sabe assim

E quando vê já está fazendo, colando, pintando... Então a maioria foi assim

**J:** Entendi! Vai só de visita e depois já está com a mão na massa

**R:** Hoje eu sou o presidente da escola, mas eu comecei assistindo na arquibancada em 1996. Meu pai era diretor geral nos anos 70, 80, mas não me deixava ter contato com tudo isso. Meu primeiro contato foi em uma apuração em que a escola se sagrou campeã em 1998, aí sim desfilei em 1999 na bateria, em desfile que foi feito no bairro

No ano do título de 98 o atual presidente veio a falecer, com isso a escola não foi para avenida em 99, e só retornou para avenida em 2002

**J:** Puxa, entendi!

**R:** Desfilou em 2003. Em 2004 se afastou novamente e teve sua volta em 2007 com uma nova diretoria, uma gestão, uma nova forma de fazer carnaval. Voltamos no grupo de acesso que é tipo uma 2º divisão

**J:** Sei, sei

**R:** Subimos para o grupo especial em 2009 sendo campeã, aí no carnaval de 2010 e 2011 vem

\*realizada por aplicativo de mensagem entre os dias 15 e 16 de maio de 2023

o ápice: tricampeã do carnaval de Campinas. Em 2012 e 2013 teve carnaval mas sem disputa, só pra cumprir regulamento. Em 2014 com uma diretoria rachada e um carnaval sem planejamento e conhecimento algum do tema abordado ficamos em quinto lugar, quase caindo para o grupo de acesso

**J:** Putz! Mas muito interessante a história!

**R:** Aí no ano de 2015 sem eu saber de nada e com um comunicado pelo Facebook me nomearam presidente. Eu que era mestre de bateria, ritmista, pintor, setor de compras, etc kkkkkk. No carnaval de 2015 fomos vice

**J:** Entendi! E esse ano vocês fizeram evento no carnaval? Como que foi para vocês?

**R:** Fizemos um desfile com a bateria pelo bairro mesmo

**J:** Ah legal! E sobre a sede de vocês, desde quando tem ela? Desde o início da escola ou ela veio depois?

**R:** Não, a sede já existia e a escola que entrou lá pra tomar conta. Através do 2º presidente que tinha uma influência muito grande na prefeitura. Porque não tinha um local para ensaio e confecções de coisas da escola. Como antes de ser presidente ele quem organizava tudo que acontecia na sede, ele assim que eleito passou usar a sede para suas atividades

**J:** Nossa que interessante! E a sede hoje da pra fazer tudo que vocês precisam ou o espaço está pequeno, faltando alguma coisa lá, uma reforma algo assim?

**R:** Sim, estamos com reforma lá

**J:** Entendi! E falando mais do bairro no geral, lá tem atividades culturais pra fazer de graça ou é meio parado nesse sentido?

**R:** Sim, no bairro tem algumas atividades em funcionamento

**J:** Legal! Muito obrigada pelas informações!

**R:** Obrigado você

### **Leões da Vila Padre Anchieta, Vila Padre Anchieta**

A Vila Padre Anchieta também foi um conjunto habitacional projetado pela COHAB Campinas, inaugurado em 1982, sendo um dos maiores conjuntos habitacionais do estado à época, com cerca de 3500 moradias e 20 mil habitantes. Hoje o bairro é um dos maiores do distrito de Nova Aparecida, na região norte da cidade, sendo delimitado pela rodovia Anhanguera a nordeste e fazendo fronteira com o município de Hortolândia e Sumaré a oeste e noroeste, respectivamente. Sua densidade demográfica é de 100 a 200 habitantes/ha e sua renda média por domicílio é de 3,5 a 5,1 salários mínimos.



FIGURA 50 - MAPA ESQUEMÁTICO VISITA VILA PADRE ANCHIETA DESENVOLVIDO PELA AUTORA

Na visita do bairro e arredores foi possível observar as ruas mais largas e movimentadas do bairro (em vermelho no mapa); a presença de equipamentos importantes como o Terminal de ônibus Padre Anchieta (01), uma UBS e duas escolas públicas, uma ao lado da outra, além da presença do córrego Anchieta (02). Diferente dos outros bairros com escolas de samba, esse contava com diversos conjuntos habitacionais verticalizados (03) e com um considerável espaço de praças/passagens verdes (marcado em verde no mapa), assim como um grande espaço de área verde não qualificada (04) e diversos campos de futebol. Quanto à escola de samba, também não existe uma quadra/sede, somente uma casa comum, sem nenhuma identificação (em rosa no mapa), e seu evento no carnaval de 2023 foi realizado numa praça ao lado das escolas (05). Ao caminhar pelo bairro foi possível notar a presença de pessoas na rua, principalmente nas avenidas mais largas (em vermelho no mapa), que concentram os comércios do bairro.



FIGURAS 51 A 56 - IMAGENS VISTA VILA PADRE ANCHIETA

Em conversa com Eliseth Campagnuci da Silva, atual dirigente da escola e filha do fundador, além de comentadas questões relativas à situação atual da escola, também foi muito discutido o descaso da prefeitura de Campinas com as escolas de samba da cidade. Ela comentou como a prefeitura tem uma maior facilidade para garantir a infraestrutura dos blocos de rua do que organizar os desfiles das escolas de samba; e destacou que a Prefeitura de Campinas não considera o trabalho das escolas com seriedade, vistas apenas sob o âmbito da festa e da folia, e não como uma ferramenta social importante. O mesmo ocorre com os desfiles: encarados apenas no âmbito da diversão, a prefeitura repassava a verba para a realização do trabalho das escolas muito próximo ao carnaval, não sendo possível das escolas desenvolverem um bom trabalho em pouco tempo, tendo, assim, que procurar materiais e mão de obra em cidades da região, e deixando fora de Campinas todo o investimento que o carnaval poderia proporcionar como uma rede de economia solidária, segundo Eliseth. Afinal, os trabalhos nas escolas e no próprio carnaval geram renda e empregos. Esses são alguns dos motivos elencados pela dirigente que fizeram a escola tomar a decisão de não voltar a desfilar nos desfiles oficiais da cidade, participando exclusivamente de eventos como blocos de rua.

Quanto às questões do espaço da escola, ela responde que eles não possuem uma sede, e que o endereço cadastrado na prefeitura se trata da casa da sua tia, onde até foi construída uma cobertura, um modo de “barracão improvisado” para abrigar instrumentos e outros materiais, mas o espaço ainda assim não é o suficiente.

Assim como as outras escolas, Eliseth disse que a Leões da Vila Padre Anchieta vem realizando eventos ao longo de todo o ano para arrecadação de fundos para a manutenção básica da escola. Alguns deles inclusive são eventos beneficentes realizados no próprio bairro junto com a ONG circense que Eliseth dirige, a Lona das Artes.

Na época dos desfiles, Eliseth conta que a escola realizava oficinas de percussão e corte e costura com a comunidade, e que esse era um papel social muito forte desenvolvido pela escola de samba, contudo, com o passar do tempo, os encarregados das oficinas, na maioria jovens, se mudaram do bairro ou começaram a trabalhar em período integral, dificultando a organização e realização das mesmas. A adesão às oficinas realizadas pela escola mostram que ela é conhecida no bairro, fato comentado também por Eliseth.

Sobre a oferta de equipamentos culturais e de lazer no bairro, a dirigente destaca a sua ONG Lona das Artes e o teatro Maria Monteiro, que possui ingressos a preços acessíveis ou até mesmo gratuitos. Eliseth também comentou que a escola já chegou a utilizar o espaço do teatro Maria Monteiro para os seus trabalhos, principalmente em épocas próximas ao desfile oficial da cidade, já que o equipamento conta com um galpão, que era dividido temporariamente entre teatro e escola de samba.

### **SÍNTESE ENTREVISTA\***

#### **SEDE/LOCAL PARA ATIVIDADES E EVENTOS/OFCINAS**

- escola não tem sede, o endereço que está cadastrado é a casa da tia da Eliseth; fizeram uma cobertura pra ficar tipo um barracão, mas espaço é insuficiente mesmo assim
- para se manter a escola vem realizando eventos
- ONG perto do Teatro Maria Monteiro é ONG da Eliseth, fazem eventos lá também, inclusive beneficentes, eventos ao longo do ano todo
- faziam oficinas com a comunidade (percussão e corte e costura), era um trabalho social muito forte, tirava criança da rua, mas com o tempo pessoal foi ficando mais ocupado, então está mais difícil de organizar essas oficinas
- dinheiro dos eventos pra poder fazer manutenção de instrumentos etc e pagar trio elétrico pro evento de carnaval, por exemplo
- ela disse após o último desfile de carnaval, em 2015, que não vão mais desfilar porque a prefeitura não leva isso a sério, passam a verba muito em cima, não dá pra fazer um trabalho tão bom em pouco tempo, falta seriedade e investimento da prefeitura; falta olhar as escolas de samba como uma ferramenta social, não como baderna como muitos acreditam, gera emprego, gera renda, é toda uma rede de economia solidária
- com a verba passada muito em cima da hora tinham que ir em outras cidades buscar materiais, carnavalescos etc, então o dinheiro não ficava investido em Campinas
- sempre tem gente reclamando de desfile, não importa onde ele seja
- facilidade da prefeitura em conceder infraestrutura básica para blocos de rua (banheiro químico, fechamento de ruas) mas não para realizar os desfiles

#### **RELAÇÃO COM O BAIRRO**

- quem ajuda, participava das oficinas, era maioria do bairro, as pessoas do bairro conhecem a escola

#### **OFERTA CULTURAL NO BAIRRO**

- no bairro de evento cultural tem o Teatro Maria Monteiro que tem ingressos acessíveis, tem a ONG circense da Eliseth, Lona das Artes, que também faz eventos com entrada acessível e gratuita
- usavam o teatro para confecção das fantasias, últimos ajustes etc, pq eles tem um galpão no fundo, perto da época dos desfiles a escola tomava conta daquela parte

\* por questões técnicas, a entrevista por conferência de vídeo realizada dia 11 de maio de 2023 não foi gravada para uma transcrição, por isso aqui está apresentada a síntese dos tópicos conversados com a entrevistada

# DEU SAMBA: ESCOLHA DO LOCAL

Com as visitas e as conversas realizadas com os dirigentes das escolas, foi possível perceber que todas as escolas de samba da cidade que participaram do carnaval de 2023 se encontram em situações parecidas: se mantêm por meio da realização de eventos, possuem um grau semelhante de reconhecimento e popularidade dentro de suas comunidades e, em sua maioria, não possuem quadra/sede para realização de seus trabalhos. Até a situação atual dos bairros é bem similar no âmbito da oferta cultural, com ofertas mais concentradas no próprio bairro e não em equipamentos culturais, que mesmo quando existem próximos ou dentro do bairro não contemplam um grande leque de manifestações artísticas.

Cabe destacar que todos os locais visitados são passíveis de receberem um projeto que contemple tanto uma estrutura física para o desenvolvimento das atividades das escolas de samba quanto diversas atividades culturais e manifestações artísticas. Por questões de tempo e pela escala que um projeto em vários pontos da cidade teria, o presente trabalho resolveu se concentrar em uma área, mas carregando a ideia e o desejo de que ele se espalhe por vários pontos da cidade, presente também pelo termo “em cada esquina” do seu título; afinal, não são só em regiões que possuem escola de samba que equipamentos culturais e artísticos são necessários na cidade de Campinas.

Com isso, a partir da análise dos dados das visitas, das conversas com os dirigentes das escolas e da leitura e análise de mapas e documentos da prefeitura, o local escolhido para o projeto foi o Jardim Shangai e a escola de samba Unidos do Shangai. Devido à falta de infraestrutura para a realização dos trabalhos da escola de samba, a localização do bairro na região sudoeste, com as menores rendas da cidade e uma infraestrutura ainda precária e, principalmente, pelas grandes distâncias entre o bairro e equipamentos culturais, acredita-se que essa área seria altamente beneficiada com a aproximação artística e cultural que o projeto visa estabelecer.



FIGURA 57 - CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA BANDEIRA DA ESCOLA UNIDOS DO SHANGAI, CARNAVAL DE 2014. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

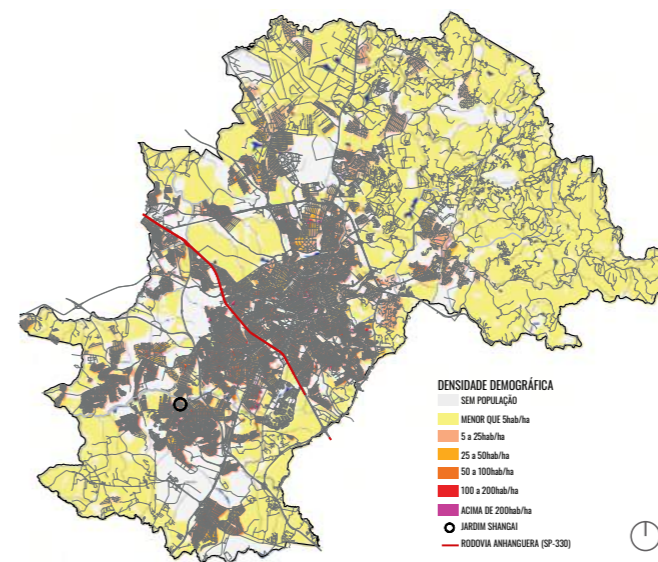
# JARDIM SHANGAI: usos e dinâmicas

Com aproximadamente 0,5 km<sup>2</sup> de área, o Jardim Shangai é um pequeno bairro que se localiza no distrito de Ouro Verde, região sudoeste de Campinas, e faz divisa com bairros como Recanto do Sol I e II, Jardim Mercedes, Jardim Uruguai e Parque Universitário de Viracopos.

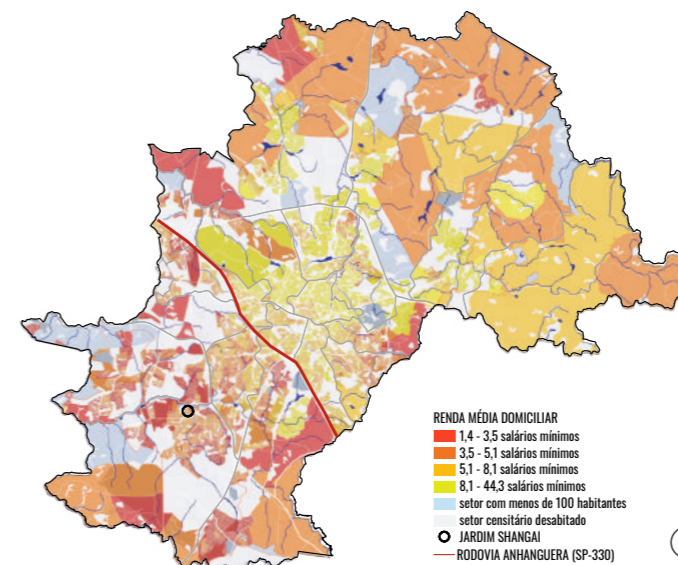


MAPA 22 - MAPA ESQUEMÁTICO LOCALIZAÇÃO JARDIM SHANGAI E BAIRROS VIZINHOS. DESENVOLVIDO PELA AUTORA

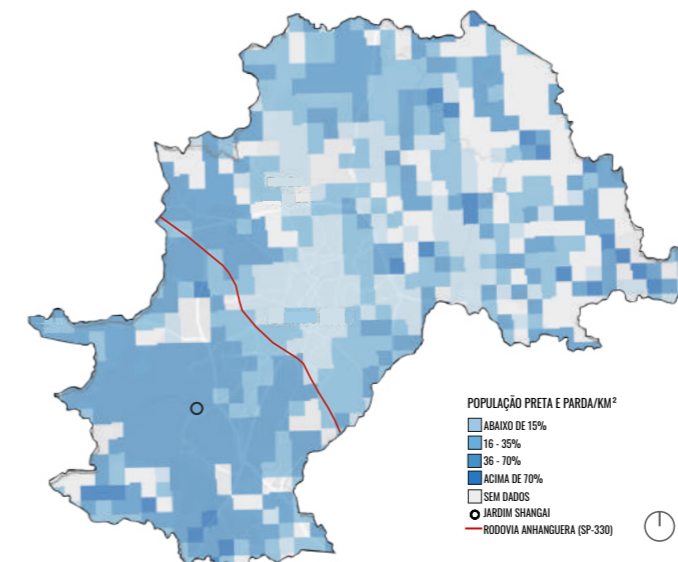
Analisando os dados da população, nota-se a alta densidade demográfica (100-200hab/ha), a renda domiciliar média de 3,5-5,1 salários mínimos, a segunda menor da cidade, e uma maioria da população composta por negros e pardos.



MAPA 23 - JARDIM SHANGAI E DENSIDADE DEMOGRÁFICA. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. DESENVOLVIDO PELA AUTORA



MAPA 24 - JARDIM SHANGAI E RENDA DOMICILIAR. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. DESENVOLVIDO PELA AUTORA

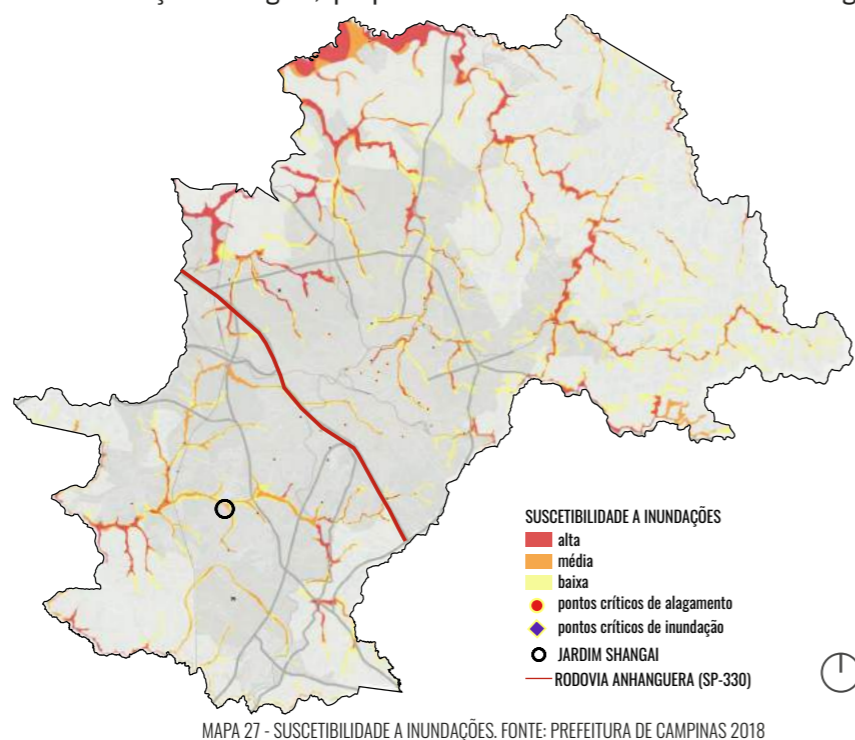


MAPA 25 - JARDIM SHANGAI E POPULAÇÃO PRETA E PARDA. FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS; CENSO IBGE 2010. DESENVOLVIDO PELA AUTORA

O Jardim Shangai possui uma predominância do uso residencial, com residências unifamiliares de um ou dois pavimentos, em sua maioria feitos de alvenaria. Contudo, é comum encontrar ao longo do bairro pequenos comércios e serviços, principalmente ligados à automóveis, e também bares, padarias e mercearias.



A presença do córrego Pium e do Rio Capivari, com as margens ocupadas ou degradadas, juntamente com a alta impermeabilidade do solo na área chamam a atenção para a probabilidade de enchentes, alagamentos e inundações na região, que possui de baixa à média suscetibilidade segundo a Prefeitura.



A partir de levantamentos por satélites e dados da Prefeitura, nota-se que a maioria dos equipamentos de saúde se concentram em bairros vizinhos, que além de terem um déficit nesse âmbito também não contam com nenhum equipamento cultural. A Prefeitura de Campinas (2016) destaca como a região sudoeste da cidade, onde está inserido o Jardim Shangai, não possui nenhum museu, biblioteca ou teatro, fazendo com que a população tenha que se locomover a áreas mais centrais para acesso a esses serviços. Por mais que a região conte com grande distribuição de pontos de ônibus, a Prefeitura de Campinas (2016) salienta a dificuldade de acesso e transporte para os locais com infraestrutura de equipamentos e serviços.



As ruas do Jardim Shangai são majoritariamente vias locais, com exceção da Avenida Ruy Rodrigues, uma via arterial (em vermelho no mapa). Como observado em visita, as ruas não possuem uma pavimentação regular, tendo inclusive áreas mais novas ao redor do bairro que possuem rua de terra. Além disso, as calçadas não possuem um tamanho adequado para o uso simultâneo de dois pedestres, por exemplo, sendo interrompida constantemente com obstáculos como lixeiras das casas, postes de iluminação e algumas poucas árvores presentes no bairro, sem contar a falta de acessibilidade.

Em visitas ao bairro em diferentes momentos do projeto, foi possível observar, principalmente aos fins de semana, muitas pessoas caminhando nas ruas, inclusive crianças, e a forte presença do futebol no Jardim Shangai e bairros vizinhos, com a ocorrência de jogos de times uniformizados em todos os campos destacados no mapa acima sempre com a presença de torcida e outros espectadores, que compartilhavam muitas vezes um momento de encontro e lazer, com a presença de música - tocada em seus carros estacionados nas ruas - e cerveja, por exemplo. O campo de futebol presente no Jardim Shangai pertence ao time do próprio bairro, o Shangai E.C. Além de campo, há também uma construção de apoio com vestiário, banheiro e local para guardar equipamentos usados pelo time, espaço denominado de Arena Shangai, onde também ocorrem eventos da comunidade como o Samba Shangai - roda de samba beneficente - e o próprio carnaval, que acabam tomando as ruas do bairro, principalmente a Rua Norberto Lopes, onde o campo de futebol e a Arena Shangai se localizam.



FIGURAS 59 A 62 - IMAGENS VISITA JARDIM SHANGAI

No Jardim Shangai e também em bairros vizinhos se destacou o uso de bicicletas, principalmente pelas crianças, tanto em praças - ocupadas por crianças e jovens- como nas ruas e até mesmo no canteiro de obras dos conjuntos habitacionais verticalizados mais à oeste, o que indica uma falta de infraestrutura cicloviária no bairro.



FIGURAS 63 A 65 - IMAGENS VISITA JARDIM SHANGAI

Nas áreas próximas ao córrego Pium e ao Rio Capivari, importantes elementos da paisagem do bairro, notou-se a presença de construções e estruturas mais precárias, muitas vezes servindo como depósito de lixo, mas também indicando uma possível área de moradias irregulares.



FIGURAS 66 E 67 - IMAGENS VISITA JARDIM SHANGAI

O bairro está atualmente recebendo diversas melhorias do poder público, como por exemplo a criação da praça Daniel Pinto de Souza, com playground infantil, e da quadra de esportes ao lado da Arena Shangai, ambas inauguradas no ano de 2023. Apesar disso, as áreas verdes continuam degradadas e nota-se a falta de áreas verdes públicas qualificadas, além de uma arborização urbana deficitária que vem sendo realizada sem planejamento e é insuficiente para atender a região (PREFEITURA DE CAMPINAS, 2016). As poucas áreas verdes existentes não estão qualificadas para o lazer da população, possuem descarte de entulho e não oferecem variedade de atividades, muito menos culturais ou artísticas. Por mais que o poder público esteja realizando melhorias na área, o Jardim Shangai ou seus bairros vizinhos ainda não contam com um equipamento cultural.

A partir do conhecimento de algumas dinâmicas e usos importantes do bairro e seu entorno, escolheu-se uma área de recorte para o projeto que engloba a Arena Shangai, a Rua Norberto Lopes - onde já ocorre os eventos da comunidade, como o carnaval - e a área adjacente que, em pesquisas no site da Prefeitura de Campinas, revelou ser um projeto de parque linear na região do distrito de Ouro Verde que não saiu do papel. Assim, foi definida a área de recorte do projeto, cujas diretrizes se encontram no tópico a seguir.



FIGURA 68 - MAPA ESQUEMÁTICO ÁREA DE RECORTE DO PROJETO NO JARDIM SHANGAI

# G. R. E. S. UNIDOS DO SHANGAI

O Grêmio Recreativo Escola de Samba (G.R.E.S) Unidos do Shangai foi fundado em 8 de agosto de 1988 por Paulo Gomes da Silva, já falecido, que presidiu a escola mais de 20 anos, até repassar o cargo ao seu filho. Fontes informais relatam que a escola de samba surgiu a partir de um bloco de rua que ocorria no Jardim Shangai e região, denominado “Caçulas do Samba”, com cerca de duzentos componentes, o bloco desfilava pelo bairro.

As cores da escola são o verde e o rosa e, assim como o time de futebol do bairro, também possui um dragão na sua bandeira.



FIGURA 69 - BRASÃO G.R.E.S. UNIDOS DO SHANGAI

A bateria da Unidos do Shangai é denominada de Batucada Mil Grau, e seus ensaios, já que a escola não possui um espaço físico para suas atividades, acontece nas ruas do bairro ou no quintal das casas de alguns integrantes. Pelas redes sociais da escola é possível perceber a participação da bateria principalmente em eventos que ocorrem no próprio bairro, como o evento beneficente Samba Shangai e também comemorações ligadas ao time de futebol do bairro, o Shangai Esporte Clube. Praticamente todos esses eventos ocorrem em frente à Arena Shangai, na Rua Norberto Lopes, que nas ocasiões é fechada em ambos os sentidos. Ocasionalmente há o uso e instalação de tendas na rua para abrigar o show dos ritmistas e demais atrações dos eventos.

Assim como as outras escolas mencionadas neste trabalho, a Unidos do Shangai está em preparação para retornar às ruas nos desfiles de 2024 em homenagem aos 250 anos da cidade de Campinas, com ensaios da bateria e participação ativa nos eventos organizados pela LIESCA durante o ano de 2023.



FIGURAS 70 E 71 - BATERIA BATUCADA MIL GRAU EM EVENTOS DA LIESCA EM 2023. FONTE: ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DO SHANGAI

# DIRETRIZES PROJETUAIS



FIGURA 72 - MAPA ESQUEMÁTICO COM DIRETRIZES PROJETUAIS DA ÁREA

Após as pesquisas e visitas ao bairro e à área de intervenção, foram pensadas três diretrizes gerais da área:

## 1. PARQUE LINEAR DO CAPIVARI

- criação do parque já previsto pela Prefeitura Municipal de Campinas há mais de 10 anos, mas nunca implantado
- requalificação do córrego e do rio, atualmente com muito entulho e com as margens sem vegetação
- criação de espaços de estar, lazer, arte e cultura dentro do parque
- realocação dos lotes irregulares

## 2. ALTERAÇÃO DO SISTEMA VIÁRIO

- mudança na largura das ruas e calçadas para inserção de mobiliário e vegetação
- criação de ciclovia por todo o bairro e no novo parque linear
- inserção de jardins de chuva nas ruas mais movimentadas para desaceleração do escoamento da água da chuva e prevenção de enchentes e alagamentos

## 3. CRIAÇÃO DE ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE (APP)

- criação de APP ao redor dos corpos d'água para manutenção dos mesmos e também da fauna e flora local

# PARQUE LINEAR DO PLUM: referências





URBANIZAÇÃO DO COMPLEXO CANTINHO DO CÉU | BOLDARINI ARQUITETOS ASSOCIADOS | SÃO PAULO | 2008



PARQUE DA JUVENTUDE | GIAN CARLO GASPERINI, ROBERTO AFLALO FILHO E LUIZ FELIPE AFLALO HERMAN, ROSA KLIASS E JOSÉ LUIZ BRENNER | SÃO PAULO | 1999



PARQUE MADUREIRA | RUY REZENDE ARQUITETOS | RIO DE JANEIRO | 2016



PARQUE LINEAR BANANAL CANIVETE | INSTITUTO A CIDADE PRECISA DE VOCÊ | SÃO PAULO | 2022



REVITALIZAÇÃO PRAÇA DOLORES IBARRURI (PRAÇA DAS CORUJAS) | ELZA NIERO E PAULO PELLEGRINO | SÃO PAULO | 2010



# PARQUE LINEAR DO PIUM: diretrizes

## PROGRAMA

O programa do parque linear do Pium no presente projeto se estendeu à diferentes esferas visando abarcar não só a arte e a cultura do carnaval, mas também outras dimensões brevemente mencionadas no projeto inicial da Prefeitura de Campinas de 2011 como esporte e lazer.

- mata ciliar
- área de preservação permanente
- barracão escola de samba Unidos do Shangai
- espaços multiculturais
- esporte e lazer
- contato com a água
- alameda do carnaval
- habitação
- blocos de apoio

## DIRETRIZES

As diretrizes projetuais do parque partiram da delimitação de mata ciliar e área de preservação permanente (APP) para a proteção e recuperação dos corpos d'água presentes na área (Rio Capivari e Córrego Pium).



LIMITE PARQUE MATA CILIAR E APP

FIGURA 73 - MAPA ESQUEMÁTICO COM DIRETRIZES PROJETUAIS DO PARQUE

Em seguida, foram delimitadas as áreas e localização de cada atividade prevista no programa, partindo da implantação do barracão da escola de samba Unidos do Shangai ao lado da Arena Shangai, o campo de futebol já existente no bairro.



LIMITE PARQUE MATA CILIAR E APP ALAMEDA CARNAVAL ESPORTE E LAZER ARTE E CULTURA PRAÇA DAS ÁGUAS HABITAÇÃO

FIGURA 74 - MAPA ESQUEMÁTICO ESPAÇOS DO PARQUE LINEAR

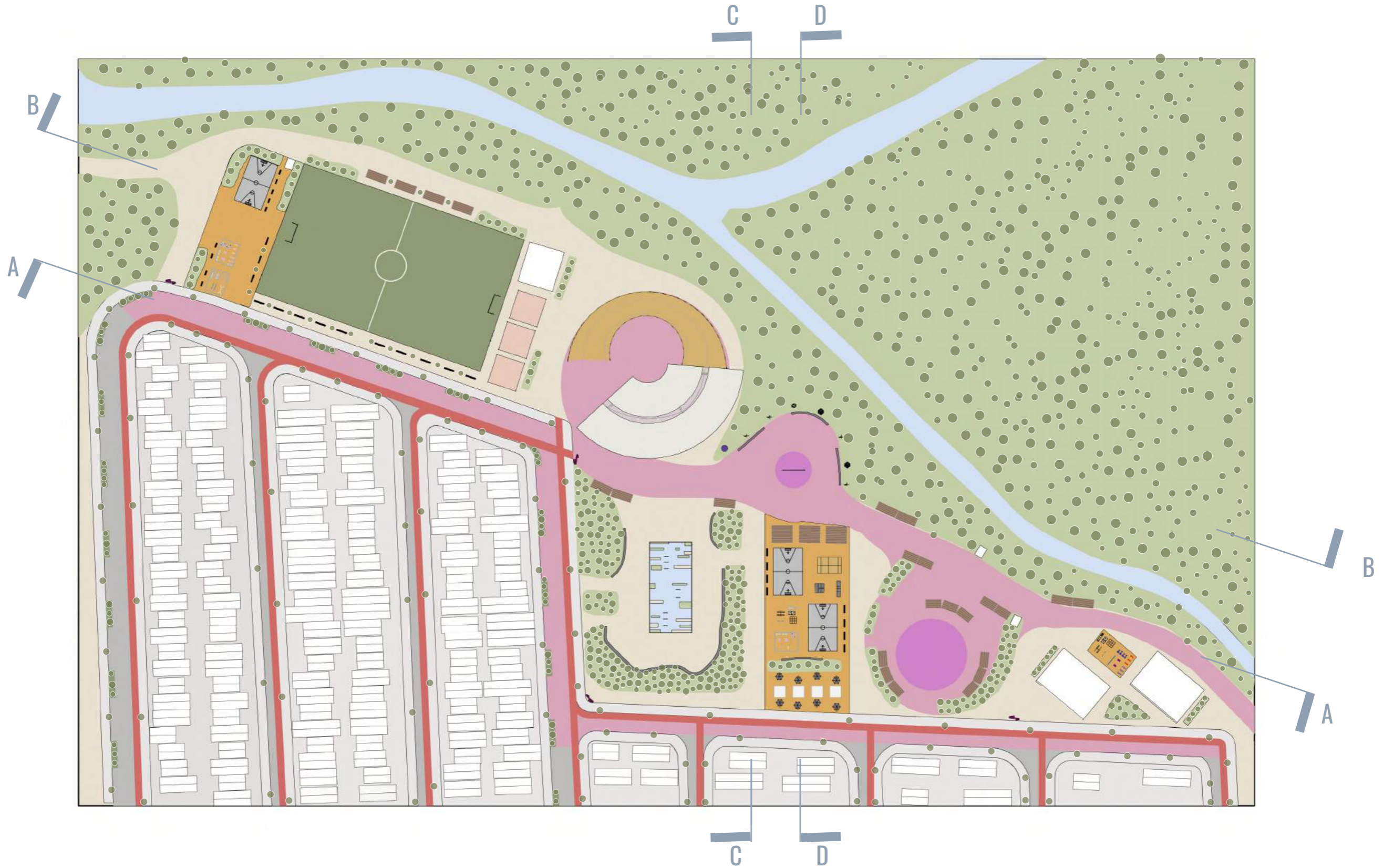
Assim como já apresentado até aqui, o projeto se baseia nas concepções do carnaval como uma manifestação artística plural e subversiva. Desse modo, os espaços de arte e cultura, como o barracão e praças multiculturais, foram pensados em formato circular para se distinguirem da malha ortogonal do bairro e serem o destaque do parque. Os espaços de esporte e lazer assim como a praça das águas possuem um formato mais ortogonal tanto de paginação de piso como de vegetação. A alameda do carnaval, por sua vez, segue o eixo da Rua Norberto Lopes, na qual já se realizam os eventos do bairro como o carnaval, o projeto Samba Shangai e eventos do time de futebol do bairro, visando ser mais um modo de conexão e integração do novo parque linear ao bairro e às suas dinâmicas e interligando os espaços de arte e cultura do parque.



LIMITE PARQUE MATA CILIAR E APP ALAMEDA CARNAVAL ESPORTE E LAZER ARTE E CULTURA PRAÇA DAS ÁGUAS HABITAÇÃO

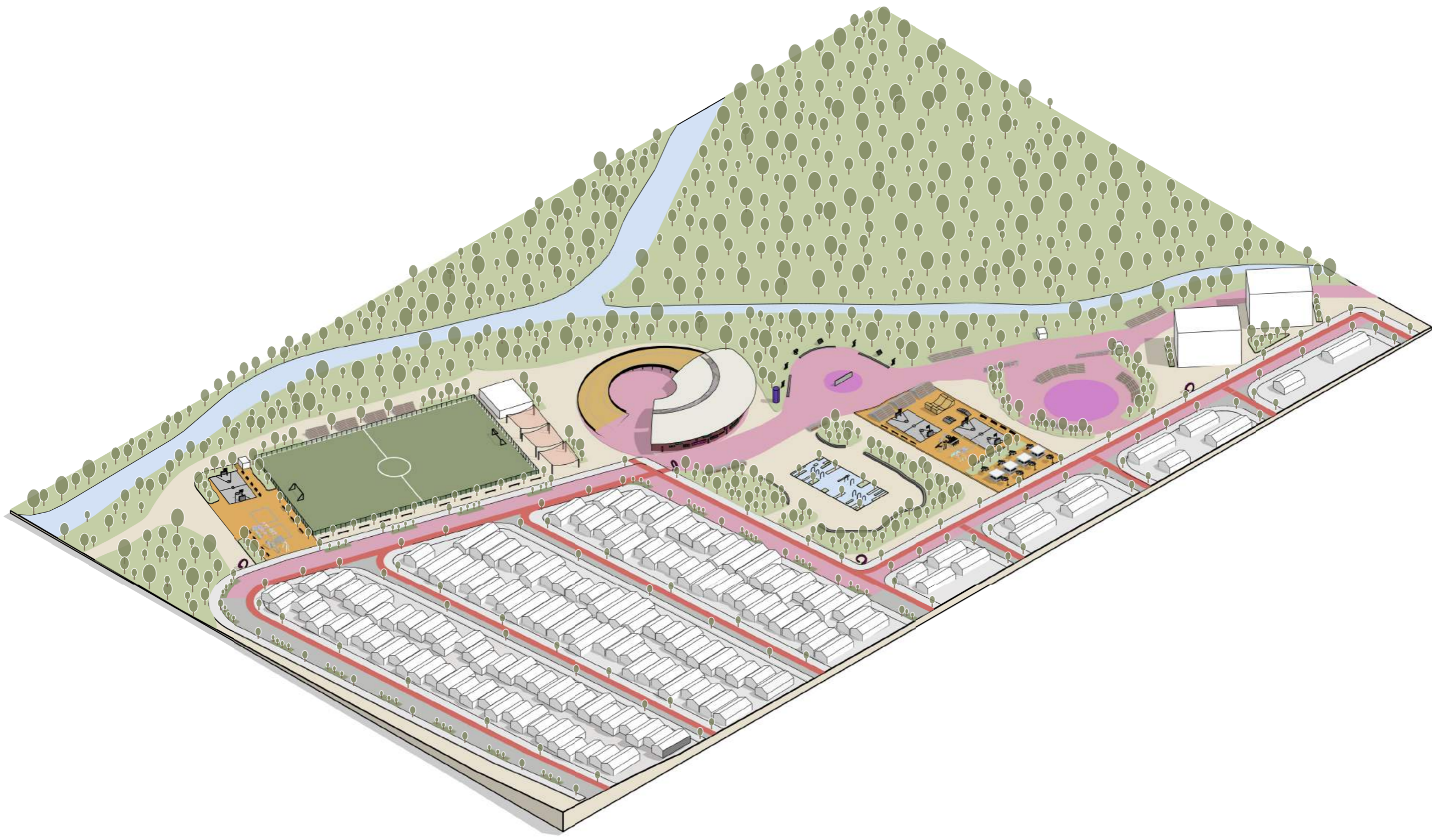
FIGURA 75 - MAPA ESQUEMÁTICO FORMATO ESPAÇOS DO PARQUE LINEAR

# PARQUE LINEAR DO PLUM: projeto



PLANTA GERAL 1:1500





PERSPECTIVA GERAL 1:1500



- **mata ciliar e app:** adensamento de vegetação ao longo do rio Capivari e córrego Pium para recuperação dos corpos d'água e mitigação de alagamentos e enchentes

- **esporte e lazer:** praças esportivas com quadras poliesportivas, playground, academia ao livre, pista de skate e quiosques para apoio do público e fortalecimento dos comércios que já existiam na região do parque projetado

- **praças multiculturais:** praças que possibilitam o uso e ocupação através de diversas atividades artísticas e culturais, como shows, festas, feiras, exposições ao ar livre e outros eventos; espaços mais livres que permitem o uso e apropriação de acordo com as necessidades e vontades da comunidade;

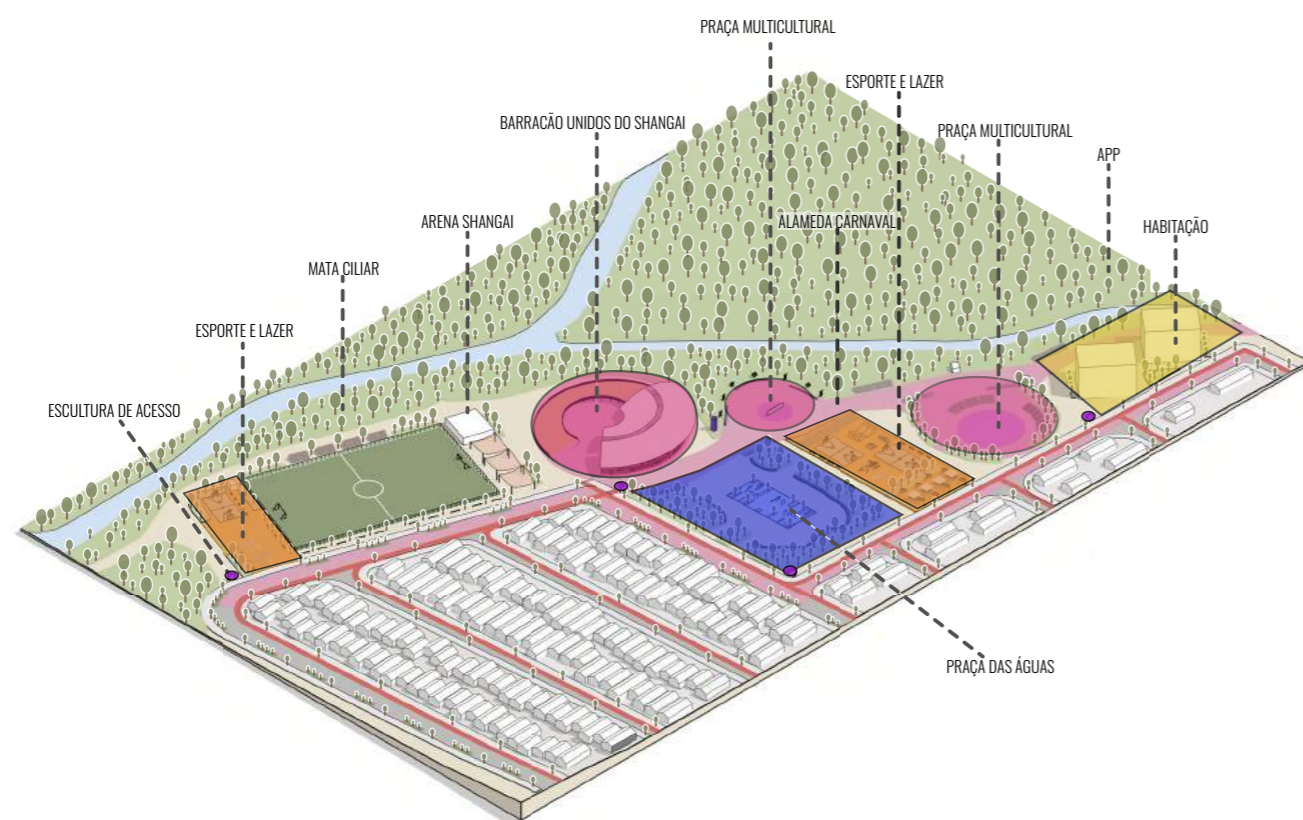
- **barracão:** barracão para desenvolvimento das atividades da escola de samba Unidos do Shanghai

- **contato com a água:** criação de praça das águas para a aproximação da população deste recurso natural, com atividades ligadas à água como espelho d'água e jatos, para uso e diversão da população além da valorização do recurso hídrico e, conseqüentemente, dos corpos d'água presentes na área

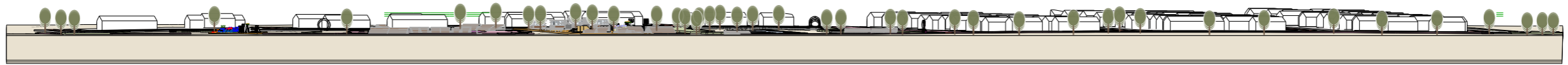
- **habitação:** criação de HIS para realocação de famílias que vivem em lotes irregulares dentro do atual parque linear

- **alameda carnaval:** criação de eixo/passarela seguindo a orientação da Rua Norberto Lopes, onde já ocorrem os eventos da comunidade, para desfiles e ensaios técnicos da escola de samba e outros eventos do bairro, como o projeto Samba Shanghai

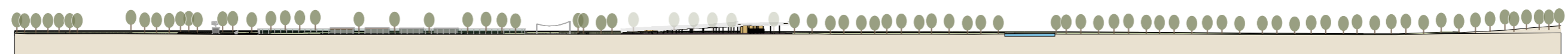
- **esculturas de acesso:** esculturas-marco em pontos principais de acesso ao parque



Além das diretrizes projetuais, a topografia também foi um fator delimitante do desenho final do parque linear, uma vez que há uma sutil declividade em direção ao rio e ao córrego, ao fundo da área de projeto, como possível observar nos cortes.



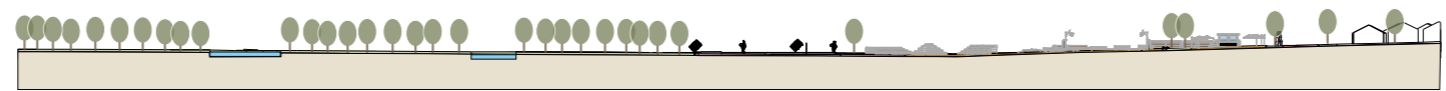
CORTE A-A



CORTE B-B

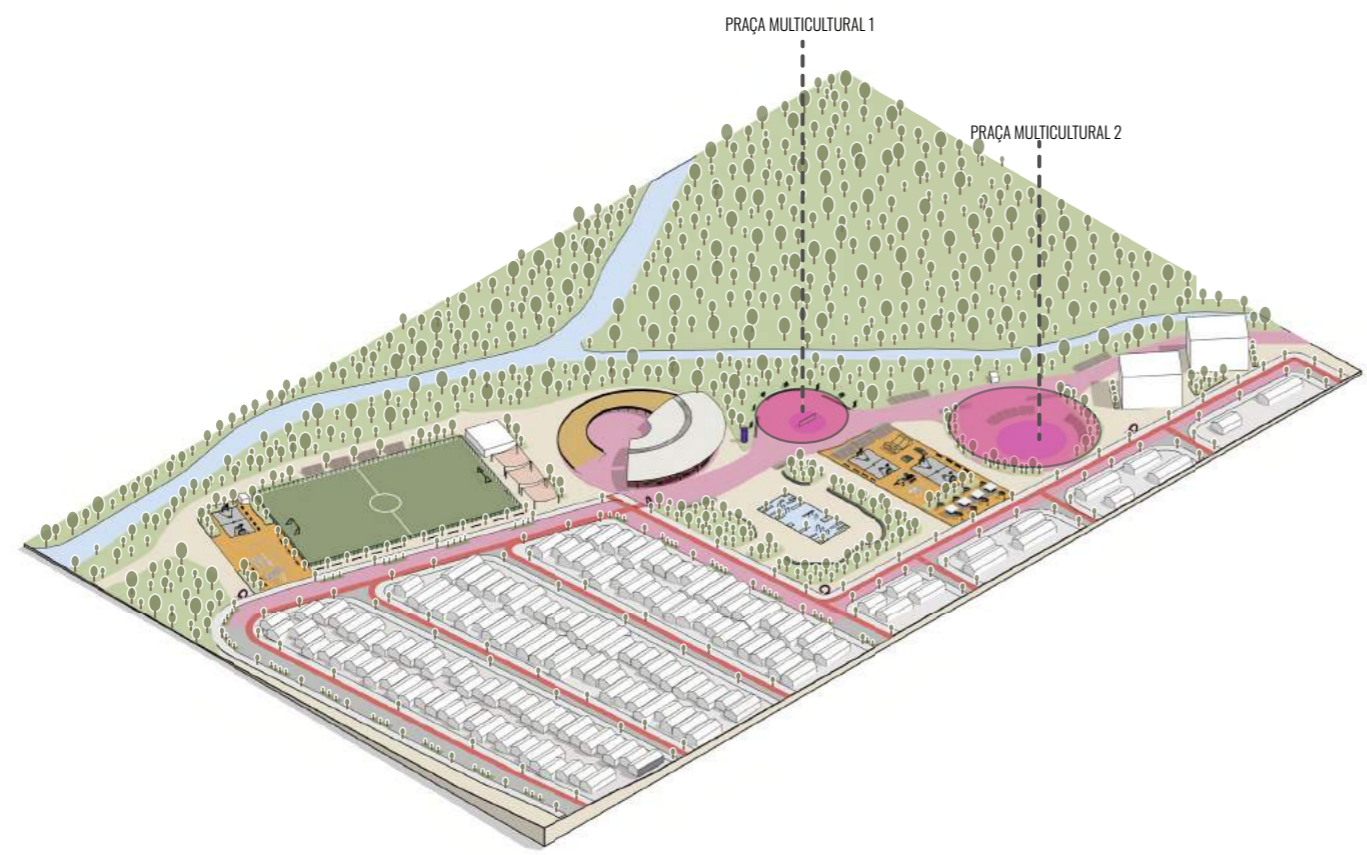


CORTE C-C

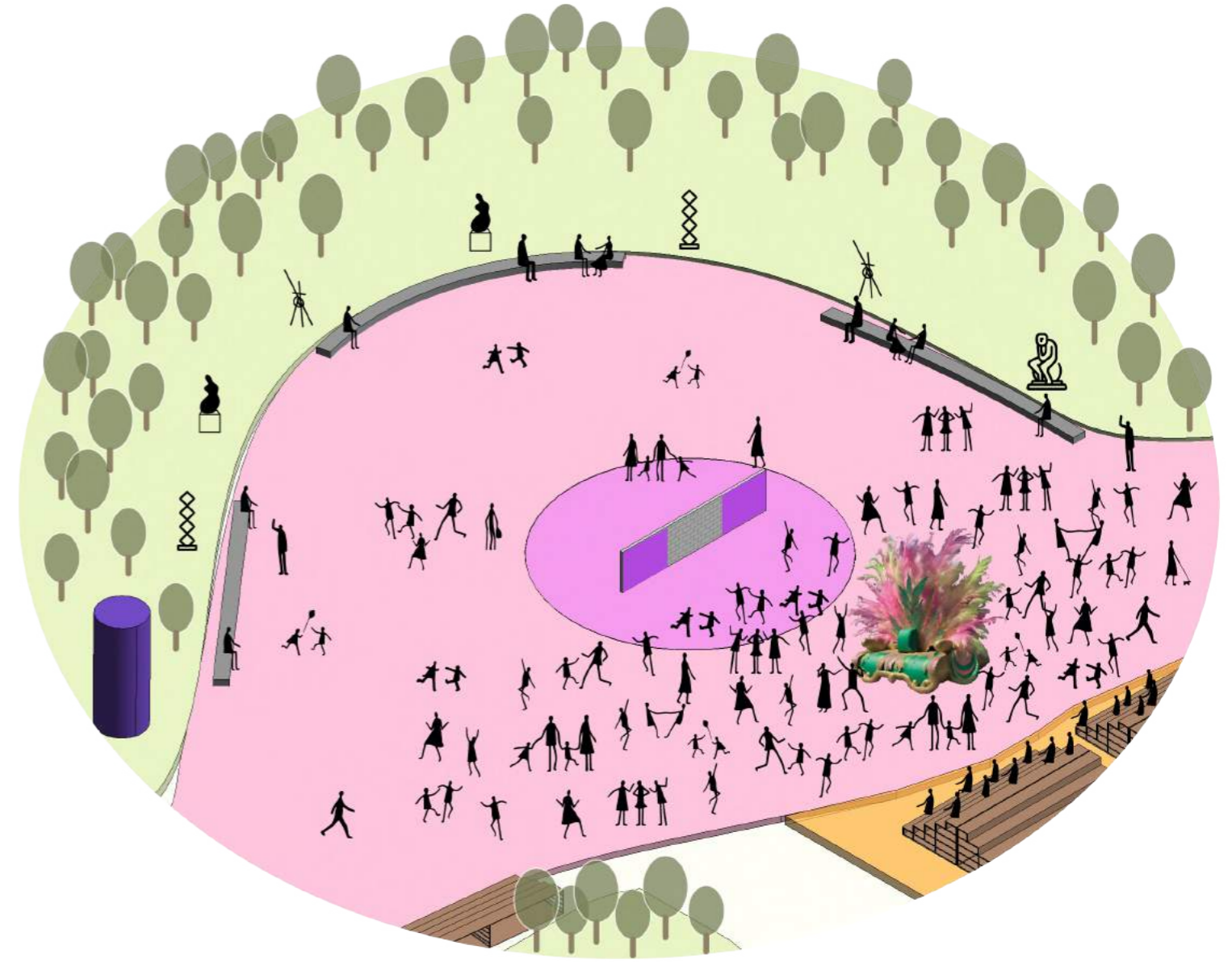


CORTE D-D

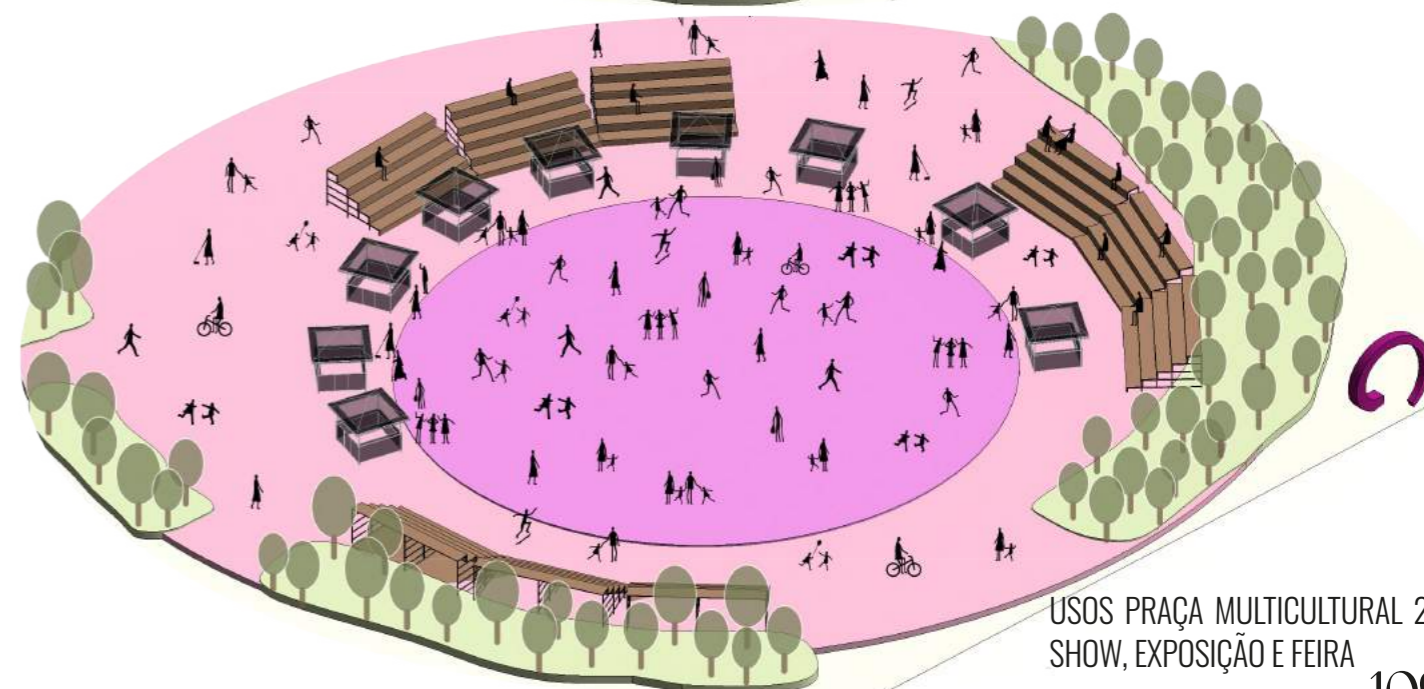
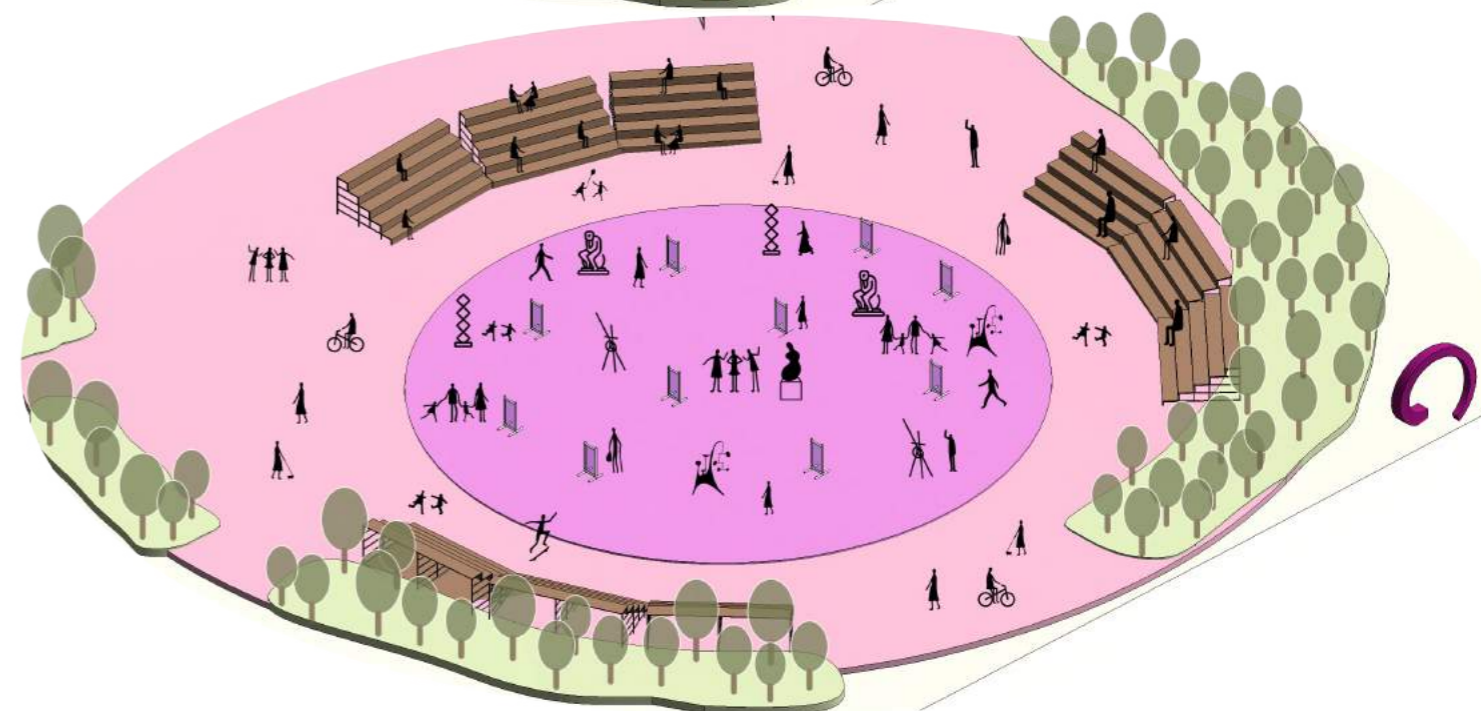
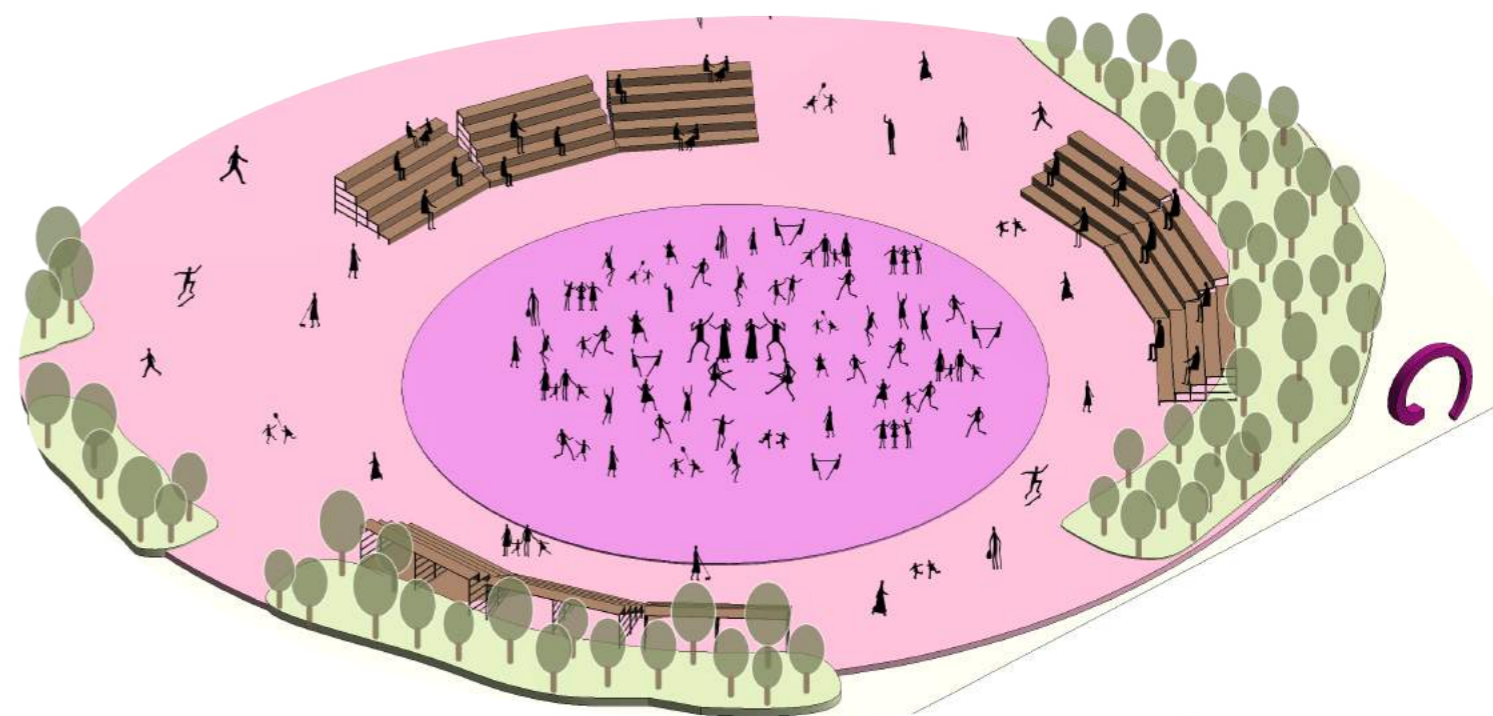
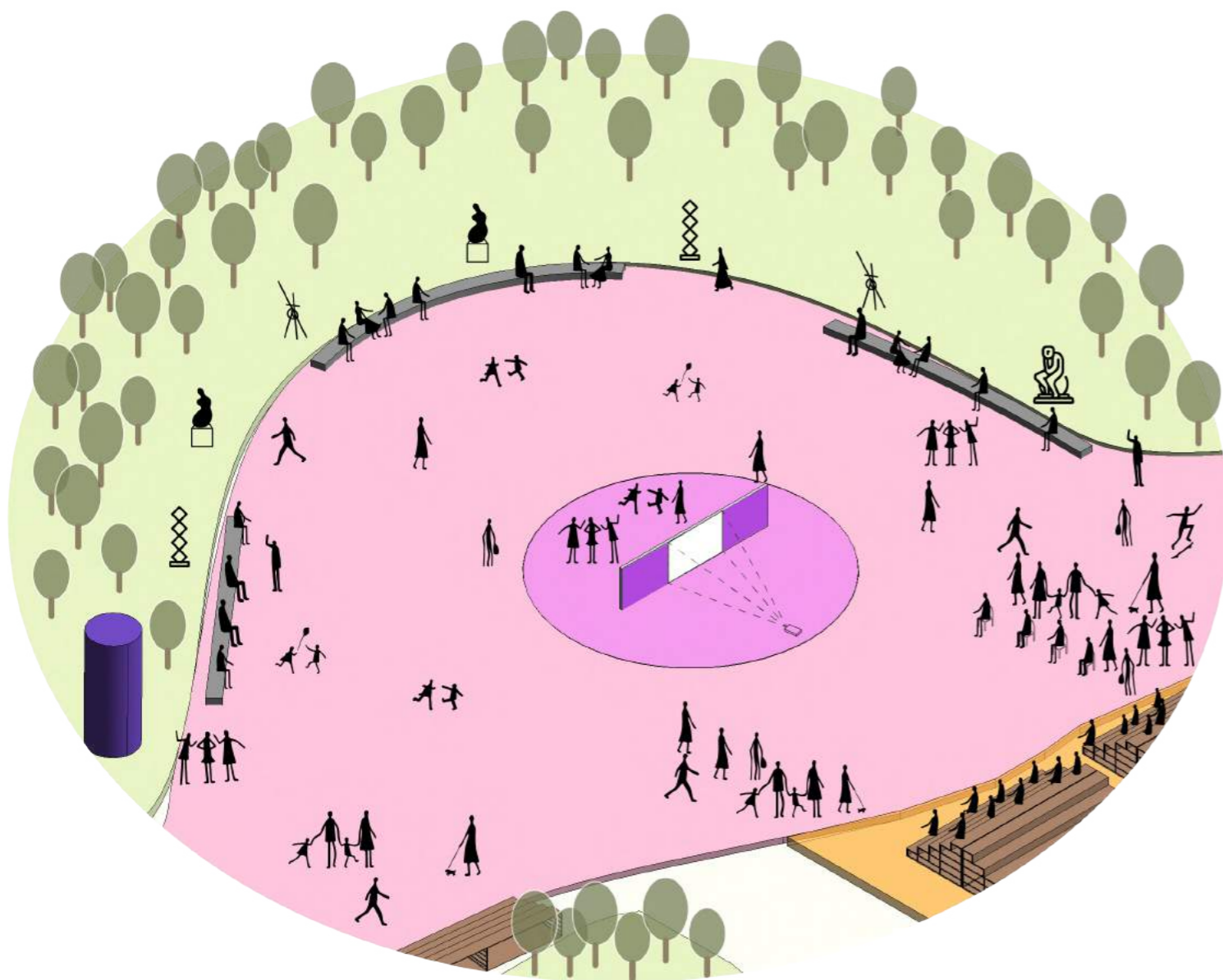
Visando abrigar sempre diversas e variadas atividades artísticas, culturais, de lazer e de encontro, os espaços e mobiliários do parque foram pensados na logica do multiuso, na qual um espaço poderia comportar a maior diversidade possível de atividades e mobiliários que possam desempenhar diferentes funções dependendo da atividade, como arquibancadas voltadas para diferentes sentidos que servem como espaço de estar em dias sem eventos e também podem ser usadas em dias de jogos esportivos, desfile de carnaval de rua, sessão de cinema, teatro ao ar livre etc.



LOCALIZAÇÃO PRAÇAS MULTICULTURAIS 1 E 2

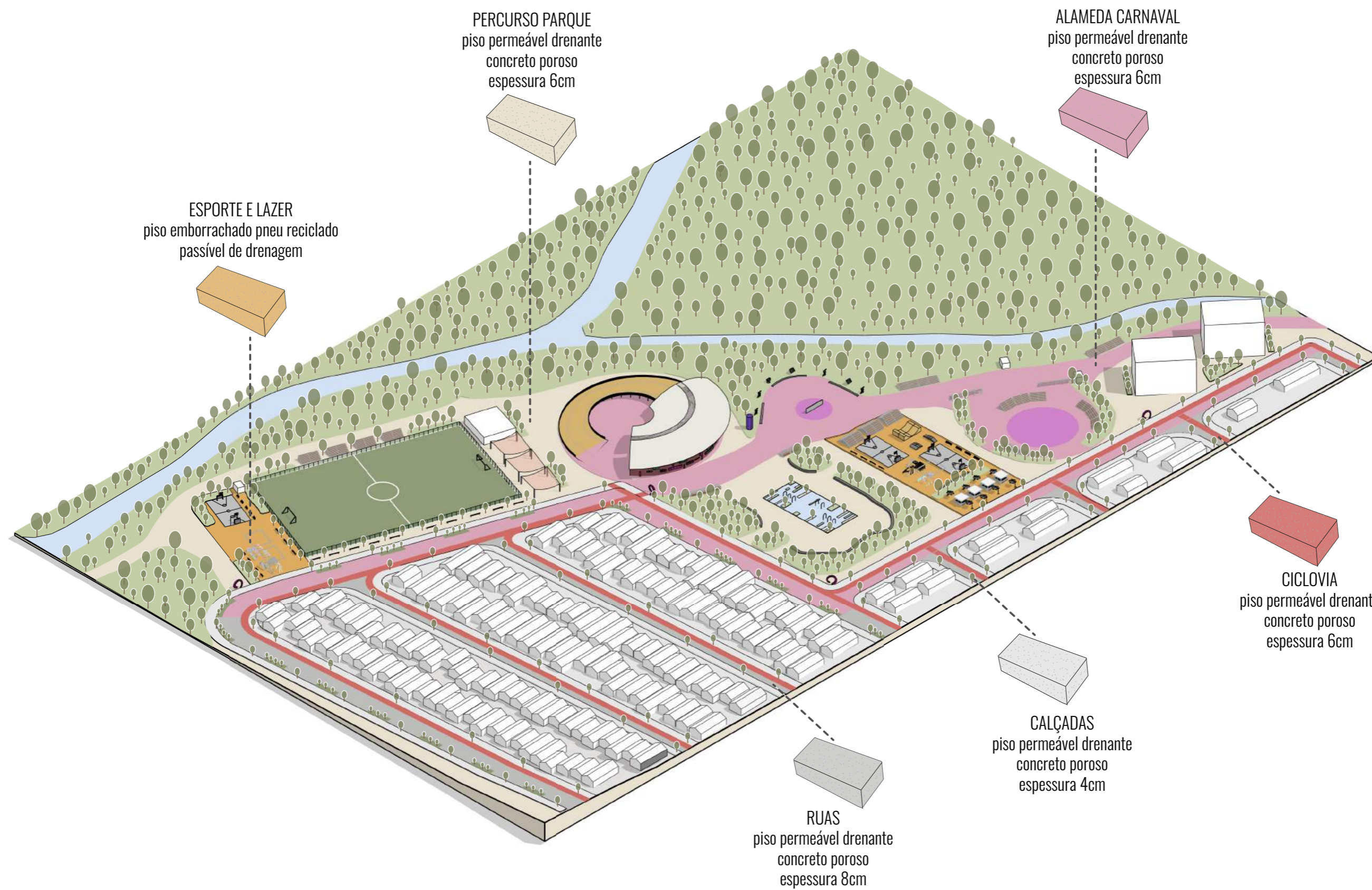


USOS PRAÇA MULTICULTURAL 1 - DESFILE DE CARNAVAL



USOS PRAÇA MULTICULTURAL 1 - SESSÃO DE CINEMA AO AR LIVRE

USOS PRAÇA MULTICULTURAL 2 -  
SHOW, EXPOSIÇÃO E FEIRA

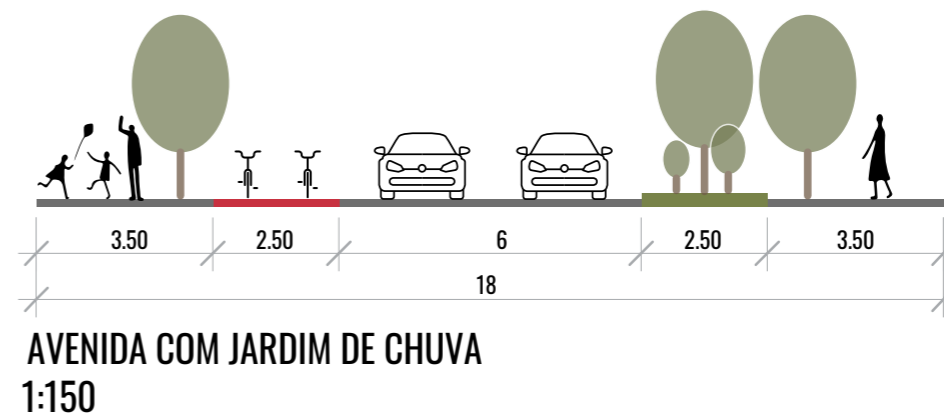
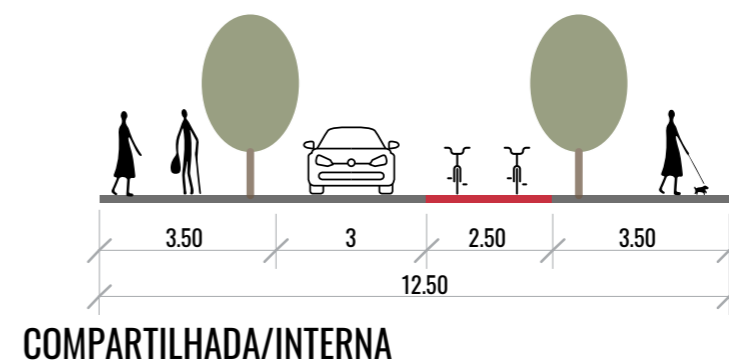
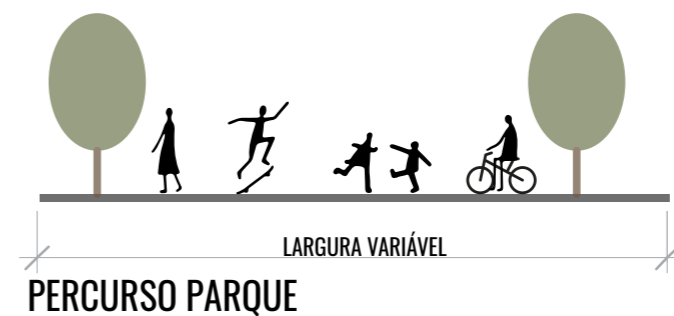
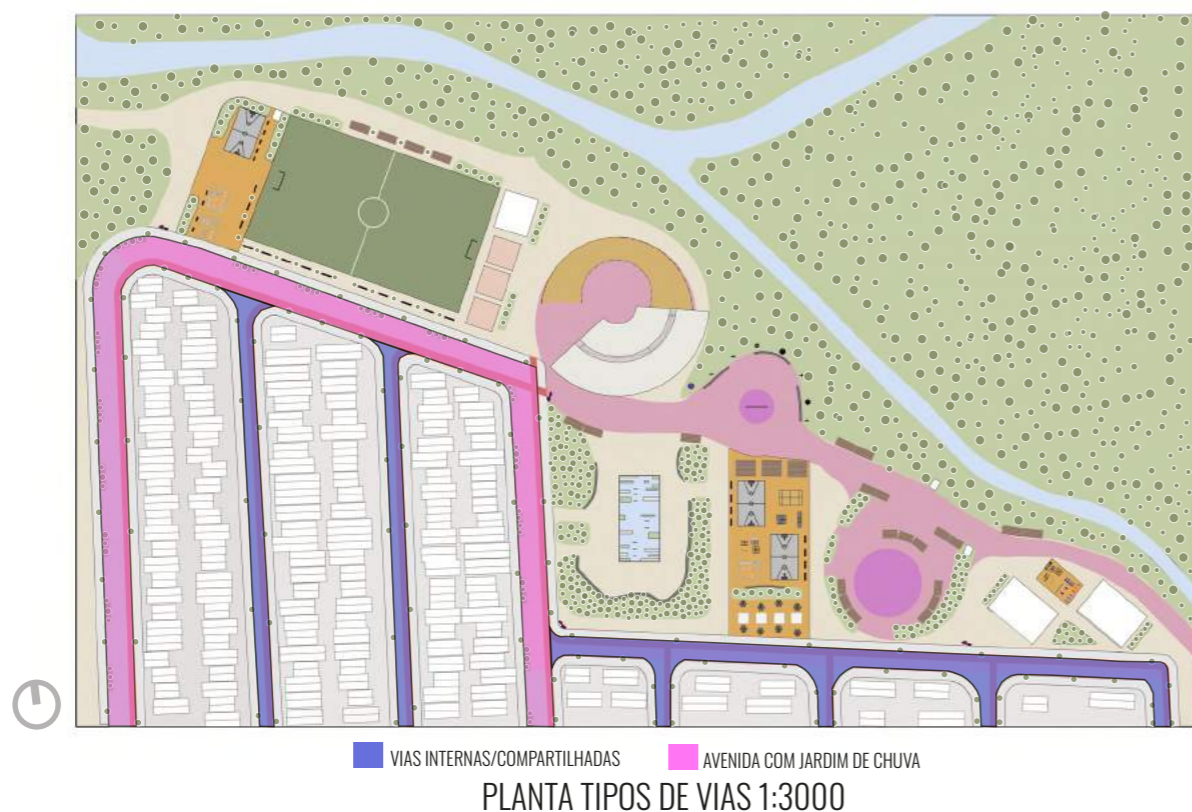


PERSPECTIVA GERAL MATERIAIS DO PROJETO 1:1500

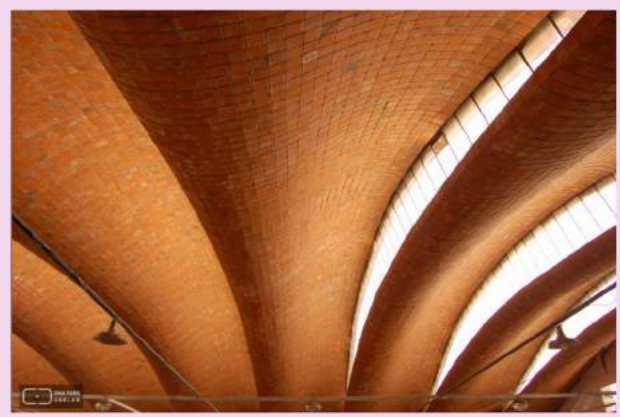
Visando também a sustentabilidade no projeto, os materiais adotados para as ruas e o parque, assim como a implementação de mata ciliar, permitem uma drenagem urbana mais eficiente, evitando as possíveis enchentes, inundações e alagamentos. Cada área possui uma espessura de material diferente, de acordo com seus usos. Vale destacar que nas áreas de esporte e lazer, por mais que tenham um piso diferente, ele é feito de materiais recicláveis e também permite o escoamento da água.

Nas vias, ciclovias e calçadas, juntamente com a vegetação prevista para as calçadas e os jardins de chuva nas ruas mais largas, os pisos drenantes permitem o rápido escoamento da água e evitam inundações. Como já previsto nas diretrizes gerais do projeto, foram mudados os tamanhos das vias, permitindo uma calçada mais generosa para pedestres, inserção de ciclovias por toda a área e a nivelção entre leito carroçável e passeio de pedestres, visando uma experiência agradável pelas ruas do bairro, que como constatado nas visitas, são muito usadas porém não contam com tanta infraestrutura nem acessibilidade.

As vias que tangenciam o parque linear possuem um piso da mesma cor da alameda carnaval como mais uma forma de conexão entre o parque e o bairro, dissolvendo os limites entre rua e parque.



# BARRAÇÃO UNIDOS DO SHANGAI: referências





OFICINA EM PERDIZES | MMBB ARQUITETOS | SÃO PAULO | 2020



GINÁSIO POLIESPORTIVO|ELADIO DIESTE E MONTAÑEZ S.A. (EMPRESA CONSTRUCTORA), ENG. ELADIO DIESTE |DURAZNO | URUGUAI | 1974



TERMINAL MUNICIPAL DE ÔNIBUS | NÉSTOR J. MINUTTI, DIESTE E MONTAÑEZ S.A. (EMPRESA CONSTRUCTORA), ENG ELADIO DIESTE | URUGUAI |1973



AMPLIAÇÃO DA ESCOLA PRIMÁRIA DE GANDO | KERÉ ARCHITECTURE | BURKINA FASO | 2008



PASSEIO SOBRE OS VINHEDOS|KEEO4DESIGN | REPÚBLICA TCHECA | 2018



COMPLEXO CULTURAL DO PORTO SECO | ALVARO PROTO, CRISTIANO COSTA E SOUZA, TIAGO FERRARI, NAIRA OSZOWSKI, ANDREA MACADAR, PATRÍCIA MARIANTE| PORTO ALEGRE | 2003



# BARRACÃO UNIDOS DO SHANGAI: diretrizes

## PROGRAMA

Seguindo a lógica do parque linear do Pium, o programa do barracão da Unidos do Shangai foi pensado também para abrigar outras atividades e espaços culturais para além dos trabalhos da escola de samba.

- barracão Unidos do Shangai
- ateliê multicultural
- eventos ao ar livre
- encontro da comunidade
- biblioteca comunitária
- rampa/percurso/mirante

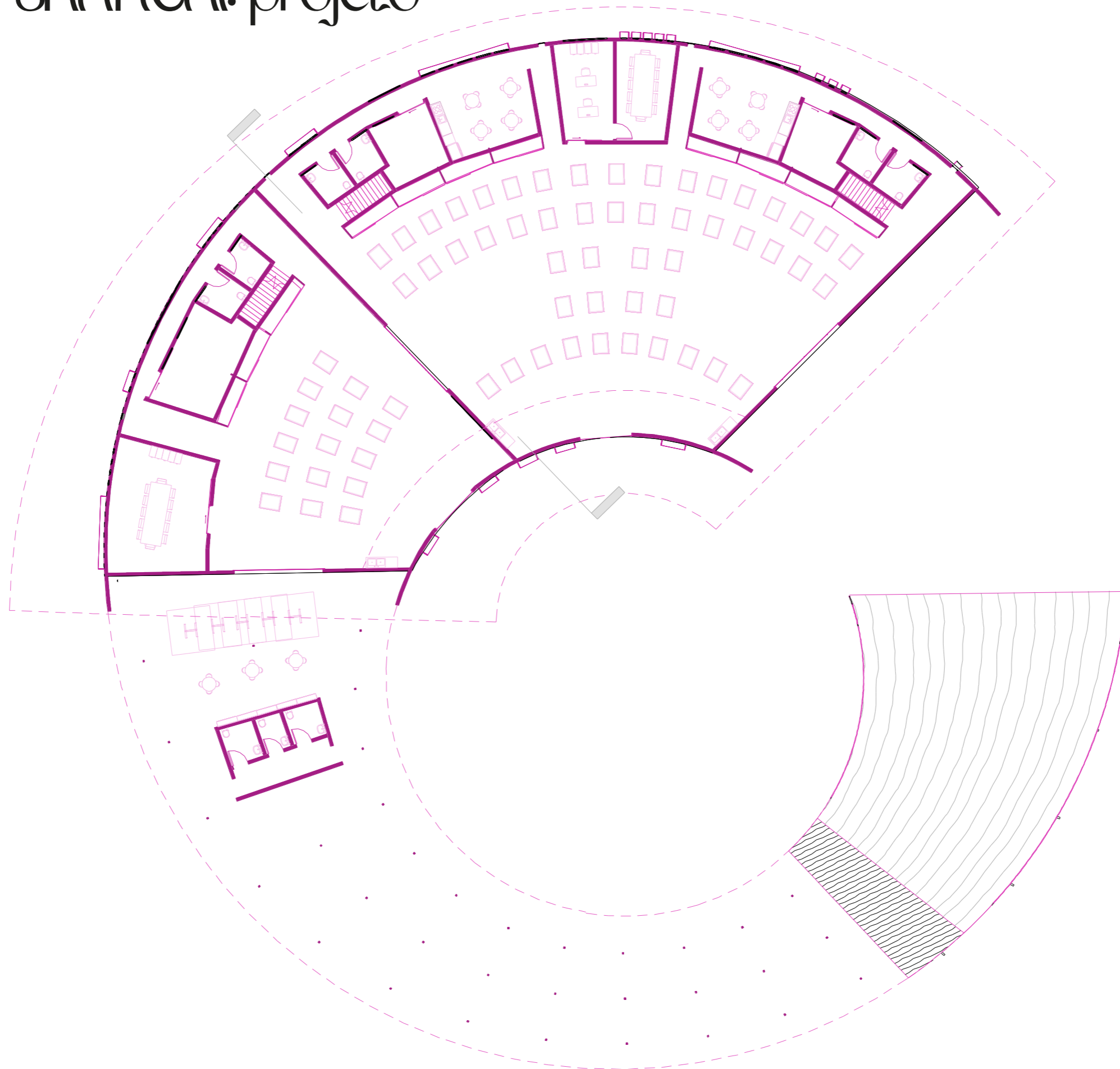
## DIRETRIZES

O edifício do barracão da escola de samba Unidos do Shangai seguiu as diretrizes definidas no projeto do Parque Linear do Pium, adotando um formato circular para uma diferenciação da ortogonalidade do bairro mas também por ser um formato que não delimita de modo estrito a frente e o fundo, uma entrada e uma saída, permitindo que os acessos sejam permeáveis e que o edifício se relacione diretamente com as atividades que acontecem no parque ao redor. Além disso, a circularidade da construção também evoca um sentido poético do universo do carnaval e do samba, como por exemplo as rodas de samba e os movimentos de dança circulares dos mestres-salas e porta-bandeiras das escolas de samba.

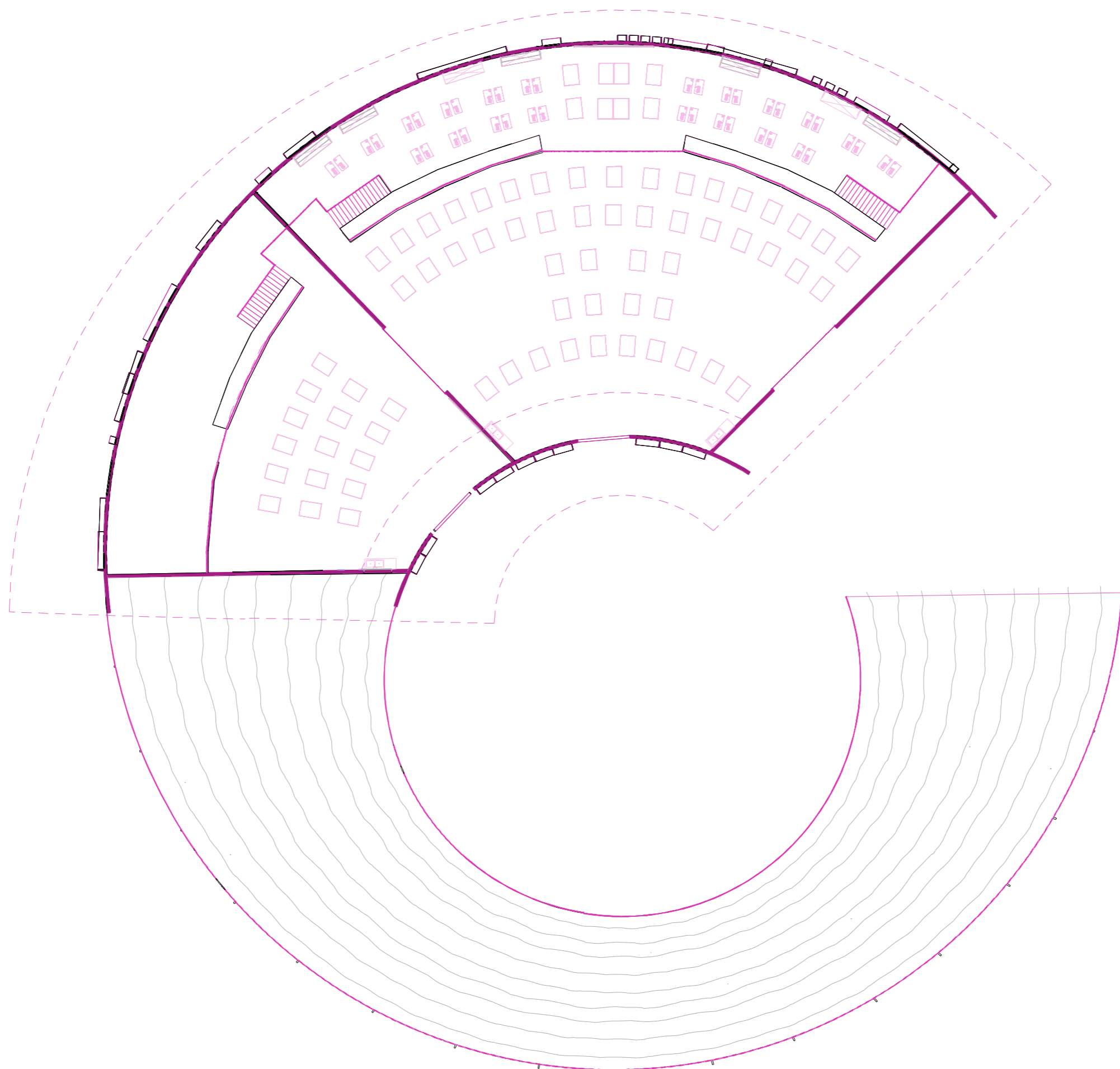


PRIMEIRO CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA CLAUDINHO E SELMINHA SORRISO -BEIJA-FLOR DESFILE 2019 . FONTE: FERNANDO TRIBINO/ SITE CARNAVALIZADOS. DESENHOS PELA AUTORA

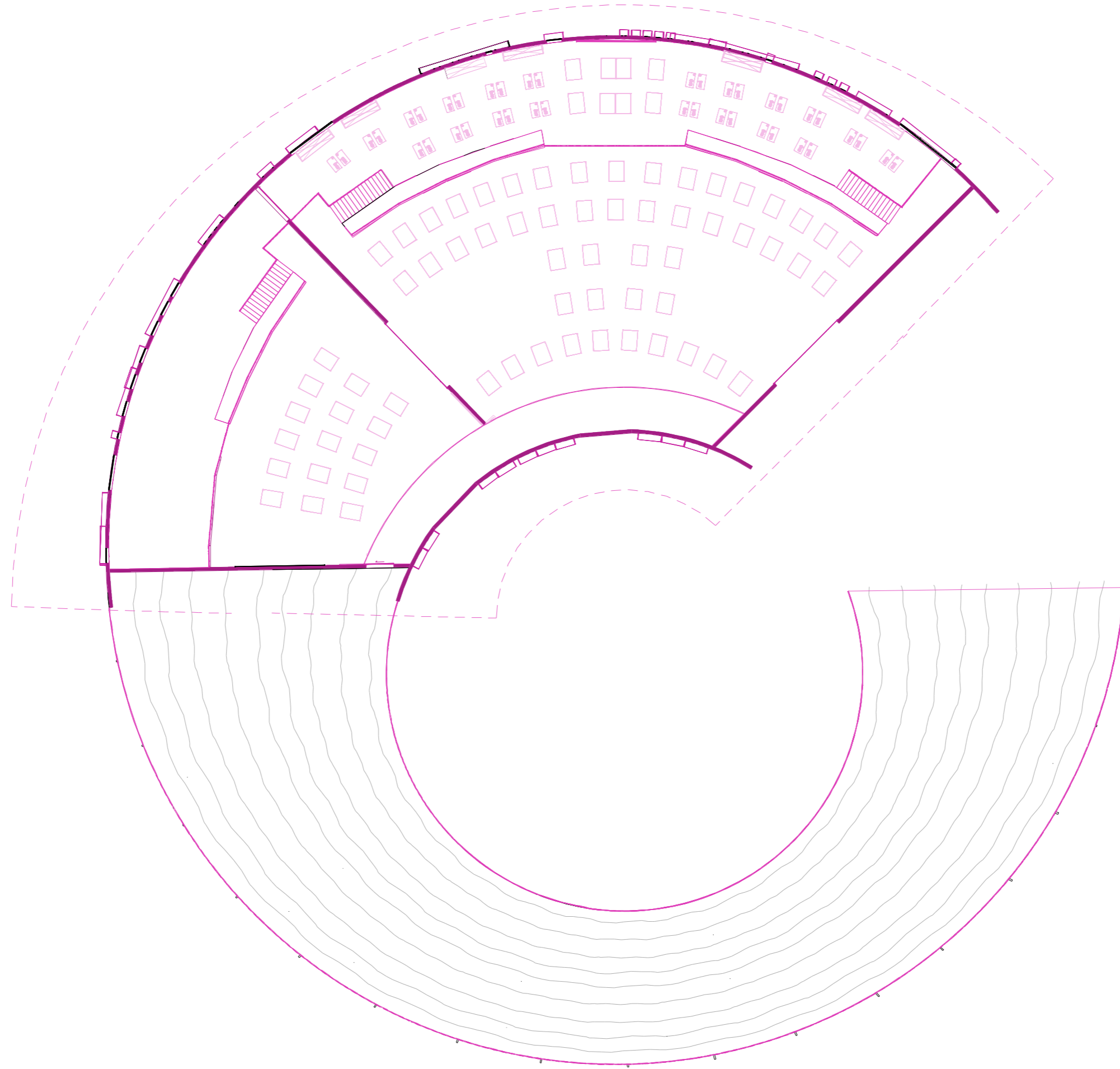
# BARRACÃO UNIDOS DO SHANGAI: projeto



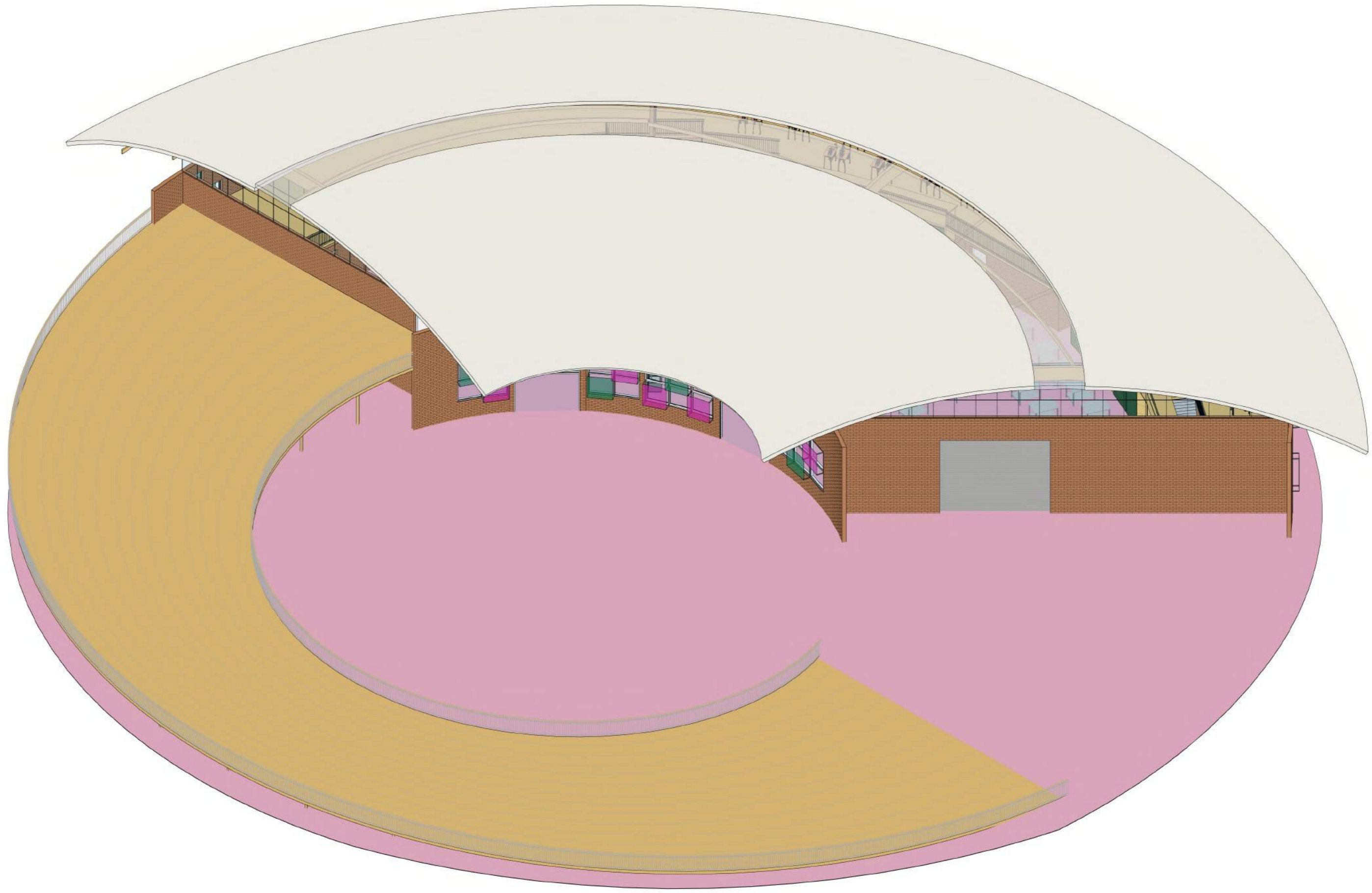
PLANTA TÉRREO  
0.0m  
1:250



  
 PLANTA MEZANINO 1  
 +2.60m  
 1:250



  
 PLANTA MEZANINO 2  
 +3.50m  
 1:250



PERSPECTIVA GERAL 1:175

Também seguindo a lógica do parque linear, além do barracão da escola de samba a construção também foi pensada para ser local de encontro da comunidade e abrigar uma diversidade de atividades artísticas e culturais, como um ateliê multicultural, onde podem ocorrer oficinas e cursos para a comunidade - não necessariamente ligados aos trabalhos da escola de samba - e também espaços de arte e cultura ao ar livre, como um pátio e uma biblioteca comunitária. Além disso, o construção conta com uma rampa circular que tem acesso a um mezanino dentro do ateliê e compartilhado com o barracão; e também permite um percurso e uma vista da Arena Shangai e arredores do parque. A rampa também serve como cobertura para o espaço da biblioteca comunitária, ao ar livre, e para um bloco de apoio com banheiros.

Cada espaço possui especificidades programáticas, mas sempre estão voltados à abrigar a maior diversidade possível de eventos artísticos e culturais

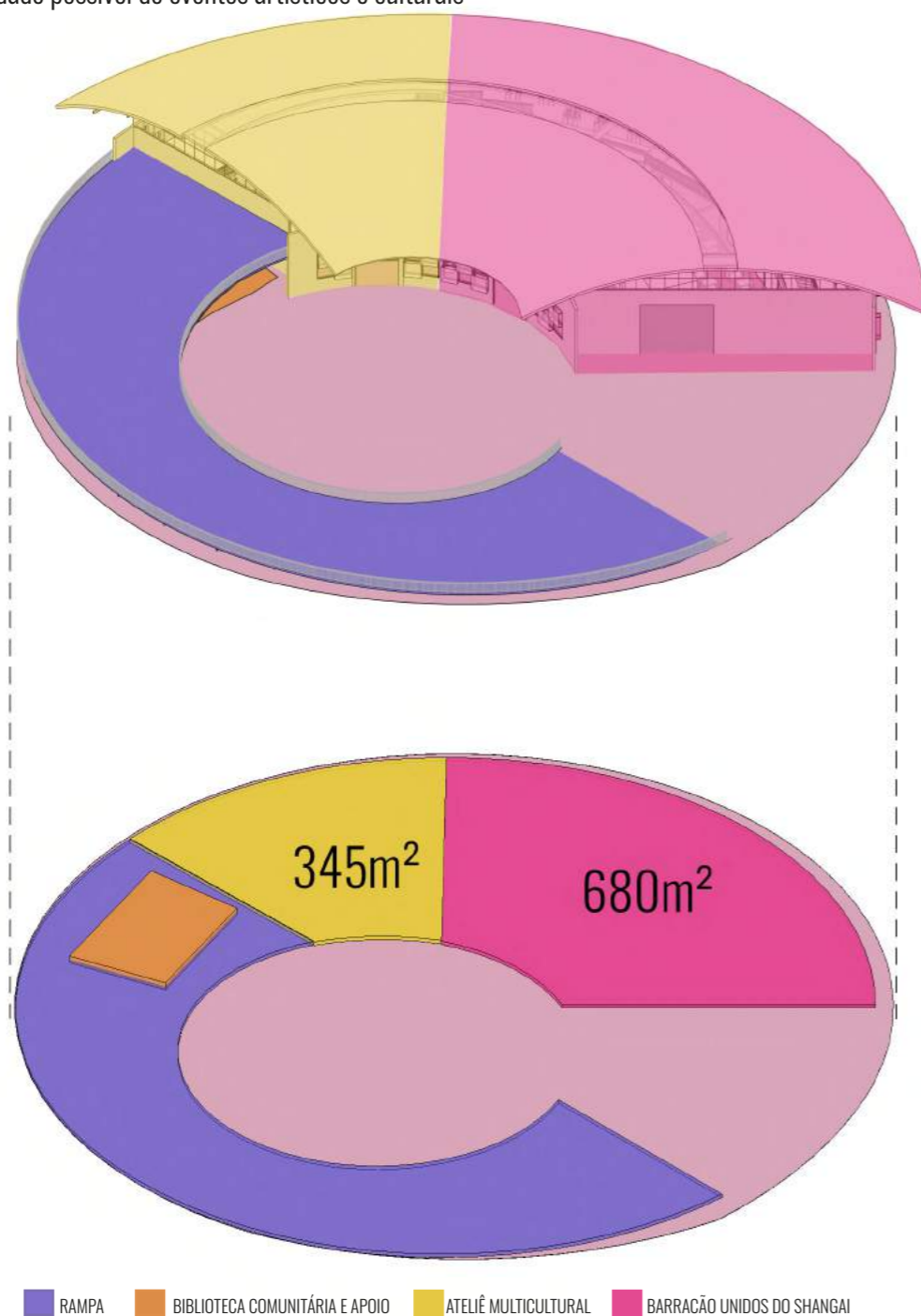


DIAGRAMA PROGRAMA BARRACÃO 1:500

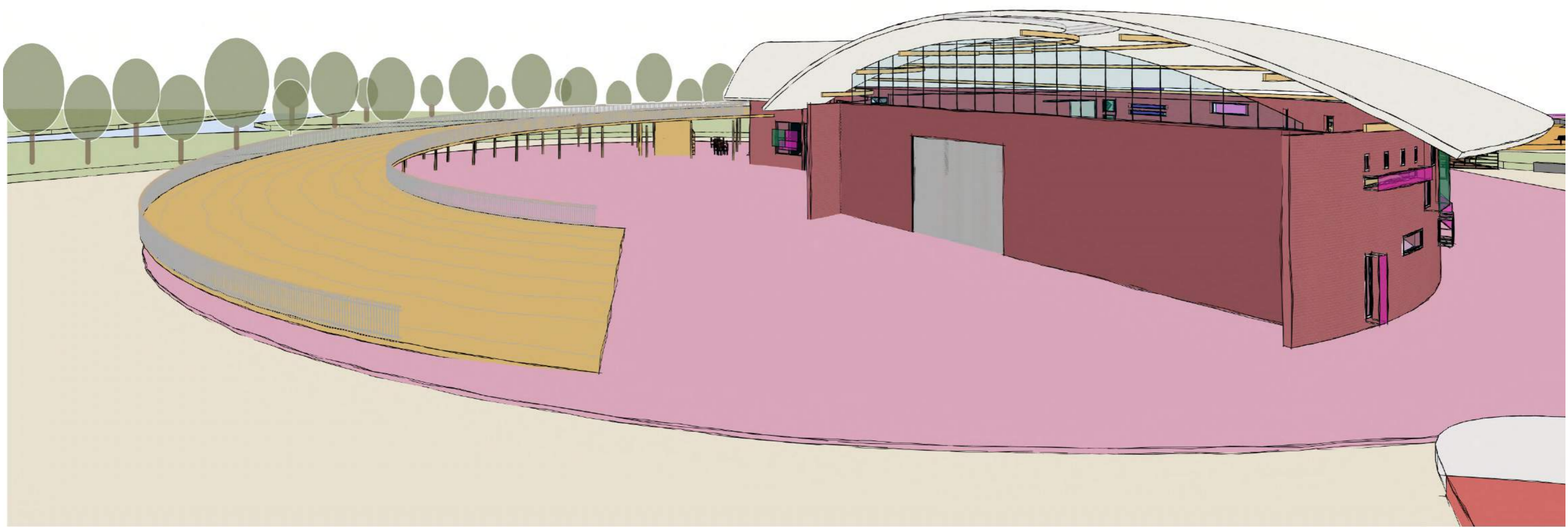
- **rampa:** a rampa curva serve não só como um percurso e um pequeno mirante, que chega a 3,5m do chão, da onde é possível observar o parque, os corpos d'água e os arredores; é também uma forma de acessar o barracão e o ateliê multicultural, já que a rampa vira um mezanino dentro dos edifícios, no qual é permitida a livre circulação das pessoas.

- **biblioteca comunitária:** a biblioteca comunitária se localiza abaixo da rampa, junto com um bloco de apoio com banheiros e bebedouros, e possui espaço para armazenamento de livros, mesas e cadeiras para os leitores e público em geral, além de contar com suportes para obras de arte, tornando-o também um local de exposições.

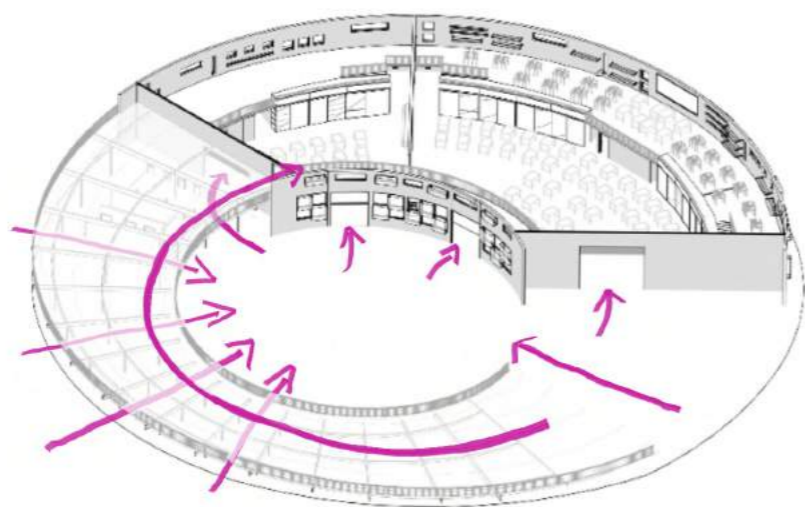
- **pátio:** o pátio central também pode ser uma das praças multiculturais dentro do parque linear; nele podem ocorrer diversos tipos de eventos como exposições, shows, assembleias, ensaios da bateria, entre outros. é um espaço de encontro e passagem dos transeuntes e principalmente dos trabalhadores e visitantes do barracão da Unidos do Shangai.

- **ateliê multicultural:** o ateliê multicultural é um espaço para oficinas artísticas e culturais abertas à comunidade, não se restringindo apenas aos trabalhos realizados pela escola de samba. Além de um espaço com áreas de trabalho móveis, permitindo inúmeras configurações do espaço, o ateliê conta também com armários e depósito para armazenamento de materiais e uma sala de reuniões que pode ser utilizada pela associação de moradores do bairro ou pelos moradores.

- **barracão Unidos do Shangai:** barracão para desenvolvimento das atividades e trabalhos da escola de samba como montagem dos carros alegóricos, confecção de fantasias e adereços, armazenamento de materiais e instrumentos e local físico para a administração da escola.

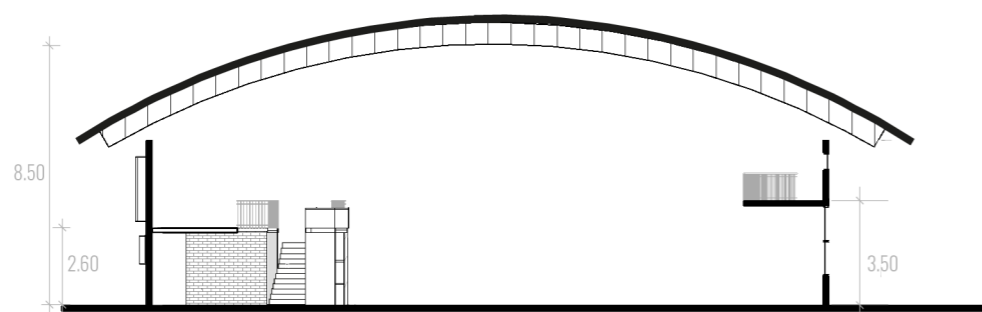


VISTA DA CONSTRUÇÃO E MATA CILIAR AO FUNDO



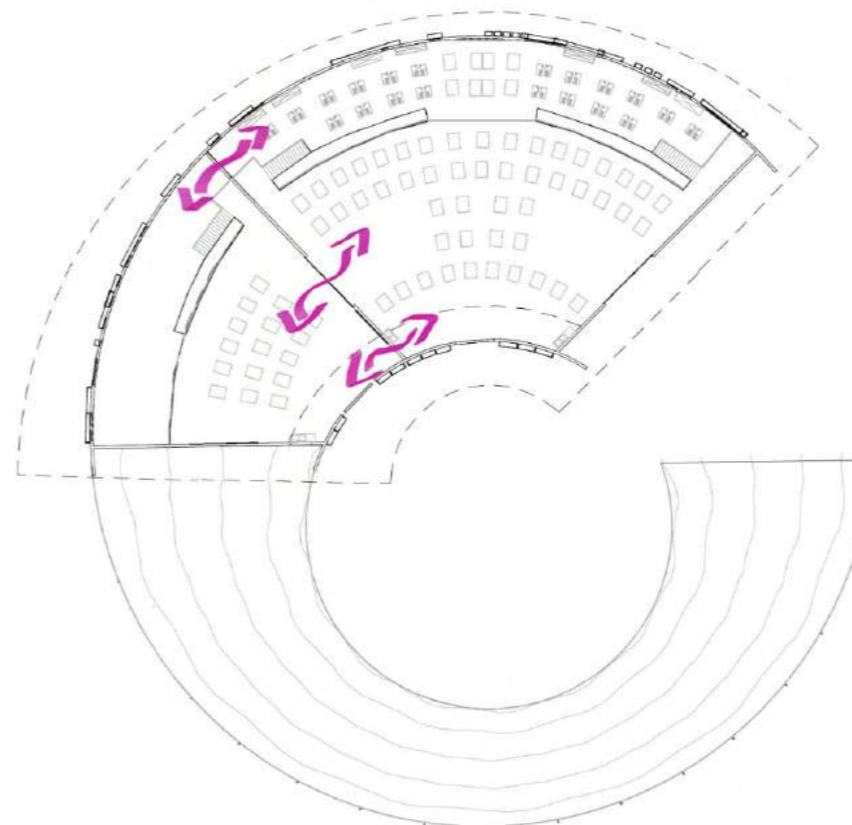
PERSPECTIVA ESQUEMÁTICA DE ACESSOS

Seguindo a premissa de ser um edifício permeável, aberto, e sem uma definição de acesso ú os acessos à estrutura se dão por debaixo da rampa, chegam no pátio central e, do pátio para de da construção do ateliê e do barracão, pode-se entrar pelo térreo por quatro entradas: duas porta vidro viradas para o pátio central e dois portões, um em cada ponta do edifício, que servem como s e entrada de materiais e principalmente dos carros alegóricos. Para observadores e público em g há uma entrada ao segundo mezanino, o mais alto do edifício, a partir da rampa, que também s como um percurso de observação do parque, do bairro e arredores.como já comentado.

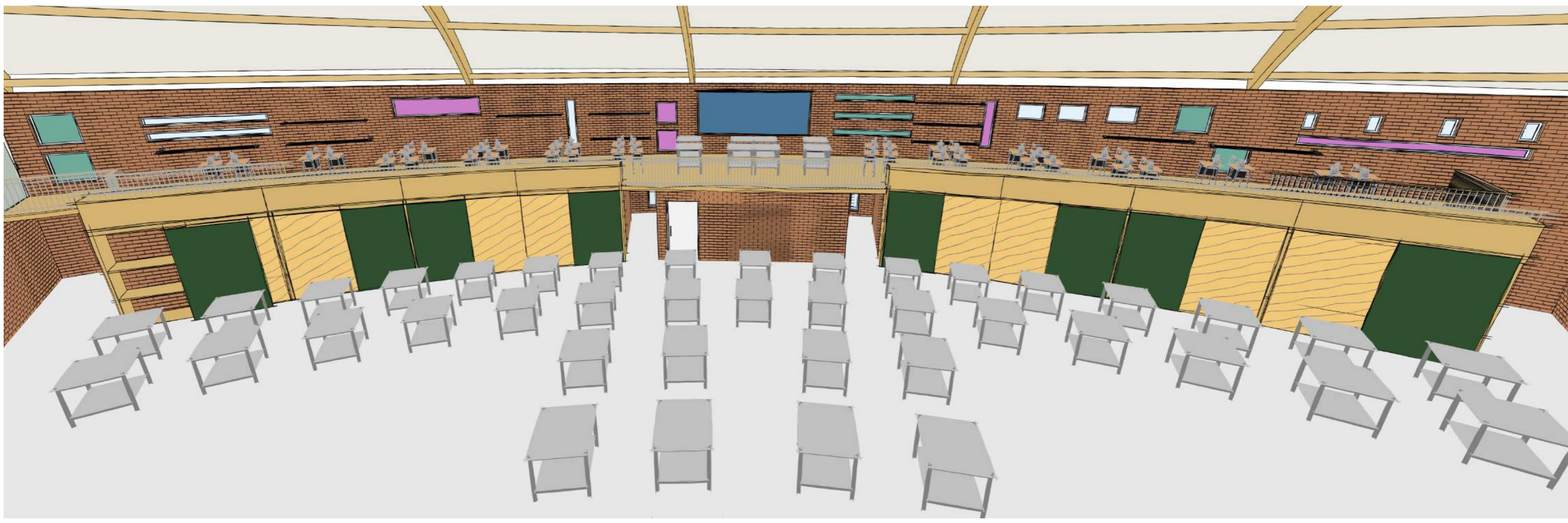


CORTE ESQUEMÁTICO INTERIOR ATELIÊ E BARRACÃO 1:250

Além dos acessos de fora pra dentro do edifício, o barracão e o ateliê também possuem acessos internos que os conectam e integram em todos os níveis, de forma que, se necessário, a escola de samba também possa ocupar e utilizar a estrutura do ateliê para desenvolvimento das suas atividades, principalmente mais próximo do desfiles oficial, quando os trabalhos se intensificam. No térreo há uma ligação por meio de um portão, com altura suficiente para passagem do carro alegórico; no primeiro mezanino há uma conexão por uma porta de correr entre os mezaninos dos dois espaços, permitindo que o trabalho de corte e costura por exemplo se expanda para o ateliê; e no segundo mezanino, acessado a partir da rampa, há uma abertura permitindo livre circulação entre barracão e ateliê para o público em geral que queira observar os trabalhos e atividades da escola de samba.



PLANTA ESQUEMÁTICA CONEXÕES BARRACÃO E ATELIÊ

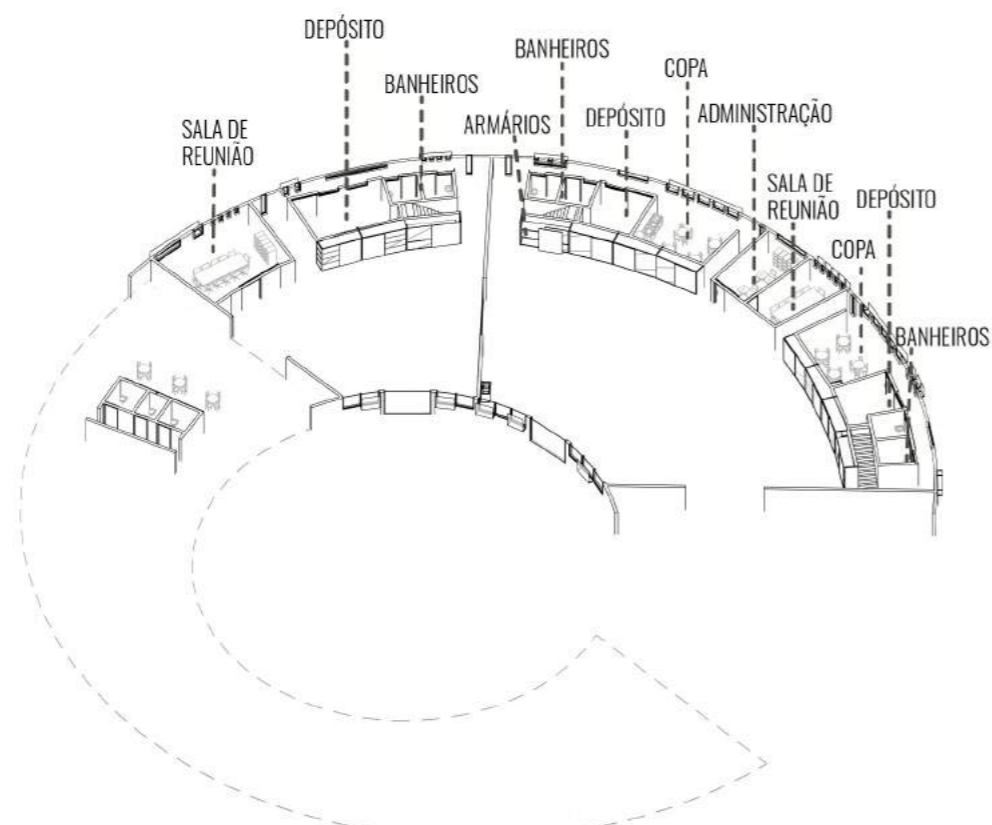


VISTA DO BARRACÃO DA UNIDOS DO SHANGAI A PARTIR DO SEGUNDO MEZANINO

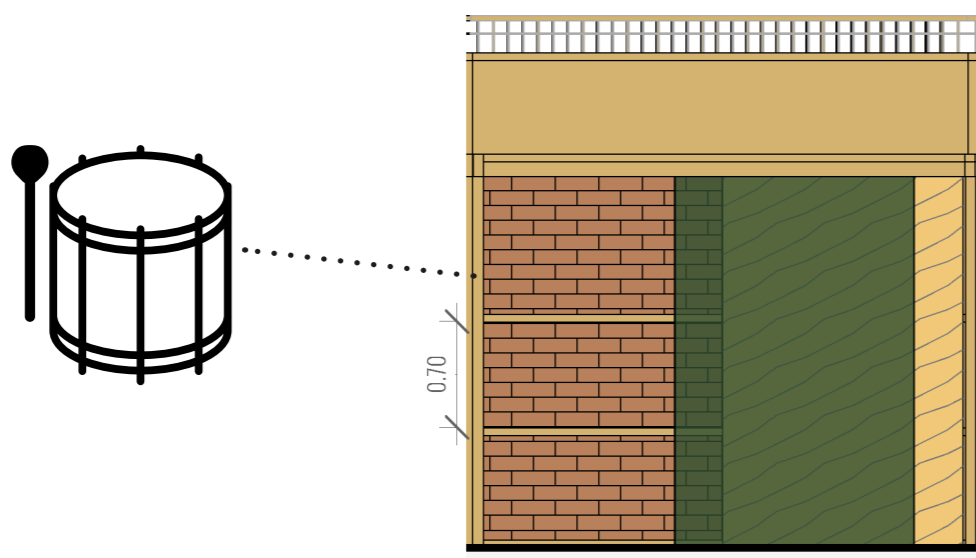


VISTA DO BARRACÃO DA UNIDOS DO SHANGAI A PARTIR DO SEGUNDO MEZANINO COM CARROS ALEGÓRICOS

Tanto no barracão quanto no ateliê a área do térreo abaixo do primeiro mezanino foi destinada a áreas mais administrativas e de apoio, como banheiros, depósito de materiais, sala de reunião e, além disso, no caso do barracão, copa para os trabalhadores e uma sala administrativa para a diretoria da escola. A frente das paredes do térreo foram projetados grandes armários que se estendem acima para o primeiro mezanino, para armazenamento de materiais e, no caso do barracão, de instrumentos musicais da bateria, motivo pelo qual o tamanho do armário partiu das dimensões do maior instrumento utilizado pelas escolas de samba: o surdo, que tem entre 60 e 65 cm de altura.

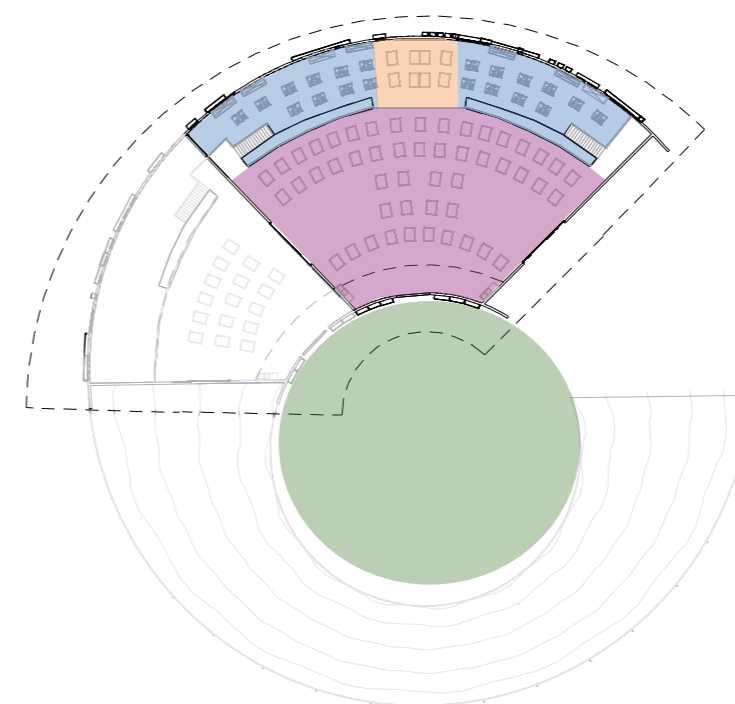


SETORIZAÇÃO TÉRREO EDIFÍCIO DO ATELIÊ E BARRACÃO



DETALHE ARMÁRIO DE INSTRUMENTOS 1:50

Como já comentado, para além da montagem dos carros alegóricos, no barracão também são desenvolvidas atividades de corte e costura e de projeto e desenho das alegorias e fantasias. No presente projeto, tais atividades estão divididas em dois níveis: térreo, para montagem dos carros alegóricos; e primeiro mezanino, onde ocorre projeto, desenho e confecção de fantasias.



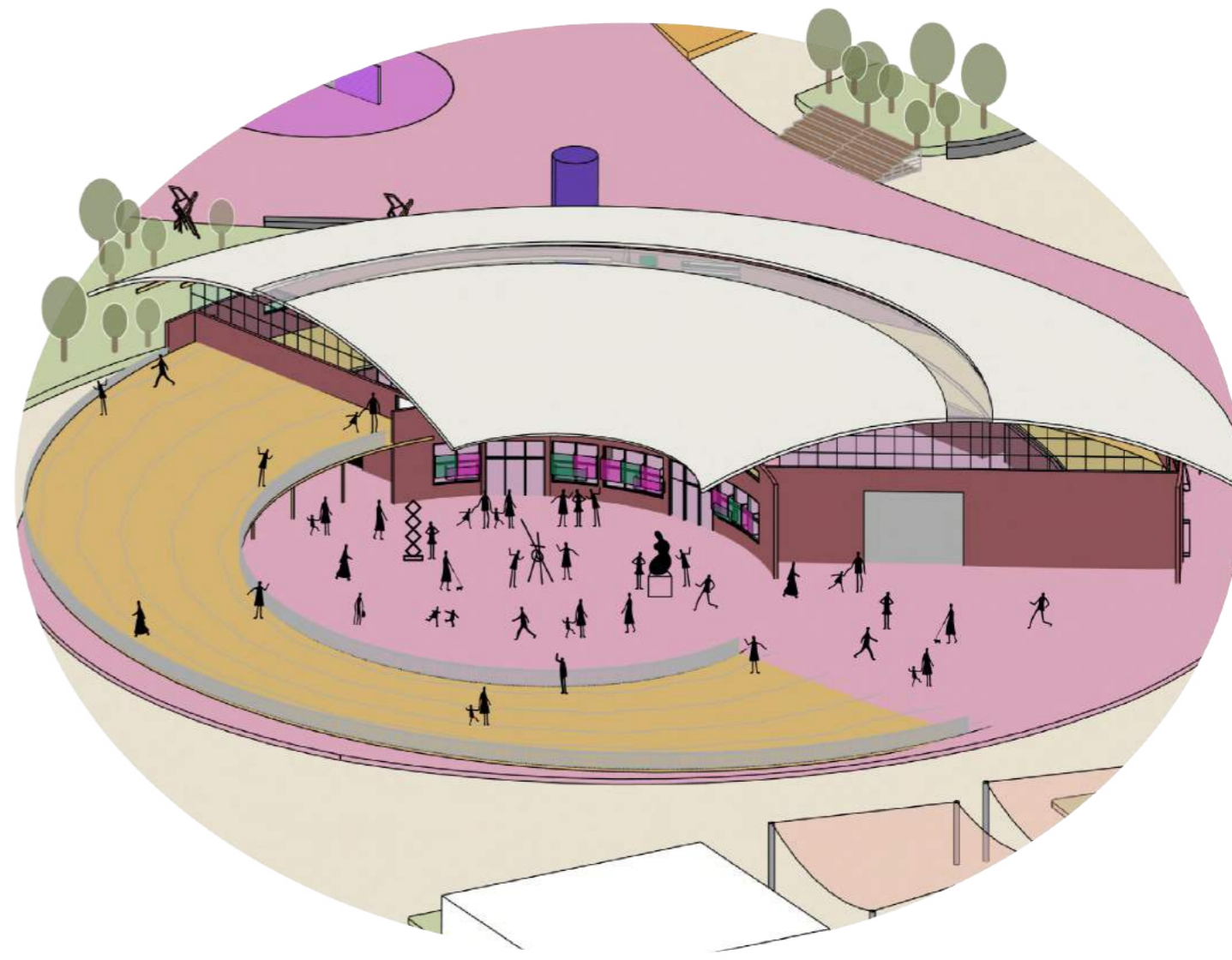
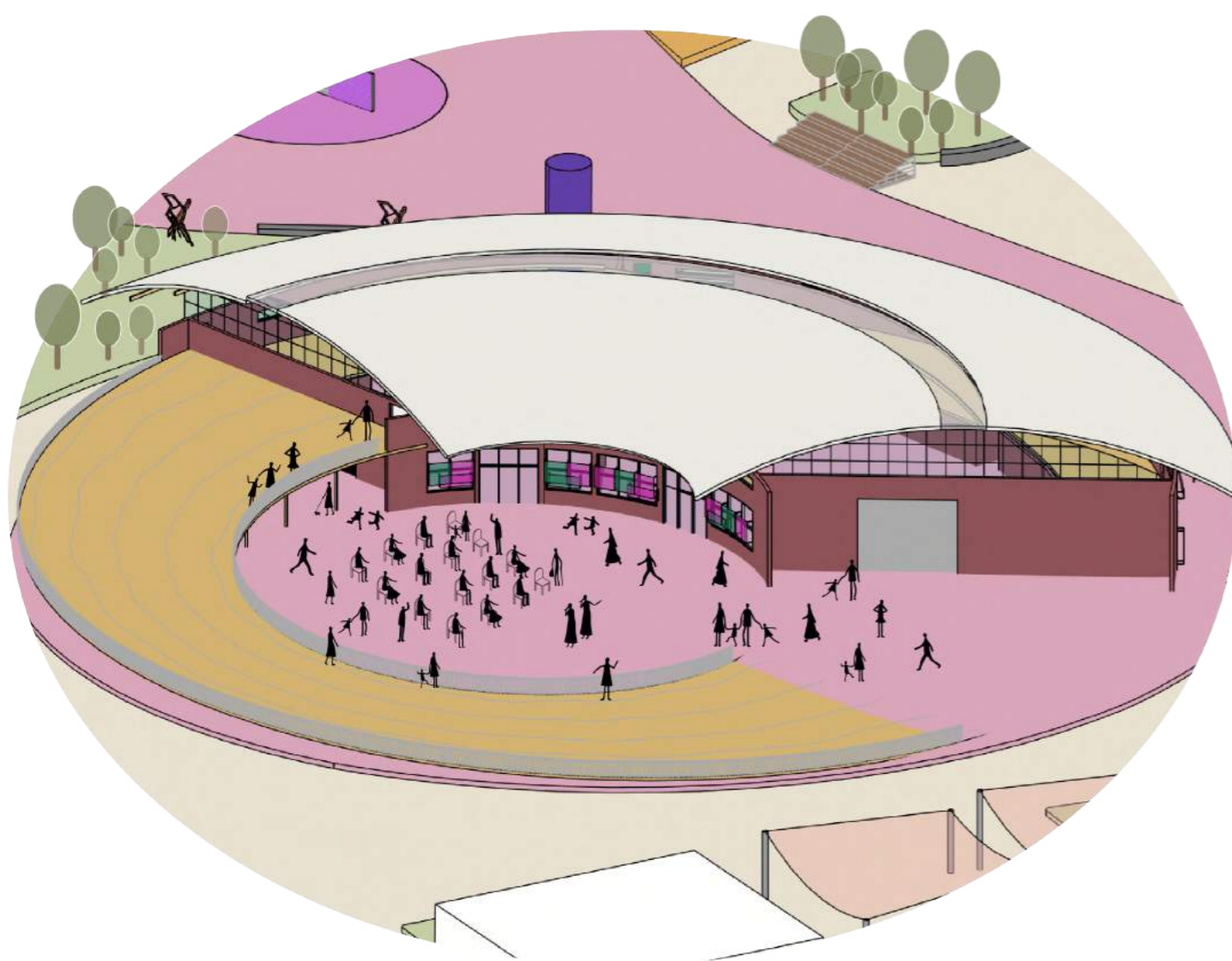
MONTAGEM E DESMONTAGEM CARROS ALEGÓRICOS    CORTE E COSTURA/PRODUÇÃO DE FANTASIAS    DESENHO E PROJETO    ENSAIOS BATERIA

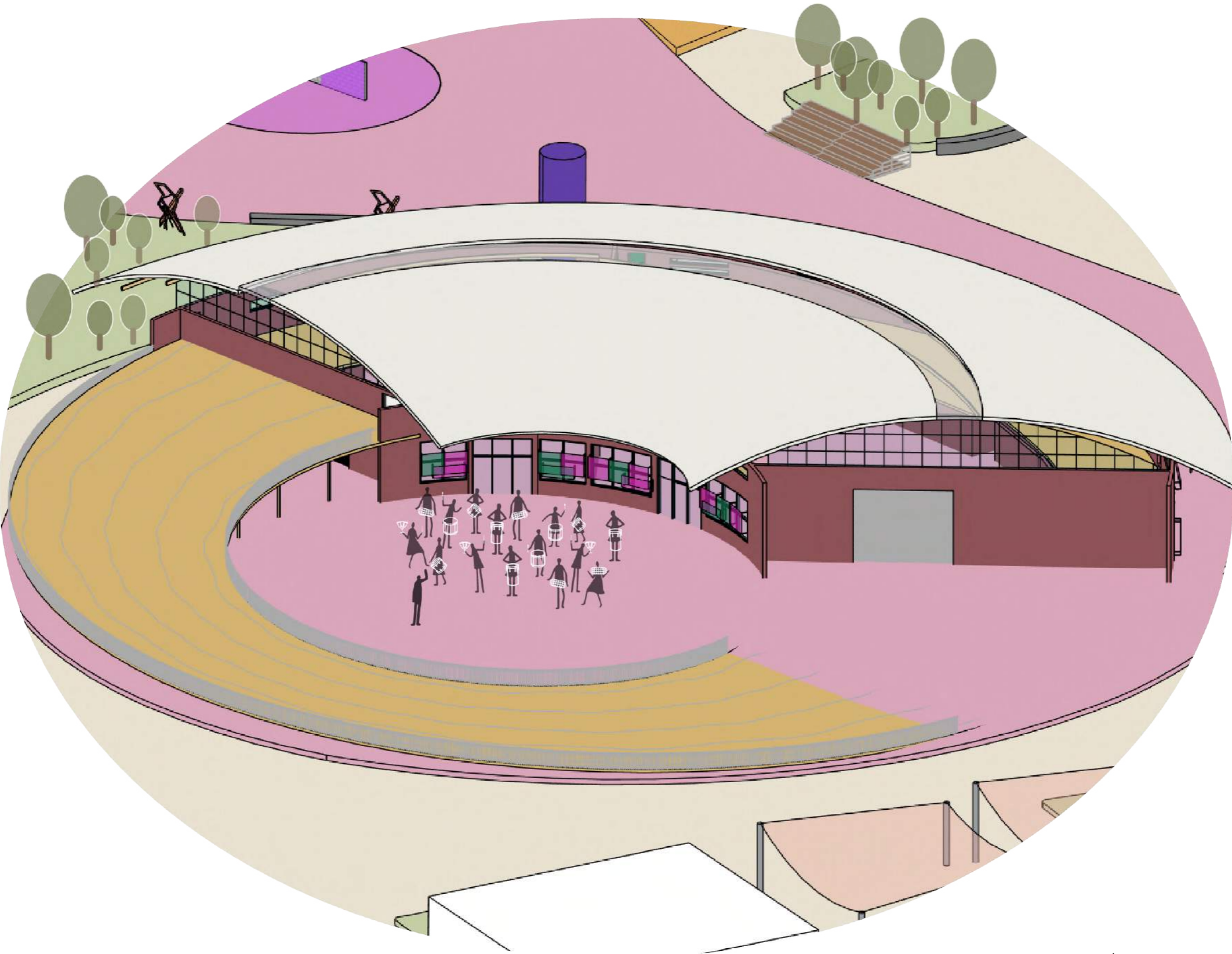
PLANTA ESQUEMÁTICA ÁREAS DE TRABALHO BARRACÃO

Para o desenvolvimento de tais atividades o térreo está equipado com armários para armazenamento dos materiais necessários para os carros alegóricos e com estações de trabalho móveis, permitindo diversas configurações das mesas de acordo com as necessidades da escola. No primeiro mezanino, onde ocorrem as atividades de corte e costura e desenho e projeto, há uma grande lousa para desenhos e esquemas dos projetos, espaço para mesas de máquina de costura e varais pendurados nas paredes, que servem também como estantes para os adereços e fantasias produzidos, uma vez que pelo formato diferenciado eles podem não se adaptar ao uso convencional de cabides para seu armazenamento.

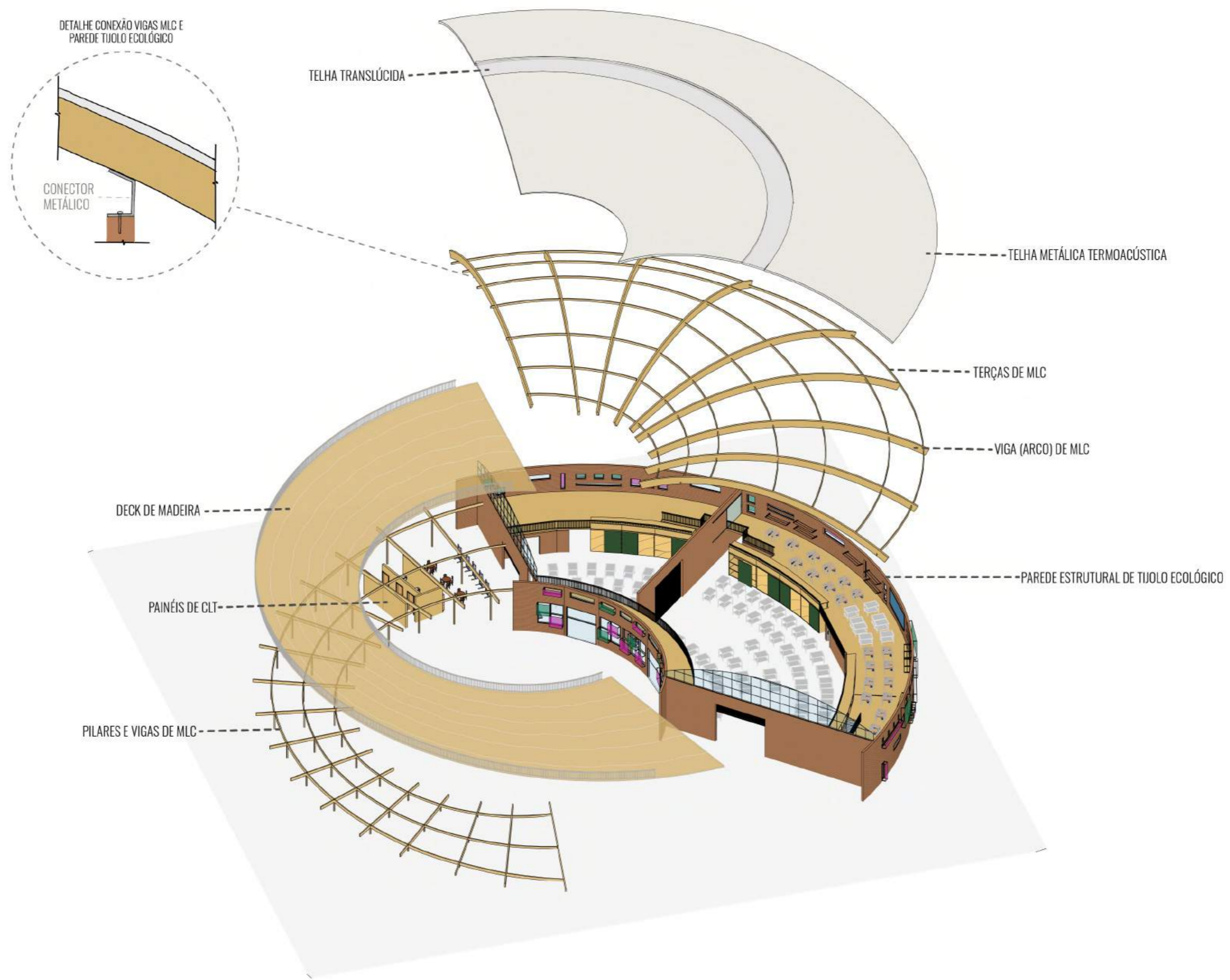
Cabe ressaltar que o barracão da Unidos do Shangai projetado aqui possui espaço para 3 carros alegóricos, mesmo que o regulamento oficial da cidade preveja apenas 2 carros para as escolas do Grupo Especial. Com isso, o presente projeto também prevê a expansão dos trabalhos carnavalescos da escolas e, conseqüentemente, da valorização do carnaval campineiro.

Para além do barracão e ateliê como áreas de arte e cultura, o projeto do edifício também prevê um grande pátio multiuso, servindo tanto para atividades da escola, atuando como sua quadra, como para atividades da comunidade em geral, por exemplo exposições, assembléias, ensaios da bateria da Unidos do Shangai ou como um local de encontro e passagem no meio do parque linear.





USOS DO PÁTIO - ENSAIO DA BATERIA DA ESCOLA DE SAMBA



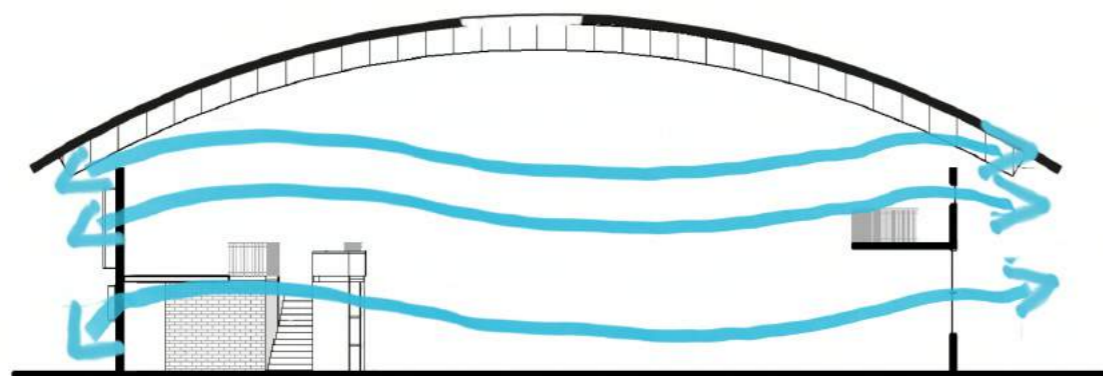
PERSPECTIVA EXPLODIDA SISTEMAS ESTRUTURAIS

Tendo em vista a sustentabilidade, já considerada no projeto do parque linear, e a forte relação de ancestralidade que o carnaval e principalmente o samba evocam, foram pensados materiais sustentáveis, que permitem a construção em comunidade, como a madeira - especificamente a madeira laminada colada (MLC) e a madeira laminada cruzada (CLT em inglês)- e o tijolo ecológico - uma mistura entre solo, cimento e água que pode ser moldado in loco e não necessita ser queimado - e que são altamente eficientes no isolamento térmico e acústico.

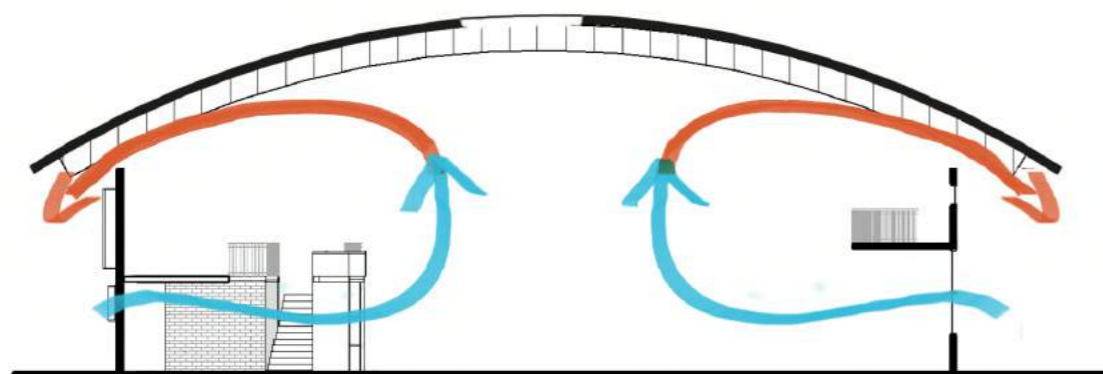


FIGURA 76 - TIJOLOS ECOLÓGICOS. FONTE: LAPIN TIJOLOS

Pensando também a sustentabilidade no âmbito da ventilação natural, foram propostas diversas aberturas nas quatro fachadas e um distanciamento da cobertura das paredes estruturais por meio de conectores metálicos para uma circulação de ar eficiente, com entrada de ar mais frio (em azul) pelas abertuas mais baixas e saída de ar quente (em vermelho) nas aberturas superiores.

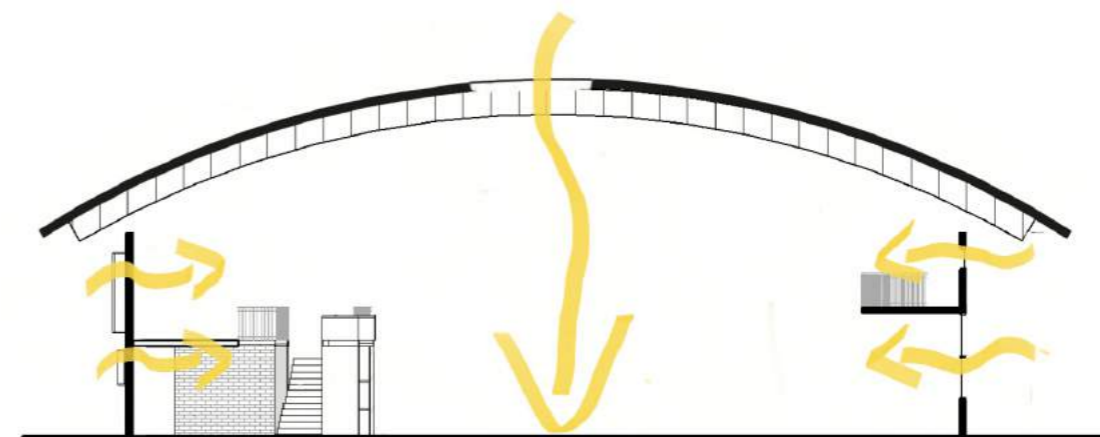


CORTE ESQUEMÁTICO VENTILAÇÃO CRUZADA

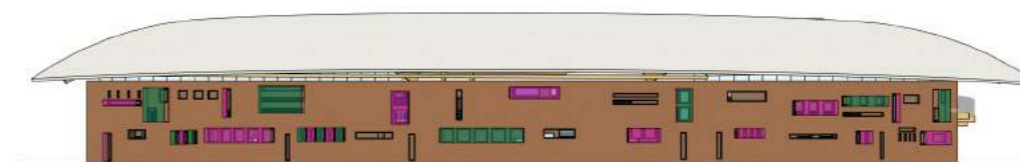


CORTE ESQUEMÁTICO VENTILAÇÃO NATURAL EFEITO CHAMINÉ

No âmbito da iluminação natural, além das aberturas nas quatro fachadas, optou-se também pelo uso de beirais em todas as fachadas, permitindo uma iluminação indireta e maior controle da temperatura interna ao se evitar parte da radiação solar nas paredes. Importante destacar que grande parte das aberturas nas fachadas possuem dispositivos de sombreamento em tecido que controla a entrada de luz natural mas permite a entrada de ar. Os tecidos desses dispositivos adotam as cores da escola, verde e rosa, caracterizando o barracão da Unidos do Shangai. Além disso, foi proposta uma faixa longitudinal do telhado de telha translúcida, que permite uma entrada controlada de luz em todo e edifício do barracão e do ateliê.



CORTE ESQUEMÁTICO ILUMINAÇÃO NATURAL



DISPOSITIVOS DE SOMBREAMENTO NA FACHADA SUDESTE



# REFERÊNCIAS

ACADÊMICOS DO SALGUEIRO. **Barracão**. 2013. Disponível em: <<https://www.salgueiro.com.br/barracao/>>. Acesso em: 20 out 2023

ASSIS, Francisco Fagner Costa de. **O impacto social das escolas de samba do Rio de Janeiro através dos seus projetos sociais, o exemplo da Mocidade Independente de Padre Miguel**. Trabalho de Conclusão de Curso (Gestão de Produção Cultural) - Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2019.

AZEVEDO, Amailton Magno. Samba: um ritmo negro de resistência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 70, p. 44-58, ago. 2018.

BACCHI, Gabriela. **A produção habitacional da COHAB-Campinas/SP de 1965 a 2000: entre a prática e a crítica**. Relatório Iniciação Científica. - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Carlos - SP, 2017.

BADARÓ, Ricardo de Souza Campos. **Campinas: o despertar da modernidade**. Campinas. Área de publicações CMU/UNICAMP, 1996.

BARONETTI, Bruno Sanches. **Da Oficialização ao Sambódromo: Um estudo sobre as escolas de samba de São Paulo (1968- 1996)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) - FFLCH, USP., São Paulo.

BEGATTI, Silvio. **Por onde andam as escolas de samba de Campinas?**. Hora Campinas. 2023. Disponível em: <<https://horacampinas.com.br/por-onde-andam-as-escolas-de-samba-de-campinas/>>. Acesso em: 15 abr. 2023

BELITARDO, Adele Sá Martins. PELAS VIAS, PELAS VEIAS: CARNAVAL, CIDADE E URBANISMO EM SALVADOR . In: **ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA**, 17, 2021. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132144.pdf>>. Acesso em: 10 novembro 2022

BISHOP, Claire. **Palace in Plunderland**. Artforum. 2018. Disponível em: <<https://www.artforum.com/print/201807/palace-in-plunderland-76327>>. Acesso em: 20 dezembro 2022

BRASIL. **Lei Nº 14.567**, de 4 de maio de 2023. Reconhece as escolas de samba como manifestação da cultura nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2023.

CALIXTO, Guida. **Territórios negros: nossas raízes vem de longe**. 2022.

CAMPINAS. **Decreto n.º 18.635, de 29 de janeiro de 2015**. Dispõe sobre o regulamento do carnaval oficial de 2015. Diário Oficial da Prefeitura Municipal de Campinas. Campinas, SP, n.11.045, p. 1-2. 30 jan. 2015. Disponível em: <<https://www.campinas.sp.gov.br/uploads/pdf/1213406062>

pdf>. Acesso em: 17 setembro 2023.

CAMARGO, Camila Moreno de. **Habitação coletiva popular na área central de Campinas: tendências e caracterização**. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2010. doi:10.11606/D.18.2010.tde-05012011-155420. Acesso em: 17 abr. 2023.

CHRIST, Giovana. **O carnaval não está nos museus**. Editorial SP-ARTE. 2021. Disponível em: <<https://www.sp-arte.com/editorial/o-carnaval-nao-esta-nos-museus/>> . Acesso em: 12 novembro 2022

FOSTER, Hal. **O complexo arte-arquitetura**. São Paulo: Ubu, 2017. 288 p.

FOSTER, Hal. **O que vem depois da farsa?**. São Paulo: Ubu, 2021. 192 p.

GARCIA, Cecília. **“O carnaval de rua impulsiona a criação, o inusitado, o novo”**. Portal Aprendiz. 2019. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2019/03/01/o-carnaval-de-rua-impulsiona-criacao-o-inusitado-o-novo/>>. Acesso em: 20 mar. 2023

GHIRELLO, Bárbara Campidelli. **Ideário Progressista e Planejamento Urbano: dos territórios negros à cidade dos barões de café**. Regional Studies. 2018. Disponível em: <[https://www.regionalstudies.org/wp-content/uploads/2018/07/Bárbara\\_Campidelli\\_Ghirello.pdf](https://www.regionalstudies.org/wp-content/uploads/2018/07/Bárbara_Campidelli_Ghirello.pdf)> Acesso em: 20 mai. 2023.

GHIRELLO, Bárbara Campidelli. **Negros e brancos: identidade e território em Campinas (1888-1956)**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Centro de Ciências Exatas, Ambientais e Tecnologia, PUC Campinas, Campinas - SP, 2018.

GIESBRECHT, Érica. **Jongos, Batuques e Sambas de Bumbo: Dançando a memória negra de Campinas**. 2014. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4576297/mod\\_resource/content/1/GIESBRECHT%20E.%20Jongos%20Batuques%20e%20Sambas%20de%20Bumbo-%20Dançando%20a%20Memória%20Negra%20de%20Campinas.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4576297/mod_resource/content/1/GIESBRECHT%20E.%20Jongos%20Batuques%20e%20Sambas%20de%20Bumbo-%20Dançando%20a%20Memória%20Negra%20de%20Campinas.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2023.

GIGLIO, E. M.; SILVA, Z.; CRUZ, L. G. **As Escolas de Samba do Brasil como espaço social de educação e inclusão social**. In: L. Habib-Mireles (Coord.), Tecnología, diversidad e inclusión: repensando el modelo educativo. (p. 33-44). Eindhoven, Holanda: Adaya Press. 2020. Disponível em: <<https://www.adayapress.com/wp-content/uploads/2020/06/rmed4.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Revista Piauí**, [s. l.], ed. 82, 2013. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-direito-a-cidade/>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. 144 p.

LIMA, Ivan Oliveira. **Conjuntos habitacionais e segregação socioespacial: o Distrito Industrial de Campinas (DIC)**. 2013. 143 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1622458>. Acesso em: 20 mai. 2023.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da História Social do Samba**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 395 p.

MARTINS, Alessandra Ribeiro. **A cultura popular na visão de Alessandra Ribeiro**. [Entrevista concedida a] Karina Fusco. Correio Popular. 2022. Disponível em: <https://correio.rac.com.br/entretenimento/a-cultura-popular-na-vis-o-e-ac-o-de-alessandra-ribeiro-1.1134746>. Acesso em: 25 mai. 2023.

MARTINS, Alessandra Ribeiro. **Matriz Africana em Campinas: Territórios, memória e representação**. Tese (Doutorado em Urbanismo) - Centro de Ciências Exatas, Ambientais e Tecnologia, PUC Campinas, Campinas - SP, 2016.

MESTRINEL, Francisco de Assis Santana. O samba e o carnaval paulistano. **Revista Histórica: Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, São Paulo, ed. 40, p. 1-10, 2010. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao40/materia06/texto06.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

NATAL, Vinícius. A sociabilidade nas quadras de escolas de samba. **Pensamento Social do Samba**. 2020. Disponível em: <https://www.pensamentosocialdosamba.com/post/a-sociabilidade-nas-quadras-de-escolas-de-samba>. Acesso em: 10 out 2023

NETO, Lira. **Uma história do samba: as origens**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2017. 319 p. v. 1

OLIVEIRA, Ane Caroline de; SILVA, Diana Franco da; ALVES, Renato Felipe Gomes Bezerra; SILVEIRA, Sidoney Onezio. **Logística do processo de produção das escolas de samba para o carnaval**. In: FATECLOG, XI., 2020, Bragança Paulista. [...]. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: [https://fateclog.com.br/anais/2020/LOGÍSTICA%20DO%20PROCESSO%20DE%20PRODUÇÃO%20DAS%20ESCOLAS%20DE%20SAMBA%20PARA%20O%20CARNAVAL\(1\).pdf](https://fateclog.com.br/anais/2020/LOGÍSTICA%20DO%20PROCESSO%20DE%20PRODUÇÃO%20DAS%20ESCOLAS%20DE%20SAMBA%20PARA%20O%20CARNAVAL(1).pdf). Acesso em: 6 set. 2023.

PEDROSA, Mário. Arte culta e arte popular. **Comunicação ao Seminário de Arte Popular** (Ci-

dade do México, 1975). In: Arte. Ensaio: Mário Pedrosa. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 538.

Prefeitura Municipal de Campinas. **Caderno Curricular Temático da Educação Básica Ações Educacionais em Movimento**. Volume 2. Campinas, 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. O prefeito de Campinas [...]. Campinas, 24 fev. 2023. **Instagram**: @campinas.culturaturismo. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CpC71-DpO6hb/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D](https://www.instagram.com/p/CpC71-DpO6hb/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D). Acesso em: 26 fev. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. **Relatório de Informações Sociais do Município de Campinas**. Campinas, 2016. Relatório Final.

RAMOS, Augusto Machado. **Samba, memória e realidade afro paulista na Campinas contemporânea**. Iniciação científica. Centro de Memória UNICAMP. UNICAMP, Campinas - SP, 2010.

RIBEIRO, Bruno. **A suprema elegância do samba: notas sobre Campinas**. 2020. Disponível em: <https://ihggcampinas.org/2020/04/06/a-suprema-elegancia-do-samba-notas-sobre-campinas/>. Acesso em: 17 mai. 2023.

SANTOS, Antonio da Costa. **Campinas, das origens ao futuro: compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiá (1732-1992)**. Campinas. Editora da UNICAMP, 2002.

SAPIA, Jorge Edgardo. **Blocos de Carnaval: a arte do encontro nas ruas da cidade**. 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/5192935/Blocos\\_de\\_Carnaval\\_a\\_arte\\_do\\_encontro\\_nas\\_ruas\\_da\\_cidade#:~:text=1%20Blocos%20de%20Carnaval%3A%20a,valor%20de%20uso%20da%20cidade.>](https://www.academia.edu/5192935/Blocos_de_Carnaval_a_arte_do_encontro_nas_ruas_da_cidade#:~:text=1%20Blocos%20de%20Carnaval%3A%20a,valor%20de%20uso%20da%20cidade.>). Acesso em: 12 novembro 2022

SEMEGHINI, Ulisses. **Gestão Metropolitana, possibilidades e limites: A experiência de Campinas**. Campinas, UNICAMP. Instituto de Economia (Tese de Doutorado), 2006.

SIMSON, Olga Rodrigues de M. Von. **Carnaval em Branco e Negro**. Carnaval Popular Paulistano - 1914-1988. 1 ed. Campinas: Editora da UNICAMP/Editora da USP, 2007. v. 1. 250p.

SIMSON, Olga Rodrigues de M. von. **O samba em Campinas: histórias e memórias dos negros escravizados**. 2019. Disponível em: <https://ihggcampinas.org/2019/02/26/o-samba-em-campinas-historias-negros-escravizados/>. Acesso em: 10 mai. 2023.

SIMSON, Olga Rodrigues de M. von. **Samba paulista: experiências, histórias e memórias da estratégica trajetória dos negros**. 2017. Disponível em: <https://ihggcampinas.org/2017/06/20/539/>. Acesso em: 10 mai. 2023.

SOUZA, Carlos Roberto Pereira de; SIMSON, Olga Rodrigues de M. von. O samba em Campinas: sua evolução e diversificação ao longo do tempo. In: **ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL**, 10, 2013. Campinas - SP. Anais [...]. Campinas. 2013

VALOURA, Thales. Salgueiro e Rosa Magalhães no Parque Lage: encontros e desencontros entre carnaval e arte In: **ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE**, 15, 2021, virtual. Atas do XV Encontro de História da Arte. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 15, 2022.

VILELA, Américo Batista. **História das atividades carnavalescas em Campinas**. 2021. Disponível em: <<https://ihggcampinas.org/2021/03/18/historia-das-atividades-carnavalescas-em-campinas/>>. Acesso em: 04 mai. 2023.

